UMA CASA NA PRADARIA

4



Laura Ingalls Wilder

NAS MARGENS DE PLUM CREEK

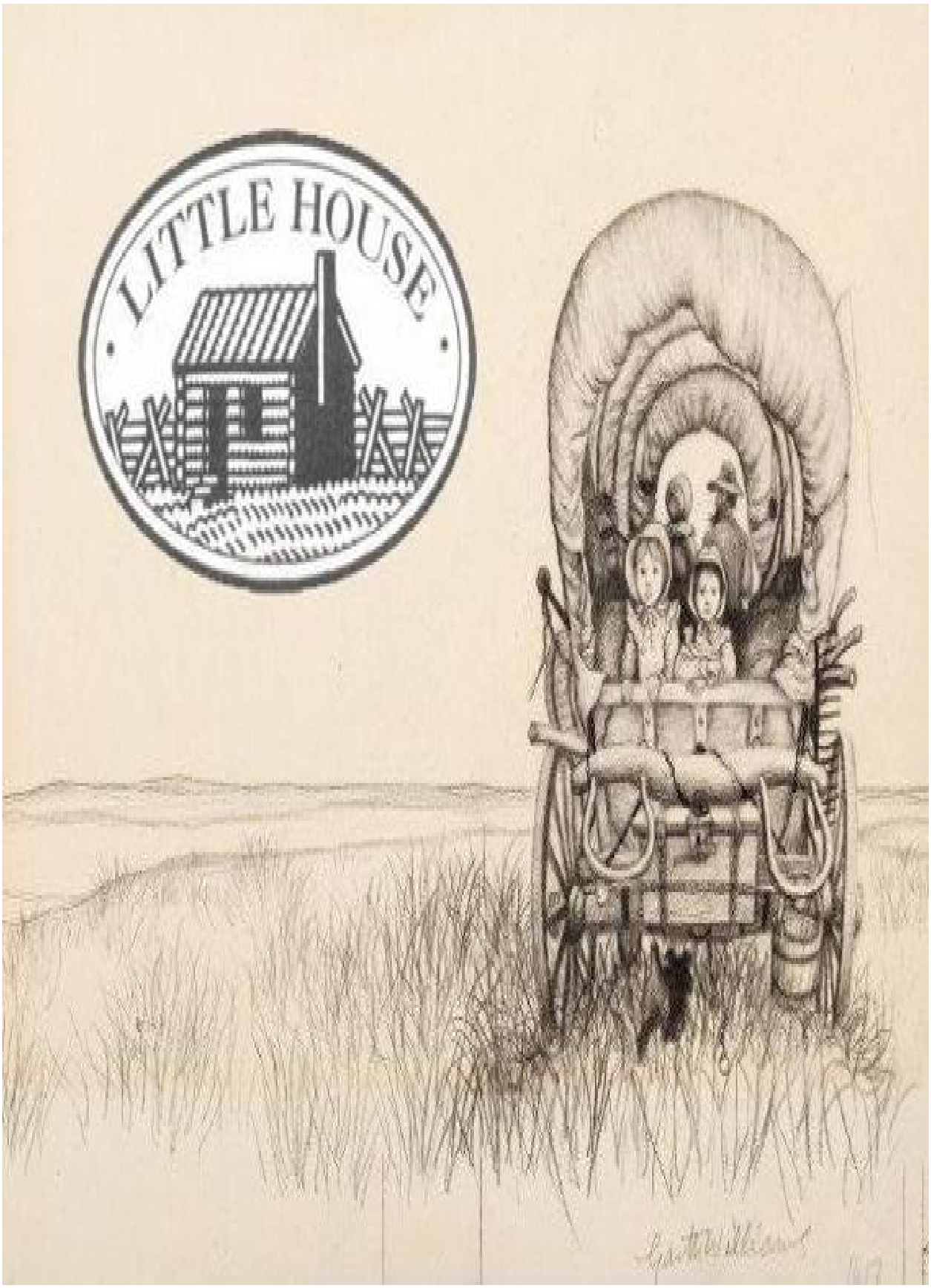
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Nas Margens de Plum Creek

Laura Ingalls Wilder

Título original norte-americano:
On the Banks of Plum Creek

Ano original de lançamento:
1937


LITTLE HOUSE

Série A Casa Na Pradaria – Vol. 4

Conheça a série completa de livros de aventuras da família de Laura Ingalls

OBRAS DA AUTORA:
UMA CASA NA GRANDE FLORESTA - Vol. 01
UMA CASA NA PRADARIA - Vol. 02
O JOVEM FAZENDEIRO - Vol. 03
NAS MARGENS DE PLUM CREEK - Vol. 04
À MARGEM DA LAGOA PRATEADA - Vol. 05
O LONGO INVERNO - Vol. 06
UMA PEQUENA CIDADE NA PRADARIA - Vol. 07
ANOS FELIZES - Vol. 08
OS PRIMEIROS QUATRO ANOS (publicado postumamente) - Vol. 09
O LONGO CAMINHO DE CASA (publicado postumamente) - Vol 10

Em inglês(originais):
(1932) Little House in the Big Woods
(1933) Farmer Boy – About Almanzo Wilder growing up in New York
(1935) Little House on the Prairie
(1937) On the Banks of Plum Creek
(1939) By the Shores of Silver Lake
(1940) The Long Winter
(1941) Little Town on the Prairie
(1943) These Happy Golden Years
(1962) On the Way Home (published posthumously) – Diary of the Wilders' move from De Smet, South Dakota to Mansfield, Missouri, edited and supplemented by Rose Wilder Lane
(1971) The First Four Years (posth.)
(1974) West from Home (posth.) – Wilder's letters to Almanzo while visiting Lane in San Francisco



Série UMA CASA NA PRADARIA - Vol. 04

A obra que deu origem à série de TV - A vida árdua de uma família no oeste selvagem…
Uma obra para ser lida por crianças, jovens e adultos.

Sumário

CAPA
Série A Casa Na Pradaria
1. A PORTA NO CHÃO
2. A CASA NO CHÃO
3. JUNCOS E CRISTAS-DE-GALO
4. ÁGUA FUNDA
5. ESTRANHO ANIMAL
6. COROA DE ROSAS
7. BOI NO TELHADO
8. MONTE DE PALHA
9. TEMPO DE GAFANHOTOS
10. GADO NO FENO
11. EM DISPARADA
12. OS CAVALOS DO NATAL
13. UM NATAL FELIZ.
14. CHEIA PRIMAVERIL.
15. PONTE PARA PEDESTRES.
16. A CASA MARAVILHOSA.
17. MUDANÇA.
18. O VELHO CARANGUEJO E AS SANGUESSUGAS.
19. ARMADILHA PARA PEIXE.
20. ESCOLA.
21. NELLIE OLESON.
22. FESTA NA CIDADE.
23. FESTA NO CAMPO.
24. IDA À IGREJA.
25. A NUVEM CINTILANTE.
26. OVOS DE GAFANHOTO.
27. CHUVA.
28. A CARTA.
29. A HORA MAIS ESCURA É IMEDIATAMENTE ANTES DA ALVORADA.
30. IDA À CIDADE.
31. SURPRESA.
32. A MARCHA DOS GAFANHOTOS.

33. RODAS DE FOGO.
34. MARCAS NA ARDÓSIA.
35. TOMANDO CONTA DA CASA.
36. INVERNO NA PRADARIA.
37. A LONGA NEVASCA.
38. O DIA DOS JOGOS.
39. O TERCEIRO DIA.
40. O QUARTO DIA.
41. VÉSPERA DE NATAL.



1

A PORTA NO CHÃO

O leve rasto das rodas não avançava mais na pradaria e o pai parou os cavalos.

Quando as rodas do carroção deixaram de girar, Jack deixou-se cair na sombra entre elas. A sua barriga mergulhou na erva e as suas patas dianteiras estenderam-se. Ajeitou o focinho na cavidade peluda. Todo ele descansava, exceto as orelhas.

Todo o santo dia, durante muitos, muitos dias, Jack trotara debaixo do carroção. Trotara todo o caminho, da casinha de troncos do Território índio para uma longa distância no interior do Minnesota, atravessando Kansas, Missouri e Iowa. Aprendera a descansar sempre que o carroção parava.

Laura levantou-se e Maria imitou-a. Tinham as pernas cansadas de não se mexerem.

— Deve ser este o lugar - disse o pai. - Fica uns oitocentos metros a montante do ribeiro, contando da casa de Nelson. Percorremos uns bons oitocentos metros, e ali está o ribeiro.

Laura não via ribeiro nenhum. Via um aterro ervoso e para lá dele uma enfiada de copas de salgueiros, ondulando ao vento brando. Tirando isso, as ervas da pradaria ondulavam em toda a parte, mesmo até à beirinha do céu.

— Parece haver ali uma espécie de estábulo - disse o pai, olhando para lá da orla da cobertura de lona do carroção. - Mas onde está a casa?

Laura deu um pulo, assustada. Estava um homem parado ao lado dos cavalos. Não estivera ninguém à vista em lado nenhum, mas de repente o homem aparecera ali. Tinha cabelo amarelo-claro, cara redonda vermelha como a de um índio e olhos tão claros que dava a impressão de ter havido um erro qualquer. Jack rosnou.

— Quieto, Jack! - ordenou o pai, que perguntou ao homem: - É o Sr. Hanson?

— Sou - respondeu o homem.

O pai falou devagar e em voz alta: — Ouvi dizer que queria seguir para oeste. Troca a sua casa?

O homem olhou devagar para o carroção. Olhou também para os cavalos, Pet e Patty. Passado um bocado, respondeu: — Sim.

O pai apeou-se do carroção e a mãe disse;

— Podem descer, pequenas, sei que estão cansadas de estar quietas.

Jack levantou-se quando Laura desceu pela roda do carroção, mas teve de ficar onde estava; só poderia sair quando o pai lho dissesse. Ficou olhando para Laura, enquanto ela corria por um carreirinho que ali havia.

O carreiro atravessava a erva curta e cheia de sol até à beira do aterro. Em baixo ficava o ribeiro, que se encrespava e luzia ao sol. Os salgueiros erguiam-se do outro lado da água.

O caminho passava pela orla do aterro, curvava e descia, bem encostado à margem ervosa que subia como uma parede.

Laura desceu-o, cautelosamente. O aterro continuou a subir a seu lado, até ela deixar de ver o carroção. Por cima dela só havia o céu alto e lá muito em baixo a água falava sozinha. Laura deu mais um passo, e depois outro. O carreiro terminava num lugar mais largo e plano, onde virava e descia para o ribeiro, em degraus. Foi então que Laura viu a porta.

A porta erguia-se no aterro relvoso, no ponto onde o carreiro virava. Era como a porta de uma casa, mas o que ficava atrás dela estava debaixo do chão. A porta estava fechada.

Defronte dela encontravam-se dois grandes cães, de focinho feio. Levantaram-se devagar, ao verem Laura.

Laura correu muito depressa pelo carreiro acima, para a segurança do carroção. Maria estava parada ao pé dele e Laura segredou-lhe: — Há uma porta no chão e dois grandes cães… - Olhou para trás: os dois cães vinham aí.

O rosnar profundo de Jack soou debaixo do carroção. Mostrou aos cães desconhecidos os dentes ferozes.

— Os cães são seus? - perguntou o pai ao Sr. Hanson.

O Sr. Hanson virou-se e disse palavras que Laura não conseguiu compreender. Mas os cães compreenderam: um atrás do outro, desceram pela beira do aterro e desapareceram.

O pai e o Sr. Hanson foram devagar na direção do estábulo. Este era pequeno e não era feito de troncos. Crescia-lhe erva nas paredes e o telhado estava coberto de erva alta, ondulando ao vento.

Laura e Maria deixaram-se ficar perto do carroção, onde Jack estava. Olharam para a erva, que ondulava e se dobrava, e para as flores amarelas, que pareciam acenar com a cabeça. Pássaros levantavam voo, voavam e voltavam a desaparecer entre a erva. O céu curvava, muito alto, e o seu extremo descia muito certinho até à beira distante da Terra redonda.

Quando o pai e o Sr. Hanson voltaram, ouviram o pai dizer: — Está bem, Hanson. Amanhã vamos à cidade e assinamos os papéis. Esta noite acampamos aqui.

— Sim, sim - concordou o Sr. Hanson.

O pai meteu Maria e Laura no carroção e seguiu para a pradaria. Disse à mãe que trocara Pet e Patty pela terra do Sr. Hanson. E trocara Bunny, a mulinha, e a cobertura do carroção, pelas searas e pelos bois do Sr. Hanson.

Desatrelou Pet e Patty e foi dar-lhes de beber ao ribeiro. Depois amarrou-os às cordas e ajudou a mãe a preparar tudo para passarem a noite. Laura estava sossegada. Não lhe apetecia brincar e não tinha fome quando se sentaram comendo o jantar junto da fogueira.

— Esta é a última noite ao ar livre - disse o pai. - Amanhã estaremos de novo instalados. A casa é no aterro do rio, Carolina.

— Oh, Charles! - exclamou a mãe - Um abrigo na terra. Ainda nunca tínhamos tido de viver num abrigo na terra.

— Creio que vais achá-lo muito limpo - disse o pai. - Os Noruegueses são asseados. Será aconchegado no Inverno, que não está longe.

— Sim, será agradável estarmos instalados antes de começar a nevar - concordou a mãe.

— Será só até eu colher a primeira seara de trigo - prometeu o pai. - Depois terás uma bela casa e eu terei cavalos e talvez, até, uma charrete. Esta é uma grande região para trigo, Carolina! Terra fértil e plana, sem uma árvore ou uma pedra dificultando o trabalho. Não consigo perceber o que levou o Hanson a semear um campo tão pequeno. A estação deve ter sido seca ou então o Hanson não percebe nada de lavoura. O seu trigo está muito fraco e ralo.

Para lá da luz da fogueira, Pet, Patty e Bunny comiam erva. Arrancavam-na com movimentos rápidos e depois ficavam a mastigá-la e a olhar através do escuro para as estrelas baixas, que brilhavam. Agitavam a cauda, tranquilamente. Não sabiam que tinham sido trocados.

Laura já era uma menina crescida, com sete anos. Crescida de mais para chorar. Mas não pôde deixar de perguntar: — Pá, teve de lhe dar Pet e Patty? Teve, Pá?

O braço do pai apertou-a a si, num abraço aconchegado.

— Bem, Meia Canequinha, Pet e Patty gostam de viajar. São garranozinhos índios, Laura, e lavrar é trabalho demasiado duro para eles. Sentir-se-ão muito mais felizes viajando para oeste. Não quererias com certeza que ficassem aqui, a sofrerem puxando um arado. Pet e Patty continuarão a viajar e com aqueles grandes bois poderei desbravar um grande campo e tê-lo pronto para semear trigo na próxima Primavera.

“Uma boa colheita de trigo dar-nos-á mais dinheiro do que alguma vez tivemos, Laura. Então teremos cavalos, vestidos novos e tudo quanto possas desejar.

Laura não disse nada. Sentia-se melhor com o braço do pai a envolvê-la, mas a única coisa que queria era ficar com Pet, Patty e Bunny, a mulinha de orelhas compridas.

2

A CASA NO CHÃO

De manhãzinha cedo, o pai ajudou o Sr. Hanson a mudar os arcos e a cobertura do carroção para o do Sr. Hanson. Depois tiraram tudo da casa aberta no chão, subiram o aterro e meteram as coisas no vagão coberto.

O Sr. Hanson ofereceu-se para ajudar a transportar as coisas do carroção do pai para a casa, mas a mãe disse: — Não, Charles. Mudamo-nos quando tu voltares.

Por isso, o pai atrelou Pet e Patty ao carroção do Sr. Hanson, e Bunny atrás, e partiu para a cidade com o norueguês.

Laura viu partir Pet, Patty e Bunny. Os olhos doíam-lhe e a garganta doía-lhe. Pet e Patty arquearam o pescoço e a sua crina e a sua cauda ondularam ao vento. Partiram alegremente, sem saberem que nunca mais voltariam.

O ribeiro cantava para consigo mesmo entre os salgueiros e o vento brando dobrava a erva do alto do aterro. O sol brilhava e a toda a volta do carroção havia espaço limpo e vasto, para explorar.

A primeira coisa a fazer era desamarrar Jack da roda do carroção. Os dois cães do Sr. Hanson tinham-se ido embora e Jack podia correr por ali, como lhe apetecesse. Estava tão satisfeito que saltou para cima de Laura, para lhe lamber a cara, e a fez sentar-se com força. Depois desceu pelo carreiro abaixo e Laura foi atrás dele.

A mãe pegou em Carrie e disse: — Anda, Maria, vamos ver o abrigo.

Jack foi o primeiro a chegar à porta, que estava aberta. Olhou para o interior e depois esperou por Laura.

A toda a volta da porta cresciam trepadeiras verdes, que irrompiam do aterro ervoso e estavam cheias de flores. Flores encarnadas e azuis, cor de púrpura e rosadas, brancas e às riscas, tinham todas a corola bem aberta, como se glorificassem a manhã. Eram flores de ipomeias([1]).

*__1__. Trepadeiras que em inglês se chamam morning-glory: glória da manhã. (N. da T.)

Laura passou por baixo das flores que pareciam cantar e entrou na casa escavada na terra. Era só uma sala, toda branca. As paredes de terra tinham sido alisadas e caiadas. O chão de terra também estava liso e duro, batido.

Quando a mãe e Maria pararam à porta, a luz esmoreceu. Havia uma janelinha de papel encerado ao lado da porta, mas a parede era tão grossa que a

luz da janela não se afastava dela.

A parede da frente era feita de terra da pradaria: o Sr. Hanson escavara a casa e depois cortara longas faixas de terra, raízes e erva da pradaria e colocara-as umas em cima das outras, para fazer a parede da frente. Era uma boa parede grossa, sem uma fendazinha sequer. Por aquela parede não conseguiria entrar frio nenhum.

A mãe ficou satisfeita.

— É pequena, mas é limpa e agradável - disse. Depois olhou para o teto e acrescentou: - Olhem, filhas!

O teto era de feno. Tinham sido colocados ramos de salgueiros muito bem unidos e entrelaçados, mas aqui e ali via-se o feno que tinha sido espalhado sobre eles.

— Bem! - exclamou a mãe.

Voltaram todas ao caminho e pararam no telhado da casa. Ninguém diria que era um telhado. Crescia-lhe em cima erva, que ondulava ao vento, exatamente como toda a erva existente ao longo do aterro do ribeiro.

— Meu Deus! - exclamou a mãe. - Qualquer pessoa podia passar por cima desta casa sem saber que ela aqui estava.

Mas Laura viu qualquer coisa… Inclinou-se, afastou a erva com as mãos e gritou: — Encontrei o buraco da chaminé! Olha, Maria! Olha!

A mãe e Maria pararam para olhar, e Carrie debruçou-se dos braços da mãe e olhou, e Jack empurrou para olhar. Viam perfeitamente a sala caiada de branco que ficava debaixo da erva.

Continuaram a olhar até a mãe dizer: — Vamos varrer a casa e levar para lá o que pudermos, até o pai chegar. Maria e Laura, tragam os baldes da água.

Maria levou o balde grande e Laura o pequeno, e desceram outra vez o carreiro. Jack correu à frente delas e foi ocupar o seu lugar junto da porta.

A mãe encontrou a um canto uma vassoura de rama de salgueiro e passou-a cuidadosamente pelas paredes. Maria ficou tomando conta de Carrie, para que ela não caísse ao ribeiro, e Laura pegou no balde pequeno e foi buscar água.

Desceu os degraus aos saltinhos, até à ponta de uma pontezinha que atravessava o ribeiro e que era constituída por uma tábua larga. A sua outra extremidade ficava debaixo de um salgueiro.

Os salgueiros altos agitavam as folhas finas contra o céu e salgueirinhos pequenos cresciam à sua volta, em moitas. Sombreavam o chão todo, que estava fresco e nu. O carreiro atravessava-o até uma nascentezinha, da qual corria água fria e clara para um pequeno charco, de onde escorria para o ribeiro.

Laura encheu o pequeno balde e regressou pela ponte soalheira e pelos degraus acima. Andou assim para trás e para diante, a carregar água no balde

pequeno e a despejá-la no grande, que estava em cima de um banco, do lado de dentro da entrada.

Depois ajudou a mãe a trazer do carroção tudo quanto podiam carregar. Tinham levado quase tudo para a casa quando o pai desceu ruidosamente o carreiro. Trazia um pequeno fogão de folha e dois pedaços de cano de chaminé.

— Ufa! - exclamou, ao pousá-los no chão. - Ainda bem que só tive de carregá-los uns cinco quilômetros! Calcula, Carolina, a cidade fica apenas a cinco quilômetros de distância! Um agradável passeio, mais nada. Bem, o Hanson vai a caminho do Oeste e isto é nosso. Que tal achas, Carolina?

— Gosto - respondeu a mãe. - Mas não sei que fazer quanto às camas. Não quero pô-las no chão.

— Que mal tem isso? - perguntou-lhe o pai. - Temos andado a dormir no chão.

— Isso é diferente. Não gosto de dormir no chão numa casa.

— Bem, isso remedeia-se depressa - tranquilizou-a o pai. - Corto uns ramos de salgueiro, para se estenderem as camas esta noite. Amanhã hei de arranjar uns troncos de salgueiro direitos, para fazer duas camas.

Pegou no machado e subiu o carreiro assobiando, passou por cima da casa e desceu pela encosta do outro lado, para o rio. Aí havia um valezinho onde os salgueiros eram muito bastos e cresciam a todo o comprimento, ao lado da água.

Laura correu atrás dele, a gritar, ofegante: — Deixe-me ajudar, Pá! Posso levar alguns.

— Pois claro que podes - disse o pai, a olhá-la com os olhos a brilhar. - Não há nada como uma ajuda, quando um homem tem muito que fazer.

O pai dizia muitas vezes que não sabia como se arranjaria sem Laura. Ela ajudara-o a fazer a porta da casa de troncos do Território índio. Desta vez ajudou-o a transportar os ramos folhosos dos salgueiros e a espalhá-los no chão da casa. Depois foi com ele para o estábulo .

Todas as quatro paredes eram feitas de tiras de terra e raízes da pradaria, e o telhado era de ramos de salgueiro e feno, com camadas de terra e raízes por cima. O teto era tão baixo que a cabeça do pai lhe tocava quando se endireitava. Havia uma manjedoura de varas de salgueiro, à qual estavam amarrados dois bois. Um era um enorme boi cinzento, com chifres curtos e olhos meigos. O outro era mais pequeno, com chifres ferozes e compridos e olhos bravios. Era todo ele castanho-avermelhado.

— Olá, Brilhante - disse-lhe o pai. - E como vais tu, velho Pete? - perguntou ao boi grande, a dar-lhe palmadinhas. - Afasta-te do caminho, Laura, até sabermos como este gado se porta. Temos de os levar a beber água.

Atou-lhes cordas à volta dos chifres e tirou-os do estábulo. Seguiram-no

devagar pela encosta abaixo, até um caminho plano que levava, através de caniços verdes, à beira nivelada do ribeiro. Laura foi, vagarosa, atrás deles. Tinham pernas desajeitadas e grandes cascos rachados ao meio. O seu nariz era largo e viscoso.

Laura ficou do lado de fora do estábulo, enquanto o pai os amarrava de novo à manjedoura. Depois regressou com ele a casa.

— Pá - perguntou, numa vozinha fraca -, Pet e Patty queriam mesmo ir para o Oeste?

— Queriam, sim, Laura.

—Oh, Pá - exclamou, com uma tremura na voz -, não me parece que goste de gado… muito!

O pai pegou-lhe na mão e confortou-a na sua, que era muito grande.

— Devemos fazer o melhor que pudermos, Laura, sem resmungar. O que tem de ser feito faz-se melhor com alegria. E um dia voltaremos a ter cavalos.

— Quando, Pá?

— Quando colhermos a nossa primeira seara de trigo.

Depois entraram em casa. A mãe estava bem disposta, Maria e Carrie já estavam lavadas e penteadas e estava tudo arrumado. As camas estavam feitas em cima dos ramos de salgueiro e o jantar estava pronto.

Depois do jantar sentaram-se todos no carreiro diante da porta. O pai e a mãe estavam sentados em caixas, Carrie estava aninhada, sonolenta, no colo da mãe, e Maria e Laura estavam sentadas no carreiro duro, com as pernas suspensas da sua beira aguçada. Jack andou à roda três vezes e deitou-se com a cabeça encostada ao joelho de Laura.

Estavam todos calados, olhando através do Plum Creek e dos salgueiros, vendo o Sol pôr-se muito longe, a ocidente, sobre as terras da pradaria.

Por fim, a mãe respirou fundo.

— É tudo tão sossegado e tranquilo! - exclamou. - Esta noite não haverá lobos uivando nem índios gritando. Há muito tempo que não me sentia tão segura e descansada.

O pai respondeu-lhe, com a sua voz vagarosa: — Estamos, realmente, em segurança. Aqui nada pode acontecer. As cores apaziguadoras desdobravam-se a toda a volta da beira do céu. Os salgueiros murmuravam e a água falava sozinha, no crepúsculo. A terra estava cinzento-escura e o céu cinzento-claro, todo salpicado de estrelas.

— São horas de dormir - disse a mãe. - E cá está uma novidade: é a primeira vez que vamos dormir numa casa aberta na terra. - Riu-se e o pai riu docemente com ela.

Laura deitou-se e ficou ouvindo a água falar e os salgueiros murmurar.

Preferia dormir ao ar livre, mesmo que ouvisse lobos, do que estar em segurança naquela casa cavada debaixo do chão.

3

JUNCOS E CRISTAS-DE-GALO

Todas as manhãs depois de lavarem a louça, fazerem a sua cama e varrerem o chão, Maria e Laura podiam sair de casa e brincar.

A toda a volta da porta as flores das trepadeiras estavam frescas e novas, a irromper com toda a força das folhas verdes. Os pássaros falavam ao longo de todo o Plum Creek. Às vezes os pássaros cantavam, mas a maior parte do tempo falavam. “Tuíte, tuíte, oh tuiter, tuí, tuíte!” - dizia um. Depois outro respondia: “Tchi, tchí, tchi.” E outro ria-se: “Ah, ah, ah! Tiralu!”

Laura e Maria passavam por cima da casa e desciam o carreiro por onde o pai levava os bois a beber.

Ao longo do ribeiro cresciam juncos e cristas-de-galo azuis. Todas as manhãs as cristas-de-galo eram novas. Erguiam-se, azul-escuras e altivas, entre os juncos verdes.

Cada crista-de-galo tinha três pétalas aveludadas que curvavam para baixo como vestidos de senhora armados sobre arcos. Da cintura erguiam-se três sedosas pétalas franzidas, que curvavam juntas. Quando olhava para dentro delas, Laura via três linguazinhas estreitas e claras, cada qual com uma faixa de pele dourada.

Às vezes, zumbia lá dentro, atordoado, um abelhão todo de veludo preto e dourado.

A margem plana do ribeiro era de lodo mole e morno. Esvoaçavam por ali borboletazinhas amarelo-claras e azul-claras, que pousavam e bebiam. Esvoaçavam também brilhantes libélulas de asas foscas.

O lodo infiltrava-se entre os dedos de Laura. Onde ela e Maria pisavam, e onde os bois tinham passado, ficavam minúsculas poças de água, nas pegadas.

Mas se entravam um bocadinho na água baixa, não ficavam pegadas. Primeiro subia como fumaça um remoinho, que se alargava e desaparecia na água clara. Depois a pegada desfazia-se lentamente. As marcas dos dedos desapareciam, ficavam lisas, e o calcanhar era só uma covinha.

Havia peixes pequeninos na água, tão pequeninos que mal se viam. Só quando passavam velozmente brilhava, às vezes, uma barriga prateada. Quando Laura e Maria ficavam quietas, os peixinhos enxameavam em volta dos pés e mordiscavam-nos. Faziam cócegas.

Insetos aquáticos patinavam na superfície da água. Tinham pernas altas e

cada uma das suas patinhas fazia um golpezinho na água. Era difícil ver um inseto aquático: patinava tão depressa que antes de poderem vê-lo já estava noutro lado.

Os juncos agitados pelo vento produziam um som estranho, solitário. Não eram macios e espalmados como a erva; eram duros e redondos, escorregadios e tinham juntas. Um dia, quando andava num lugar mais fundo, perto dos juncos, Laura agarrou-se a um grande, a fim de passar para a margem. O junco chiou.

Por momentos, Laura ficou quase sem respiração. Depois puxou outro. Chiou e partiu-se em dois.

Os juncos eram pequenos tubos ocos, unidos uns aos outros pelas juntas. Chiavam quando os separavam. E chiavam quando voltavam a unir-se.

Laura e Maria separavam-nos para os ouvir chiar. Depois uniam juncos pequeninos uns aos outros, para fazerem colares, E uniam juncos grandes para fazerem tubos compridos. Sopravam através deles para o ribeiro e faziam a água borbulhar. Sopravam aos peixinhos e assustavam-nos. Sempre que tinham sede, chupavam grandes golos de água através dos tubos compridos.

A mãe ria-se quando Laura e Maria apareciam para almoçar e jantar todas salpicadas e sujas de lama, com colares verdes à volta do pescoço e compridos tubos verdes na mão. Elas levavam-lhe ramos de cristas-de-galo azuis e a mãe punha-os na mesa, para a enfeitar.

— Palavra - dizia -, vocês duas brincam tanto no ribeiro que ainda se transformam em insetos aquáticos!

O pai e a mãe não se importavam que elas brincassem no ribeiro. Só não queriam que fossem, nunca, para montante, para lá do valezinho de salgueiros. Aí o rio passava à volta de uma curva, vindo de um buraco cheio de água funda e escura. Não deviam, nunca, aproximar-se desse buraco, nem que fosse só para o verem.

— Um dia, levo-as lá - prometeu o pai; e, num domingo à tarde, disse-lhes que chegara esse dia.

4

ÁGUA FUNDA

Em casa, Laura e Maria despiram a roupa toda e vestiram por cima da pele velhos vestidos remendados. A mãe pôs a touca do sol, o pai pegou em Carrie e partiram todos.

Passaram pelo caminho do gado e pelos juncos, pelo vale de salgueiros e pelos bosques de ameixoeiras. Desceram um aterro íngreme e ervoso e depois atravessaram uma extensão plana, onde a erva era alta e áspera. Passaram por uma parede alta de terra, quase a pique, onde não crescia erva nenhuma.

— Que é aquilo, Pá? - perguntou Laura, e o pai respondeu-lhe: — É um planalto, Laura.

O pai continuou avançando através da erva densa e alta, a abrir caminho para a mãe, Maria e Laura. De súbito, desembocaram da erva alta e o ribeiro estava ali, à sua frente.

Corria, a brilhar, sobre saibro branco para uma lagoa larga e curvava encostado a um aterro baixo, onde a erva era curta. Do outro lado da lagoa erguiam-se salgueiros altos. Reproduzida na água via-se uma imagem trêmula desses salgueiros, com todas as folhas verdes a tremer.

A mãe sentou-se na margem ervosa, com Carrie junto dela, enquanto Laura e Maria entravam na água.

— Fiquem perto da margem, meninas! - recomendou-lhes a mãe. - Não entrem na água funda.

A água entrou-lhes debaixo das saias e fê-las flutuar. Depois o pano ficou molhado e agarrou-se-lhes às pernas. Laura foi avançando, avançando, até a água lhe chegar quase à cintura. Baixou-se e ela chegou-lhe ao queixo.

Por toda a parte havia água e frescura, era tudo pouco firme. Laura sentia-se muito leve. Sentia os pés tão leves que quase se levantavam do fundo do ribeiro. Começou a saltar e a chapinhar com os braços.

— Não faças isso, Laura! - gritou Maria.

— Não vás para mais longe, Laura - disse a mãe.

Laura continuou a chapinhar. Com um pulo grande, ambos os pés se lhe levantaram do fundo. Os braços fizeram o que lhe apeteceram e a cabeça ficou-lhe debaixo de água. Assustou-se. Não havia nada a que agarrar-se, nada sólido em lado algum. De repente, estava de novo de pé, toda ela a escorrer água. Mas tinha os pés bem firmes.

E ninguém tinha visto. Maria estava a arregaçar a saia, a mãe brincava com Carrie e o pai não se via, entre os salgueiros. Laura avançou na água o mais depressa que pôde, cada vez mais fundo. A água passou-lhe da cintura e chegou-lhe aos braços.

De súbito, lá muito no fundo da água, qualquer coisa lhe agarrou um pé.

A coisa puxou e lá foi ela para o fundo. Não podia respirar e não via. Quis agarrar, mas não encontrou nada. A água encheu-lhe os ouvidos, os olhos e a boca.

Depois a cabeça saiu-lhe da água, junto à do pai. Era o pai que estava a agarrá-la.

— Então, minha menina? Afastaste-te demasiado, não afastaste? E que tal? Gostaste?

Laura não podia falar. Não tinha fôlego.

— Ouviste a mãe dizer-te que ficasses perto da beira - continuou o pai. - Porque não lhe obedeceste? Merecias um mergulho e eu dei-te. Para a próxima vez fazes o que te mandarem?

— S… sim, Pá! - prometeu Laura, engasgada. - Oh, Pá, p… por favor, faça outra vez!

— Oh, macacos me… - começou o pai, e depois a sua grande gargalhada ecoou entre os salgueiros. - Porque não gritaste quando te puxei para o fundo? - perguntou a Laura. - Não te assustaste?

— Assustei-me m-muito! - ofegou Laura. - Mas, p… por favor, faça outra vez, sim? - Depois perguntou: - Como foi parar lá abaixo, Pá?

O pai explicou-lhe que tinha vindo dos salgueiros nadando debaixo de água. Mas não deviam ficar em água profunda; deviam aproximar-se mais da margem e brincar com Maria.

Durante toda a tarde o pai, Laura e Maria brincaram na água. Andaram, atiraram água uns aos outros e todas as vezes que Laura ou Maria se aproximavam da água funda, o pai mergulhava-as. Maria portou-se bem depois de um só mergulho, mas Laura foi ao fundo muitas vezes.

Até que eram quase horas de tratar dos animais e tiveram de ir para casa. Meteram, a pingar, pelo caminho através da erva alta e quando chegaram ao planalto Laura quis subi-lo.

O pai subiu uma parte e Laura e Maria subiram também, de mãos dadas, A terra seca esboroava-se e escorregava. Raízes de ervas emaranhadas pendiam da beira da elevação, por cima das cabeças deles. Depois o pai pegou em Laura e sentou-a no planalto.

Parecia uma mesa. O chão subia, alto, acima da erva alta e era redondo e plano no cimo, onde a erva era curta e macia.

O pai, Laura e Maria puseram-se de pé no cimo do planalto e olharam sobre a erva e a lagoa para a pradaria que se seguia. Olharam a toda a volta, para pradarias que se estendiam até à beira do céu.

Depois tiveram de escorregar para baixo e regressar a casa. Tinha sido uma tarde maravilhosa.

— Foi muito divertido - disse o pai. - Mas lembrem-se do que eu lhes disse, meninas: nunca se aproximem daquele buraco, a não ser que eu esteja com vocês!

5

ESTRANHO ANIMAL

Durante todo o dia seguinte Laura recordou. Recordou a água fresca e funda à sombra dos salgueiros altos - e recordou que não devia aproximar-se dela.

O pai não esteve em casa. Maria deixou-se ficar com a mãe em casa e Laura brincou sozinha sob o sol quente. As cristas-de-galo azuis murchavam entre os juncos baços. Laura passou para além do vale de salgueiros e brincou nas ervas da pradaria, entre os malmequeres de olho preto e os bastões dourados. O sol estava muito forte e o vento tisnava.

Depois Laura lembrou-se do planalto. Apeteceu-lhe subi-lo outra vez. Conseguiria, sozinha? O pai não tinha dito que não podia ir para o planalto.

Correu pelo aterro íngreme abaixo e atravessou a terra baixa, pelo meio da erva alta e áspera. O planalto erguia-se, direito e elevado. Era muito difícil de subir. A terra seca deslizava debaixo dos pés de Laura e o seu vestido estava sujo nos joelhos, que ela fincava na erva enquanto se içava para cima. A poeira fazia-lhe comichão na pele suada. Mas por fim chegou com o estômago à beira, fez um esforço, rebolou e encontrou-se no cimo do planalto.

Levantou-se, de um pulo, e viu a lagoa funda e fresca, à sombra dos salgueiros. Respirava frescura e umidade e toda a pele de Laura tinha sede. Mas ela lembrou-se de que não devia ir lá.

O planalto pareceu-lhe grande, vazio e sem interesse. Tinha sido emocionante quando o pai estava presente, mas agora era só terra plana e Laura achou melhor ir a casa e beber água. Tinha muita sede.

Deixou-se escorregar pelo lado do planalto e, vagarosamente, retrocedeu pelo mesmo caminho por onde chegara ali. Em baixo, entre a erva alta, o ar estava sufocante e muito quente. A casa ficava muito longe e Laura tinha uma sede terrível.

Lembrou-se, com toda a força, que não devia aproximar-se da fresca e sombria lagoa, mas de súbito virou-se e seguiu apressada nessa direção. Disse para consigo que se limitaria a olhá-la. Só olhá-la a faria sentir-se melhor. Depois pensou que poderia andar na beirinha da água, sem se aproximar dos lugares fundos.

Chegou ao carreiro que o pai abrira e começou a andar mais depressa.

Mesmo no meio do caminho, à sua frente, estava um animal.

Laura deu um salto para trás e ficou parada, a fitá-lo. Nunca vira um animal assim. Era quase tão comprido como o Jack, mas tinha as pernas muito curtas. Cobria-o todo um pelo comprido, eriçado, tinha cabeça achatada e orelhas pequenas. Levantou devagarinho a cabeça achatada e olhou também para Laura.

Ela continuou a olhar para o seu focinho engraçado. E enquanto ambos se olhavam, imóveis, o animal alargou, encolheu e estendeu-se espalmado no chão. Tornou-se cada vez mais espalmado, até parecer apenas uma pele cinzenta ali estendida. Não parecia nada um animal. Só que tinha olhos que a fitavam.

Lenta e cautelosamente, Laura inclinou-se, estendeu a mão e apanhou uma vara de salgueiro. Sentiu-se logo melhor. Continuou inclinada, olhando para aquela pele cinzenta achatada.

Nenhum deles se movia. Laura perguntou a si mesma o que aconteceria se lhe tocasse com a vara. Talvez mudasse para qualquer outra forma. Tocou-lhe devagarinho, com a vara curta.

O animal soltou um rosnido assustador, os seus olhos cintilaram, furiosos, e ferozes dentes brancos arreganharam-se quase junto do nariz de Laura.

Laura desatou a correr com toda a sua força. Era capaz de correr muito e só parou quando chegou a casa.

— Jesus, Laura! - exclamou a mãe. - Ainda adoeces, a correr dessa maneira com este calor.

Entretanto, Maria passara todo aquele tempo sentada como uma senhorinha, a soletrar palavras do livro em que a mãe a estava ensinando a ler. Maria era uma boa menina.

Laura tinha sido má, e sabia-o. Faltara à promessa que fizera ao pai. Mas ninguém a vira. Ninguém sabia que começara a dirigir-se para a lagoa. Se ela não dissesse nada, ninguém saberia, nunca. Aquele estranho animal era o único a saber, mas esse não a podia denunciar. Ela, porém, sentia-se cada vez pior, por dentro.

Nessa noite, quando se deitou, ficou acordada ao lado de Maria. O pai e a mãe estavam sentados à luz das estrelas, fora da porta, e o pai tocava a rabeca.

— Dorme, Laura - disse a mãe, docemente, enquanto a rabeca tocava, também docemente, para ela.

O pai era uma sombra recortada no céu e o seu arco dançava entre as grandes estrelas.

Era tudo bonito e bom, exceto Laura. Quebrara a promessa que fizera ao pai. Quebrar uma promessa era tão mau como dizer uma mentira. Laura desejaria não o ter feito. Mas fizera-o, e se o pai soubesse castigá-la-ia.

O pai continuou a tocar baixinho, à luz das estrelas. A rabeca cantava para ela, suave e contente. O pai julgava-a uma boa menina. Por fim, Laura não pôde

suportar mais.

Escorregou da cama e, descalça, atravessou o fresco chão de terra. Parou ao lado do pai, de camisa e barrete de dormir. Ele arrancou as últimas notas às cordas, com o arco, e ela sentiu que lhe estava a sorrir.

— Que é, Meia Canequinha? Pareces um pequeno fantasma, toda branca na escuridão.

— Pá - começou Laura, em voz fraca e trêmula -, eu… eu… comecei a ir para a lagoa.

— Começaste, hem?! - exclamou o pai. - Que te deteve?

— Não sei - murmurou Laura. - Tinha pele cinzenta e… e espalmou-se todo. E rosnou.

— De que tamanho era? - perguntou o pai.

Laura contou-lhe tudo a respeito do estranho animal.

— Deve ter sido um texugo - disse o pai.

Depois, durante muito tempo, o pai não disse nada e Laura esperou. Não lhe podia ver a cara, no escuro, mas encostou-se ao seu joelho e sentiu como ele era forte e bondoso.

— Bem - disse o pai, por fim -, confesso que não sei que fazer, Laura. Compreendes, confiei em ti. É difícil saber o que fazer a uma pessoa em quem não se pode confiar. Sabes como se deve proceder com uma pessoa em quem não se pode confiar?

— Como… é? - gaguejou Laura.

— Essa pessoa tem de ser vigiada - respondeu o pai. - Por isso acho que tens de ser vigiada. A tua mãe terá de se encarregar disso pois eu terei de trabalhar na propriedade do Nelson. Assim, amanhã ficarás onde a tua mãe te possa vigiar. Não te afastas da sua vista todo o dia. Se fores boa todo o dia, então deixar-te-emos tentar outra vez ser uma menina em quem possamos confiar. E perguntou à mãe: — Que te parece, Carolina?

— Muito bem, Charles - respondeu a mãe, do escuro. - Eu amanhã vigio-a. Mas tenho a certeza de que ela será boa. Agora volta para a cama, Laura, e dorme.

O dia seguinte foi um dia horrível.

A mãe estava a costurar e Laura teve de ficar em casa. Nem sequer pôde ir buscar água à nascente, pois isso ficaria fora da vista da mãe. Foi Maria quem foi buscar a água e quem levou Carrie a passear na pradaria. Laura teve de ficar em casa.

Jack assentou o focinho nas patas e deu ao rabo, saltou no carreiro e olhou para trás, para ela, a sorrir com as orelhas, a pedir-lhe que saísse. Não compreendia por que motivo ela não saía.

Laura ajudou a mãe. Lavou a louça, fez as duas camas, varreu o chão e pôs a mesa. Ao almoço sentou-se, encolhida, no seu banco e comeu o que a mãe lhe pôs à frente. Depois limpou a louça e a seguir rasgou um lençol que estava puído no meio. A mãe virou as duas tiras de pano e prendeu-as uma à outra com alfinetes, e Laura fez a nova bainha, de um lado e outro, com pontinhos miudinhos.

Pareceu-lhe que a bainha e o dia nunca mais acabavam.

Mas por fim a mãe enrolou a costura. Eram horas de preparar o jantar.

— Foste uma boa menina, Laura - disse a mãe. - Havemos de dizer ao pai e amanhã de manhã tu e eu vamos procurar o texugo. Tenho a certeza que ele te salvou de te afogares, pois se tivesses ido para a lagoa terias entrado na água funda. Quando se começa a ser má, é mais fácil continuar a sê-lo e mais cedo ou mais tarde acontece alguma coisa horrível.

— Sim, Ma - respondeu Laura, que sabia agora ser assim. Todo aquele dia passara. Laura não vira o nascer do Sol nem as sombras de nuvens na pradaria. As flores das trepadeiras estavam murchas e as cristas-de-galo daquele dia mortas. Durante todo o dia não vira a água correr no ribeiro, os peixinhos a nadar, nem os insetos aquáticos patinando na água. Tinha a certeza de que ser boa não poderia nunca ser pior do que ser vigiada.

No dia seguinte, foi com a mãe procurar o texugo. No carreiro, mostrou-lhe o lugar onde ele se espalmara todo na erva. A mãe encontrou a toca onde ele vivia. Era um buraco redondo, debaixo de um tufo de erva do aterro da pradaria. Laura chamou-o e enfiou um pau na toca.

Se o texugo estava em casa, não quis sair. Laura nunca mais voltou a ver o velho texugo cinzento.

6

COROA DE ROSAS

Na pradaria, para lá do estábulo, havia um comprido rochedo cinzento. Elevava-se acima da erva ondulante e das flores silvestres, que pareciam acenar com a cabeça. O seu topo era plano e quase liso, tão largo que Laura e Maria podiam correr lado a lado e tão comprido que podiam fazer corridas. Era um lugar maravilhoso para brincarem.

Cresciam nele, acachapados, líquenes verde-acinzentados, com as orlas rufadas. Atravessavam-no formigas vagabundas. Frequentemente, uma borboleta parava lá, para descansar. Então Laura podia observar as asas aveludadas a abrir e a fechar lentamente, como se a borboleta respirasse por elas. Via as minúsculas patinhas na rocha, as antenas a tremer e até os olhos redondos e sem pálpebras.

Não tentava, nunca, apanhar uma borboleta. Sabia que as suas asas eram cobertas de peninhas tão pequeninas que não se viam e que bastaria tocar-lhes para arrancar essas peninhas e magoar a borboleta.

O sol estava sempre quente no grande rochedo cinzento. Aliás, havia sempre sol na ondulante erva da pradaria e, ao sol, pássaros e borboletas. Também sopravam sempre brisas, tépidas e perfumadas das ervas aquecidas pelo sol. Muito ao longe, na direção onde o céu descia ao encontro da terra, moviam-se na pradaria pequenas coisas escuras. Era o gado pastando.

Laura e Maria nunca iam brincar no rochedo cinzento de manhã e não ficavam lá quando o Sol descia, porque de manhã e à tarde passava o gado.

Passava numa manada, num tropel de cascos e de dar aos chifres.

Johnny Johnson, o rapaz que tomava conta da manada, vinha a pé, atrás do gado. Tinha cara redonda e encarnada, olhos azuis redondos e cabelo claro, amarelo-esbranquiçado. Sorria e não dizia nada. Não podia: não sabia nenhumas palavras que Laura e Maria soubessem também.

Ao fim de uma tarde, o pai chamou-as do ribeiro, ia para o rochedo grande ver Johnny Johnson levar o gado para casa e Laura e Maria podiam ir com ele.

Laura pulou de alegria. Nunca estivera tão perto de uma manada e com o pai presente não teria medo. Maria foi com menos entusiasmo e muito chegada ao pai.

O gado já estava muito perto. Os seus mugidos tornavam-se cada vez mais altos. Os chifres agitavam-se acima da manada, à volta da qual subia uma poeira rala e dourada.

— Aí vêm! - exclamou o pai. - Toca a subir, vá! - Ajudou Maria e Laura a subirem para o rochedo grande, de onde elas viram o gado.

Irromperam lombos vermelhos e acastanhados, pretos e brancos e malhados. Reviravam-se olhos e línguas lambiam focinhos achatados; cabeças investiam perversamente, para atacarem com chifres ferozes. Mas Laura e Maria estavam em segurança no alto rochedo cinzento, ao qual o pai estava encostado, a observar.

Ia a passar o resto da manada quando Maria e Laura repararam na vaca mais bonita que jamais tinham visto.

Era uma vaquinha branca com orelhas vermelhas e uma mancha vermelha no meio da testa. Os pequenos chifres brancos curvavam para dentro, como se apontassem para a mancha vermelha. E no flanco branco, mesmo a meio, tinha um círculo perfeito de manchas vermelhas do tamanho de rosas.

Até Maria saltou de contente.

— Oh, olhem, olhem! - gritou Laura. - Pá, veja a vaca com a coroa de rosas!

O pai riu-se, ajudando Johnny Johnson a separar precisamente essa vaca das outras. Depois gritou: — Venham, meninas! Ajudem-me a levá-la para o estábulo! Laura saltou do rochedo e correu para o ajudar, a gritar: — Porquê, Pá, porquê? Oh, Pá, vamos ficar com ela?!

A vaquinha branca entrou no estábulo e o pai respondeu: — É a nossa vaca!

Laura virou as costas e desatou a correr o mais depressa que Pôde. Galgou o carreiro e entrou de repelão em casa, a gritar: — Oh, Ma, Ma, venha ver a vaca! Temos uma vaca! Oh, Ma, é uma vaca tão linda!

A mãe pegou em Carrie e foi ver.

— Charles! - exclamou.

— É nossa, Carolina - respondeu o pai. - Gostas?

— Mas, Charles…

— Comprei-a ao Nelson, para pagar com trabalho, ele precisa de ajuda para a recolha do feno e das colheitas. Olha para ela! É uma boa vaquinha leiteira. Carolina, vamos ter leite e manteiga.

— Oh, Charles!

Laura não esperou para ouvir mais nada. Virou de novo as costas e partiu a correr pelo carreiro abaixo, direita a casa. Tirou a caneca de folha de cima da mesa do jantar e regressou, quase sem parar.

O pai amarrou a bonita vaca branca à sua baiazinha, ao lado de Pete e Brilhante. Ela ficou quieta, a ruminar. Laura acocorou-se à sua beira e, a segurar cuidadosamente a caneca com uma das mãos, foi-se à vaca com a outra e espremeu, como vira o pai fazer quando mungia. E um jorro de leite morno e

branco caiu na caneca.

— Meu Deus, que está esta garota fazendo? - admirou-se a mãe.

— Estou a ordenhar, Ma - respondeu Laura.

— Desse lado, não - disse-lhe a mãe, muito depressa. - Ela dá algum coice.

Mas o manso animal limitou-se a virar a cabeça e a olhar para Laura com olhos meigos. Pareceu surpreendido, mas não escoicinhou.

— As vacas ordenham-se sempre do lado direito, Laura - recomendou a mãe.

E o pai disse: — Olhem para a Meia Canequinha! Quem te ensinou a ordenhar? Ninguém a tinha ensinado. Ela sabia como se fazia porque tinha observado o pai, quando ele ordenhava. Agora observavam-na todos a ela. Esguicho atrás de esguicho, o leite foi caindo na caneca de folha, que se foi enchendo e espumejando, até a espuma branca chegar quase à borda.

Depois o pai, a mãe, Maria e Laura beberam cada qual seu grande golo daquele leite delicioso e morno, e Carrie bebeu o que sobrou na caneca. Sentiram-se regalados por dentro e olharam todos para a bonita vaca.

— Como se chama? - perguntou Maria.

O pai soltou a sua grande gargalhada antes de responder: — Chama-se Querroa.

— Querroa? - repetiu a mãe. - Que estranho nome é esse?

— Os Nelsons puseram-lhe um nome norueguês qualquer. Quando perguntei o que significava, a Sra. Nelson respondeu que era uma querroa.

— Mas que vem a ser uma querroa? - insistiu a mãe.

— Foi o que eu perguntei à Sra. Nelson - redarguiu o pai. - Ela continuou dizendo que era uma querroa e eu devo ter-lhe parecido muito idiota, pois ela acabou por esclarecer: “Uma querroa de rosas.”

— Uma coroa! - exclamou Laura. - Uma coroa de rosas! Riram todos até não poderem mais e depois o pai disse: — É o cúmulo! No Wisconsin vivemos entre suecos e alemães. No Território índio vivemos entre índios. Agora, aqui no Minnesota, todos os nossos vizinhos são noruegueses. E bons vizinhos, também. Creio que as pessoas como nós são poucas.

— Bem - decidiu a mãe -, não vamos chamar a esta vaca Querroa nem Coroa de Rosas. O seu nome é Malhada.

7

BOI NO TELHADO

Agora Laura e Maria tinham o seu trabalho a fazer.

Todas as manhãs antes de o Sol nascer tinham de levar a Malhada para o grande rochedo cinzento, ao encontro da manada, para que Johnny a levasse com o outro gado, a fim de comer erva todo o dia. E todas as tardes tinham de se lembrar de ir ao encontro da manada, para meterem a Malhada no estábulo.

De manhã corriam pela erva fria e orvalhada que lhes molhava os pés e umedecia a bainha dos vestidos. Gostavam de enfiar os pés descalços no meio da erva toda salpicada de gotas de orvalho. E também gostavam de ver nascer o Sol, por cima da orla do mundo.

Primeiro era tudo cinzento e parado. O céu estava cinzento, a erva estava cinzenta do orvalho, a luz era cinzenta e o vento continha a respiração.

Depois apareciam no céu oriental vivas faixas verdes. Se havia alguma nuvem, tornava-se cor-de-rosa. Laura e Maria sentavam-se na rocha fria e úmida, a abraçar as pernas geladas. Apoiavam o queixo nos joelhos e observavam, enquanto Jack fazia o mesmo, sentado na erva, em baixo. Mas nunca conseguiam ver quando o céu começava a ficar rosado.

O céu estava muito levemente rosado e, de repente, a cor ficava mais carregada, ia subindo pelo céu. Tornava-se mais brilhante e mais viva. Chamejava como fogo e, subitamente, as poucas nuvens brilhavam como ouro. No centro da cor esbraseada, na beira plana da Terra, aparecia uma fatiazinha de sol. Era como um risco breve de fogo branco.

Nisto, o Sol todo ressaltava, redondo e enorme, muito maior do que o Sol habitual e a latejar com tanta luz que até parecia que ia rebentar.

Laura não podia deixar de pestanejar - e enquanto ela pestanejava só uma vez o céu tornava-se azul e a nuvem dourada desaparecia. O sol do costume brilhava sobre as ervas da pradaria, onde milhares de pássaros voavam e chilreavam.

Ao entardecer, quando o gado regressava a casa, Laura e Maria corriam sempre muito depressa, para chegarem ao rochedo grande antes de todas aquelas cabeças, chifres e cascos em tropel.

Agora o pai andava a trabalhar para o Sr. Nelson e Pete e Brilhante não tinham que fazer. Por isso, iam com a Malhada e com o outro gado comer erva. Laura nunca tinha medo da branca e mansa Malhada, mas Pete e Brilhante eram

tão grandes que assustariam qualquer pessoa.

Uma tarde, o gado estava todo zangado. Veio aos berros e a escarvar a terra, e quando chegou ao rochedo grande não continuou o seu caminho: os animais começaram a correr à volta do rochedo, a mugir e a lutar. Os seus olhos reviravam-se e os seus chifres entrechocavam-se, de maneira assustadora. Os seus cascos levantavam uma nuvem de poeira.

Maria estava tão assustada que não era capaz de se mexer. Laura estava tão assustada que saltou do rochedo. Sabia que tinha de levar a Malhada e o Pete e o Brilhante para o estábulo.

O gado formava uma mancha alta na poeira, os seus cascos escarvavam, os seus chifres entrechocavam-se e não paravam de mugir. Mas Johnny ajudou a encaminhar Pete, Brilhante e Malhada para o estábulo. E Jack também ajudou. Jack rosnava-lhes às pernas e Laura corria e gritava atrás deles. E Johnny, com o seu grande pau, lá conseguiu levar a manada.

A Malhada entrou no estábulo. Depois entrou o Brilhante. Pete também ia entrar, e Laura já não estava assustada, quando de repente o enorme boi se virou. Baixou os chifres, ergueu a cauda e desatou a galopar atrás da manada.

Laura correu para a frente dele, agitou os braços e gritou. Ele berrou e continuou a toda a velocidade na direção da margem do ribeiro.

Laura correu com toda a sua força, tentando colocar-se outra vez á sua frente. Mas as suas pernas eram curtas e as do Pete eram compridas. Jack veio a correr o mais que podia, mas só conseguiu que Pete desse saltos maiores.

Pete saltou mesmo para cima da casa e Laura viu-lhe uma perna de trás descer, descer, através do telhado, até ao fim. Aquele grande boi ia cair em cima da mãe e da Carrie, e a culpa era dela, que não fora capaz de o fazer parar.

O animal fez força e puxou a perna para cima. Laura não parava de correr e encontrava-se de novo à frente de Pete. Jack também estava à frente dele.

Enxotaram-no para o estábulo e Laura colocou as trancas. Tremia toda e sentia as pernas fracas. Os seus joelhos batiam um no outro.

A mãe apareceu a correr pelo carreiro acima, com Carrie ao colo. Mas não acontecera mal nenhum. Havia apenas um buraco no telhado, onde a perna de Pete entrara e saíra. A mãe confessou que sentira uma coisa esquisita, ao ver a perna do boi entrar pelo teto.

— Mas os estragos não são grandes - afirmou.

Tapou bem o buraco com erva e varreu a terra que caíra em casa Depois ela e Laura riram-se, porque era cômico viver numa casa onde um boi podia entrar pelo telhado. Era como se fossem coelhos.

Na manhã seguinte, enquanto lavava a louça, Laura viu umas coisinhas escuras a rolar pela parede caiada abaixo. Eram bocadinhos de terra. Olhou para

cima, para ver de onde vinham, e fugiu dali para fora mais depressa do que um coelho. Caiu uma grande pedra e atrás dela veio o teto todo.

O sol brilhou dentro de casa e o ar ficou cheio de poeira. A mãe, Maria e Laura sentiram-se sufocadas e espirraram, enquanto olhavam para cima e viam o céu onde deveria estar um teto. Carrie espirrava ao colo da mãe. Jack chegou a correr e quando viu o céu por cima da cabeça, rosnou-lhe. Depois espirrou.

— Bem, isto resolve a questão - disse a mãe.

— O quê, Ma? - perguntou Laura, sem perceber.

— Isto que aconteceu. O pai terá de remendar o telhado, amanhã.

Depois levaram para fora de casa a pedra, a terra e os molhos de feno que tinham caído. A mãe varreu e voltou a varrer com uma vassoura de rama de salgueiro.

Nessa noite dormiram em casa, mas debaixo do céu estrelado. Nunca lhes tinha acontecido uma coisa daquelas.

No dia seguinte, o pai teve de ficar em casa fazendo um telhado novo. Laura ajudou-o a transportar ramos novos de salgueiro e estendeu-lhes, para ele os colocar no seu lugar. Puseram uma espessa camada de erva por cima dos salgueiros e depois acamaram terra sobre a erva. Por fim, por cima de tudo, o pai colocou tiras de terra e raízes cortadas da pradaria.

Ajustou tudo bem e Laura ajudou-o a pisá-las, para assentarem.

— Esta erva nunca saberá que mudou de lugar - disse o pai. - Daqui a poucos dias, não distinguirás este telhado novo da pradaria.

Não ralhou a Laura por ter deixado o Pete fugir para ali. Limitou-se a dizer: — Não é um lugar para um grande boi andar a correr, mesmo por cima do nosso telhado!

8

MONTE DE PALHA

Quando as colheitas do Sr. Nelson ficaram terminadas, o pai já tinha pago a Malhada. Agora podia fazer a sua colheita. Afiou a comprida e perigosa foice, onde as meninas pequenas nunca deviam tocar, e cortou o trigo do pequeno campo que ficava para lá do estábulo. Atou-o em feixes e empilhou-os em medas.

Depois, todas as manhãs, ia trabalhar na terra plana e do outro lado do ribeiro. Cortou a erva da pradaria e deixou-a a secar ao sol. Reuniu-a em montes, com um ancinho de madeira. Atrelou Pete e Brilhante ao carroção, transportou o feno e fez seis grandes medas.

À noite estava sempre tão cansado que não tocava rabeca. Mas sentia-se satisfeito porque quando o feno estivesse todo empilhado poderia lavrar a terra de restolho, que seria o campo de trigo.

Uma manhã, ao nascer do dia, chegaram três desconhecidos com uma debulhadora e debulharam o trigo do pai. Laura ouviu os ruídos ásperos da máquina, enquanto conduzia a Malhada pelo meio da erva orvalhada. Quando o Sol nasceu, girava no vento palhiço dourado.

A debulha acabou e os homens foram-se embora com a máquina antes do desjejum. O pai lamentou que Hanson não tivesse semeado mais trigo.

— Mas o que há chega para termos alguma farinha - acrescentou. - E a palha, juntamente com o feno que cortei, alimentará o gado durante o Inverno. Para o ano teremos uma colheita de trigo que valerá alguma coisa!

Nessa manhã, quando Laura e Maria foram brincar para a pradaria, a primeira coisa que viram foi uma bonita meda de palha dourada.

Era alta e brilhava muito ao sol. E cheirava melhor do que o feno.

Os pés de Laura deslizavam na palha escorregadia, mas ela conseguia subir mais depressa do que a palha escorregava. Num minuto, estava no topo da meda.

Olhou através das copas dos salgueiros e para lá do rio, para a terra distante. Via toda a grande e redonda pradaria. Estava muito alto, no ar, quase tão alto como os pássaros. Os seus braços agitavam-se e os seus pés ressaltavam na palha elástica. Quase voava, muito alto no céu ventoso.

— Estou voando! Estou voando! - gritou para baixo, para Maria, e Maria subiu ao seu encontro.

— Salta! Salta! - gritou Laura, e deram-se as mãos e saltaram à volta e cada

vez mais alto.

O vento soprava, as saias delas batiam e as toucas esticavam-se, presas pelas fitas à volta do pescoço.

— Mais alto! Mais alto! - gritava Laura, como se cantasse, enquanto pulava.

De súbito, a palha deslizou debaixo dela e lá foi por ali abaixo, sentada, a escorregar cada vez mais depressa. Bump!, aterrou no fundo da meda. Plum!, aterrou Maria, em cima dela.

Rebolaram e riram na palha que crepitava. Depois voltaram a subir e tornaram a descer. Nunca se tinham divertido tanto.

Subiram e escorregaram, subiram e escorregaram tantas vezes, que quase não restava já meda nenhuma no meio de montes soltos de Palha.

Depois ficaram sérias. O pai fizera aquela meda de palha, que já não estava nada que se parecesse com o que ele deixara. Laura olhou para Maria e Maria olhou para Laura, e olharam ambas para o que restava da meda de palha. Em seguida Maria disse que ia para casa e Laura foi, muito calada, com ela. Foram muito boas, ajudaram a mãe e brincaram sossegadas com Carrie, até o pai chegar para almoçar.

Quando ele entrou, olhou logo para Laura, que olhou para o chão.

— Não devem escorregar mais pela meda de palha - disse o pai. - Tive de parar e de empilhar de novo toda a palha solta.

— Não escorregamos, Pá - apressou-se Laura a prometer.

— Pois não, Pá - concordou logo Maria.

Depois do almoço, Maria lavou a louça e Laura limpou. Depois puseram as toucas e subiram o carreiro para a pradaria. A meda de palha brilhava, dourada, ao sol.

— Laura! Que estás fazendo? - perguntou Maria.

— Não estou fazendo nada! - respondeu Laura. - Quase nem lhe estou tocando!

— Afasta-te já daí, ou digo à mãe! - ameaçou Maria.

— O pai não disse que não podia cheirá-la - retorquiu Laura, Deixou-se ficar perto do monte dourado, a aspirar demorada e profundamente. A palha estava quente do sol e cheirava melhor do que bagos de trigo, quando se trincam. Laura enterrou o rosto na palha, de olhos fechados e a aspirar cada vez com mais força.

— Mmm! - exclamou, deliciada.

Maria aproximou-se, cheirou e disse, também: — Mmm!

Laura olhou para o monte luminoso e dourado. Nunca vira o céu tão azul como acima daquele dourado da palha. Não podia ficar no chão. Tinha de subir,

de ficar mais alto naquele céu azul.

— Laura! - gritou Maria. - O pai disse que não devíamos! Mas Laura já ia subindo.

— Não disse nada! - protestou. - Ele não disse que não podíamos subir, o que ele disse foi que não devíamos escorregar. Eu só estou subindo.

— Desce já daí! - insistiu Maria.

Laura estava no cimo da meda. Olhou para baixo, para Maria, e disse, como uma menina bem comportadinha: — Não vou escorregar. O pai disse que não escorregasse.

Mais alto do que ela, só o céu azul. O vento soprava. A pradaria verde era vasta e distante. Laura abriu os braços e saltou e a palha fê-la subir ainda mais alto.

— Estou voando! Estou voando! - cantarolou. Maria subiu e começou também a voar.

Saltaram e ressaltaram até não poderem subir mais alto. Depois deixaram-se cair na palha tépida e agradável. Saliências de palha erguiam-se de ambos os lados de Laura. Ela rebolou para uma saliência, esta baixou, mas ergueu-se outra. Rebolou para essa também e, depois, começou a rolar cada vez mais depressa, tão depressa que não podia parar.

— Laura! - gritou Maria. - O pai disse…

Mas Laura estava a rebolar, a rebolar pelo monte de palha abaixo, até cair, sobre mais palha, no chão.

Levantou-se e voltou a subir o mais depressa que pôde. Deixou-se ir e recomeçou a rebolar.

— Anda, Maria! - gritou. - O pai não disse que não podíamos rebolar!

Maria deixou-se ficar no cimo da meda e argumentou: — Eu sei que o pai não disse que não podíamos rebolar, mas…

— Aí tens! - cortou Laura, enquanto rebolava de novo. - Anda! É divertidíssimo!

— Sim, mas eu… - começou Maria, e depois rebolou também, Era realmente muito divertido. Mais divertido ainda do que escorregar. Subiram e rebolaram, voltaram a subir e rebolar, a rir cada vez mais. E cada vez era também maior a quantidade de palha que rolava com elas. Mergulhavam na palha, empurravam-se uma à outra na palha, subiam pela palha e rebolavam por ela abaixo, até já não restar quase nada para subir.

Depois sacudiram todos os bocadinhos de palha dos vestidos, tiraram todos os bocadinhos de palha dos cabelos e foram sossegadamente para casa.

Quando, à noite, o pai chegou do campo de feno, Maria estava toda atarefada pondo a mesa. Laura encontrava-se atrás da porta, entretida com a

caixa de bonecas de papel.

— Laura - chamou o pai, numa voz terrível -, vem cá. Laura saiu, devagarinho, de trás da porta.

— Vem cá - repetiu o pai. - Vem aqui, para junto da Maria. O pai sentou-se e colocou-as diante dele, lado a lado, mas foi para Laura que olhou.

— Vocês andaram outra vez a escorregar pelo monte de palha abaixo.

— Não, Pá - afirmou Laura.

— Maria! Escorregaram pelo monte de palha abaixo?

— N… não, Pá - respondeu Maria.

— Laura! - A voz do pai ainda estava mais terrível. - Responde-me outra vez: escorregaram pelo monte de palha abaixo?

— Não, Pá - respondeu Laura, de novo, fitando bem os olhos escandalizados do pai e sem saber por que motivo a olhava ele assim.

— Laura!

— Nós não escorregamos, Pá - explicou Laura. - Mas rebolamos por ele abaixo.

O pai levantou-se muito depressa, foi para a porta e olhou para fora. As costas tremiam-lhe. Laura e Maria não sabiam que pensar.

Quando o pai se voltou para elas, tinha o rosto severo, mas os seus olhos brilhavam, risonhos.

— Está bem, Laura. Mas agora quero que se afastem as duas daquela meda. Pete, Brilhante e Malhada só terão feno e palha para comer este Inverno e precisarão de toda quanta há. Não querem que eles passem fome, pois não?

— Oh, não, Pá! - responderam as duas.

— Nesse caso, para que eles a possam comer, aquela palha TEM de ficar amontoada. Compreendem?

— Sim, Pá - responderam Laura e Maria.

E assim acabou a brincadeira no monte de palha.

9

TEMPO DE GAFANHOTOS

As ameixas estavam a amadurecer nos bosques de ameixoeiras bravas ao longo do Plum Creek. As ameixoeiras eram árvores baixas. Cresciam muito juntas, com muitos ramos pequenos e eriçados, cheios de ameixas sumarentas e de pele fina. À volta delas, o ar perfumado causava sono e zumbiam muitas asas.

O pai estava a lavrar toda a terra do outro lado do ribeiro, onde cortara o feno. Cedinho, antes mesmo de o Sol nascer e Laura ir levar Malhada ao encontro do gado, no rochedo cinzento, Pete e Brilhante já não se encontravam no estábulo: o pai jungira-os ao arado e fora trabalhar.

Depois de lavarem a louça do desjejum, Laura e Maria pegaram em baldes de folha e foram colher ameixas. De cima da casa, podiam ver o pai a lavrar. Os bois, o arado e o pai arrastavam-se lentamente ao longo de uma curva da pradaria. Pareciam muito pequenos e do arado subia uma nuvenzinha de poeira.

Todos os dias a mancha castanho-escura e aveludada da terra arada se tornava maior. Devorava o campo coberto de restolho dourado-prateado para além das medas de feno. Alastrava pelas ondas da pradaria. Ia ser um grande campo de trigo, e quando, um dia, o pai o colhesse, ele e a mãe e Laura e Maria teriam tudo quanto quisessem.

Teriam uma casa, e cavalos, e balas todos os dias, quando o Pai colhesse o trigo.

Laura meteu através da erva alta, a caminho dos bosques de ameixoeiras, junto do ribeiro. A touca pendia-lhe pelas costas abaixo e ela balançava o balde de folha. Agora a erva estava amarela e estaladiça e dúzias de pequenos gafanhotos, saltavam, com pequenos estalidos, dos lugares onde Laura punha os pés. Maria vinha atrás, no carreiro que Laura abria, e tinha a touca na cabeça.

Quando chegaram a um bosque de ameixoeiras pousaram os baldes grandes. Foram enchendo os pequenos de ameixas, que despejavam nos grandes, até estarem cheios. Depois carregaram os baldes grandes para o telhado da casa. A mãe espalhou panos limpos na erva limpa e Laura e Maria espalharam as ameixas nos panos, para secarem ao sol. No próximo Inverno poderiam comer ameixas secas.

A sombra nos bosques de ameixoeiras era fraca. O sol filtrava-se através das folhas estreitas. Os pequenos ramos pendiam, pejados de frutos, e havia muitas ameixas que tinham caído e se tinham juntado entre tufos de erva alta, no

chão.

Algumas estavam esmagadas, outras estavam lisinhas e perfeitas e outras ainda tinham estalado e mostravam o interior amarelo e sumarento.

Abelhas e vespas amontoavam-se nas gretas dos frutos estalados e sorviam, glutonas, o sumo, com a cauda escamosa toda agitada de alegria. Estavam tão atarefadas e tão contentes que até se esqueciam de dar ferroadas. Laura tocava-lhes com uma pontinha de erva e elas só se desviavam um passo, sem pararem de chupar o bom sumo de ameixa.

Laura metia todas as ameixas boas no balde. Mas sacudia as abelhas e as vespas das estaladas, com a unha, e metia rapidamente o fruto na boca. As ameixas estaladas eram doces, quentes e sumarentas. As vespas zumbiam à volta dela, decepcionadas, sem saber o que acontecera à sua ameixa. Mas logo a seguir arranjavam lugar entre o enxame de outras que se regalavam com outra ameixa.

— Com franqueza, comes mais ameixas do que apanhas - protestou Maria.

— Não faço tal coisa - contradisse-a Laura. - Apanho todas as ameixas que como.

— Sabes muito bem o que quero dizer - replicou Maria, irritada. - Divertes-te enquanto eu trabalho.

No entanto, Laura encheu o seu balde tão depressa quanto Maria o dela. Maria estava zangada porque preferia coser ou ler, em vez de apanhar ameixas. Mas Laura detestava estar sentada, quieta, e gostava de apanhar ameixas.

Gostava de abanar as árvores. É preciso saber exatamente, como se deve abanar uma ameixoeira. Abanando com excessiva força, as ameixas verdes caem, e isso é um desperdício. Abanando muito devagar, não caem todas as ameixas maduras, que acabam por cair durante a noite, esborrachando-se e estragando-se algumas.

Laura aprendera como devia abanar, exatamente, uma ameixoeira. Agarrava o tronco áspero e escamoso e dava-lhe uma sacudidela rápida, mas branda. Todas as ameixas oscilavam no pedúnculo e choviam a toda a sua volta. Depois mais uma sacudidela, enquanto as ameixas oscilavam, e os últimos frutos maduros caíam: plum-plump! plum-plump! plum-plump!

Havia muitas espécies de ameixas. Quando as encarnadas estavam todas apanhadas, as amarelas estavam maduras. Depois eram as azuis. As maiores de todas eram as últimas a amadurecer: chamavam-se “ameixas da geada” porque não amadureciam antes de gear.

Uma manhã, o mundo inteiro apareceu delicadamente prateado. Todas as pontas de erva estavam prateadas e o carreiro tinha uma película fina, quente como fogo debaixo dos pés descalços de Laura, que deixavam pegadas escuras. O ar que lhe entrava no nariz era frio e a sua respiração fumegava. E a da

Malhada também. Quando o Sol nasceu, toda a pradaria cintilou. Milhões de minúsculas centelhas de cor brilhavam na erva.

Nesse dia, as ameixas da geada estavam maduras. Eram umas ameixas grandes, cor de púrpura, todas cobertas por uma película fina e prateada como geada.

O sol já não estava tão quente e as noites eram frias. A pradaria estava quase da cor fulva das medas de feno. O cheiro do ar era diferente e o céu não mostrava um azul tão vivo como dantes.

Mesmo assim, ao meio-dia o sol estava quente. Não chovia e não voltou a gear. Aproximava-se o Dia da Ação de Graças e ainda não nevara.

— Não percebo nada disto - dizia o pai. - Nunca vi tempo assim. O Nelson diz que os mais antigos lhe chamam tempo de gafanhotos.

— Que querem dizer com isso? - perguntou a mãe. O pai abanou a cabeça.

— Por mim, não o ficarás sabendo. Tempo de gafanhotos foi o Que o Nelson disse, e não consegui perceber o significado das suas Palavras.

— Naturalmente é algum ditado norueguês - alvitrou a mãe. Laura gostara do som das palavras e quando corria por entre a erva estaladiça da pradaria e via os gafanhotos saltando, cantava sozinha: — Tempo de gafanhotos! Tempo de gafanhotos!

10

GADO NO FENO

O Verão acabara, o Inverno vinha aí e chegara a altura de o pai ir à cidade. Ali, no Minnesota, a cidade ficava tão perto que o pai só se ausentaria um dia e a mãe iria com ele.

Levou Carrie, pois ela era muito pequenina para ficar separada da mãe. Mas Maria e Laura eram crescidas. Maria ia em nove anos e Laura em oito, e podiam ficar em casa tomando conta de tudo na ausência do pai e da mãe.

Do vestido cor-de-rosa que Laura tivera quando era pequena, a mãe fizera um vestido novo de "ir à cidade" para Carrie. O pano chegara para fazer também uma touquinha cor-de-rosa. O cabelo de Carrie estivera toda a noite em papelotes e pendia em compridos canudos dourados. Quando a mãe lhe atou as fitas da touca debaixo do queixo, Carrie parecia uma rosa.

A mãe vestira as saias de arcos por baixo do seu melhor vestido, o de bonita fazenda de lã com pequenos morangos que levara ao baile do açúcar, em casa da avó, havia muito tempo, na Grande Floresta.

— Portem-se bem, Laura e Maria - foi a última coisa que disse, já no carroção, com Carrie sentada a seu lado, no banco; o almoço também ia no carroção.

O pai pegou no aguilhão dos bois e prometeu: — Voltaremos antes do sol-pôr. Ih-up! - gritou a Pete e a Brilhante, e o boi grande e o boi pequeno fizeram força na canga e o carroção arrancou.

— Até logo, Pá! Até logo, Ma! Até logo, Carrie, até logo! - gritaram Laura e Maria.

Lentamente o carroção afastou-se. O pai caminhava ao lado dos bois. A mãe, Carrie, o carroção e o pai foram-se tornando mais pequenos, até desaparecerem na pradaria.

A pradaria pareceu então grande e deserta, mas não tinham nada a recear. Não havia lobos nem índios. Além disso, Jack não se afastava de Laura. Jack era um cão responsável, sabia que tinha de tomar conta de tudo quando o pai estava ausente.

Nessa manhã, Maria e Laura brincaram junto do ribeiro, entre os juncos. Não se aproximaram da lagoa. Não tocaram na meda de palha. Ao meio-dia comeram os fritos de milho e o melaço e beberam leite que a mãe lhes deixara. Lavaram a caneca de folha e arrumaram-nos.

Depois Laura quis brincar no rochedo grande, mas Maria quis ficar em casa. E disse que Laura também lá devia ficar.

— A mãe pode obrigar-me a ficar, mas tu não - respondeu Laura, - Posso, sim. A mãe não está e tu deves fazer o que eu te digo, porque sou a mais velha.

—Tens de me deixar fazer o que quero, porque sou a mais pequena - contrapôs Laura.

— Isso é a Carrie, e não tu - declarou Maria. - Se não fizeres o que te digo, conto à mãe.

— Acho que posso brincar onde me apetece! - ripostou Laura.

Maria agarrou-a, mas Laura foi mais rápida. Saiu de casa a correr e teria continuado pelo carreiro acima se Jack não estivesse no caminho. O cão estava imóvel, olhando para o outro lado da ribeira. Laura olhou também e gritou: — Maria!

O gado andava a toda a volta das medas de feno do pai, comendo a palha. Os animais investiam contra as medas com os chifres, arrancavam o feno cá para fora, comiam-no e pisavam-no.

Por aquele andar, não restaria nada para alimentar Pete, Brilhante e Malhada, no Inverno.

Jack sabia o que tinha de fazer. Correu, a rosnar, pelo carreiro abaixo, até à pontezinha. O pai não estava presente para salvar o feno; tinham elas e Jack de enxotar o gado.

— Oh, não podemos! Não podemos! - exclamou Maria, assustada.

Mas Laura correu atrás de Jack e Maria correu atrás dela. Atravessaram o ribeiro e deixaram a nascente para trás. Chegaram à pradaria e viram bem, de perto, os enormes e ferozes animais. Os chifres compridos abriam buracos nas medas, as pernas grossas espezinhavam e empurravam, as bocas grandes mugiam.

Maria estava tão assustada que nem se podia mexer. Laura estava tão assustada que não podia ficar quieta. Puxou Maria atrás de si. Viu um pau, apanhou-o e correu a gritar para o gado. Jack correu também, a rosnar. Uma grande vaca vermelha investiu contra ele, com os chifres, mas o cão saltou para trás dela. A vaca resfolegou e lançou-se a galope. Todo o restante gado foi atrás dela, a correr e aos empurrões, e Jack, Laura e Maria foram em sua perseguição.

Mas não conseguiam enxotar os animais das medas de feno. O gado andava às voltas e pelo meio das medas, aos encontrões e a mugir, a arrancar feno e a espezinhá-lo. Cada vez caía mais feno das medas. Laura corria, ofegante e aos gritos, agitando o pau. Quanto mais depressa ela corria, tanto mais aumentava a velocidade do gado - bois pretos, castanhos, vermelhos e malhados, grandes e com uns chifres terríveis -, que não paravam de estragar o feno. Alguns animais

tentaram subir pelas medas periclitantes.

Laura estava afogueada e tonta. O seu cabelo desentrançara-se e voava-lhe para os olhos. Tinha a garganta áspera de gritar, mas não parava de gritar, correr e agitar o pau. Estava tão assustada que não acertava em nenhuma daquelas vacas enormes e de grandes chifres. Chegavam cada vez mais e espezinhavam o feno cada vez mais depressa.

De súbito, Laura virou-se, correu no outro sentido e enfrentou a grande vaca vermelha que vinha a contornar uma das medas de feno.

As enormes pernas, o grande cachaço e os terríveis chifres aproximavam-se, velozes. Laura já não podia gritar. Mas atirou-se à vaca e brandiu o pau. A vaca tentou parar, mas o resto do gado vinha todo atrás dela e não a deixou. Por isso, a vaca desviou-se e correu através do campo lavrado, com os outros galopando atrás dela.

Jack, Laura e Maria perseguiram-nos, cada vez para mais longe do feno. Enxotaram o gado para longe, para as ervas altas da pradaria.

Johnny Johnson levantou-se do chão, a esfregar os olhos. Estivera a dormir numa quente concavidade de erva.

— Johnny Johnson! - gritou Laura, esganiçada. - Acorda e toma conta do gado!

— É o melhor que tens a fazer - acrescentou Maria.

Johnny Johnson olhou para o gado que pastava na erva alta e depois olhou para Laura, Maria e Jack. Não sabia o que acontecera e elas não lhe podiam dizer porque ele só percebia palavras norueguesas.

Regressaram através da erva alta, que lhes tornava mais lentas as pernas trêmulas. Beberam com gosto na nascente e com gosto se sentaram em casa a descansar.

11

EM DISPARADA

Ficaram em casa toda aquela tarde comprida e calma. O gado não voltou às medas de feno. Lentamente, o Sol foi descendo no céu ocidental. Em breve seriam horas de ir ao encontro do gado no grande rochedo cinzento, e Laura e Maria desejavam que o pai e a mãe chegassem.

Subiram diversas vezes o carreiro, para ver se vinha o carroção. Por fim, sentaram-se à espera, com Jack, no telhado coberto de erva da sua casa. Quanto mais o Sol descia, mais atentas se tornavam as orelhas de Jack. Ele e Laura levantaram-se muitas vezes para olharem para a beira do céu, onde o carroção desaparecera, embora o pudessem ver de igual modo se continuassem sentados.

Por fim, Jack virou uma orelha nessa direção, e depois a outra. Olhou para Laura e agitou-se todo, do pescoço à ponta da cauda curta. O carroção vinha aí!

Levantaram-se todos e olharam, até o verem desembocar da pradaria. Quando viu os bois e a mãe e Carrie sentadas no banco do carroção, Laura desatou aos pulos, agitando a touca e a gritar: — Vêm aí! Vêm aí!

— Vêm muito depressa - observou Maria.

Laura ficou quieta ouvindo o grande barulho que o carroção fazia. Pete e Brilhante vinham, realmente, muito depressa. Vinham disparados. Fugiam.

O veículo aproximou-se aos trancos e solavancos. Laura viu a mãe a um canto do carroção, agarrada a ele e a apertar Carrie a si. O pai corria o mais que podia ao lado de Brilhante, a gritar e a bater-lhe com o aguilhão.

Tentava obrigar Brilhante a desviar-se do aterro do ribeiro.

Mas não conseguia. Os grandes bois a galope aproximavam-se cada vez mais da ladeira íngreme. Brilhante empurrava o pai do caminho.

Iam despenhar-se todos. O carroção, a mãe e Carrie iam cair pelo barranco abaixo, até ao ribeiro.

O pai deu um grito terrível. Bateu com toda a sua força na cabeça de Brilhante e o animal desviou-se. Laura desatou a correr e a gritar e Jack saltou até ao focinho de Brilhante. Depois o carroção, a mãe e Carrie passaram, como um relâmpago. Brilhante foi contra o estábulo e, de repente, ficou tudo silencioso.

O pai correu atrás do carroção e Laura atrás dele.

— Aí, Brilhante! Aí, Pete! - O pai agarrou-se à caixa do carroção e olhou para a mãe.

— Estamos bem, Charles - disse a mãe, que tremia toda e tinha o rosto cinzento.

Pete tentava entrar no estábulo, mas estava jungido a Brilhante e este tinha pela frente a parede do estábulo. O pai tirou a mãe e Carrie do carroção e a mãe disse: — Não chores, Carrie. Estamos bem, vês?

O vestido cor-de-rosa de Carrie estava rasgado à frente. Ela fungava com a cara encostada ao pescoço da mãe e tentava deixar de chorar, como a mãe lhe dissera.

— Oh, Carolina, pensei que iam despenhar-se pelo aterro! - exclamou o pai.

— Também eu, por instantes - respondeu a mãe. - Mas deveria saber que tu não deixarias que isso acontecesse.

— Ora! - protestou o pai. - Foi o velho Pete. Ele não ia disparado. O Brilhante ia, mas o Pete limitava-se a acompanhá-lo. Quando viu o estábulo, quis o seu jantar.

Mas Laura sabia que a mãe e Carrie teriam caído ao ribeiro, com o carroção e os bois, se o pai não tivesse corrido tão depressa e não tivesse batido com tanta força no Brilhante. Encostou-se à saia de balão da mãe, apertou-a com força e exclamou: — Oh, Ma! Oh, Ma! - E Maria fez o mesmo.

— Pronto, pronto - interrompeu-as a mãe. - Está tudo bem quando acaba bem. Agora, pequenas, ajudem a trazer os embrulhos, enquanto o pai põe os bois no estábulo.

Levaram todos os embrulhos pequenos para casa. Foram ao encontro do gado ao rochedo cinzento e levaram a Malhada para o estábulo. Laura ajudou a ordenhá-la, enquanto Maria ajudava a mãe a preparar o jantar.

Quando jantavam, contaram como o gado fora para as medas de feno e como o tinham enxotado. O pai disse que tinham feito exatamente o que era necessário.

Sabíamos que podíamos contar com vocês para tomarem conta de tudo - acrescentou. - Não é verdade, Carolina?

Só depois do jantar, quando o pai empurrou o banco para trás e olhou como se esperasse alguma coisa, se lembraram de que ele costumava trazer-lhes sempre presentes da cidade. Laura saltou-lhe para um joelho e Maria para outro, e Laura perguntou: — Que nos trouxe, Pá? Que foi? Que foi?

— Adivinhem.

Não conseguiram adivinhar. Mas Laura sentiu qualquer coisa estalar na algibeira da camisola do pai e não perdeu tempo. Encontrou um cartuchinho de papel muito bonito, às riscas encarnadas e verdes, e dentro do cartuchinho dois pirulitos, um para Maria e outro para ela!

Eram da cor de açúcar de bordo e achatados de um lado.

Maria lambeu o seu. Mas Laura deu uma dentada no dela e a parte de fora soltou-se, a esfarelar-se. O interior era duro, transparente e castanho-escuro. Tinha um gosto forte, agradável, e o pai disse que era bala de marroio.

Depois de lavada a louça, Laura e Maria pegaram cada qual no seu pirulito e sentaram-se nos joelhos do pai, fora da porta, sob o crepúsculo frio. A mãe ficou dentro de casa, a cantarolar para Carrie, que tinha ao colo.

O ribeiro falava sozinho, debaixo dos salgueiros amarelos. Uma por uma, as grandes estrelas surgiram, baixas, e pareceram tremer sob o vento fraco.

Laura sentia-se aconchegada no braço do pai. A barba dele fazia-lhe leves cócegas na face e o delicioso sabor do pirulito derretia-se-lhes na língua.

Passados momentos, murmurou: — Pá…

— Que é, Meia Canequinha? - perguntou o pai, com a boca encostada ao seu cabelo.

— Acho que gosto mais de lobos do que de gado.

— O gado é mais útil, Laura.

Ela pensou um bocado no assunto e depois afirmou: — De qualquer modo, gosto mais de lobos.

Não estava sendo espirito de contradição; estava só dizendo o que pensava.

— Bem, Laura, teremos uma boa parelha de cavalos, não tarda muito - disse o pai, e ela sabia quando isso seria: quando colhessem seara de trigo.

12

OS CAVALOS DO NATAL

O tempo de gafanhotos era um tempo estranho. Nem mesmo no Dia de Ação de Graças havia neve.

A porta da casa estava toda aberta, enquanto eles comiam o almoço do Dia de Ação de Graças. Laura via através das copas nuas dos salgueiros, até muito longe pela pradaria fora, o lugar onde o Sol se poria. Não havia nem uma pinta de neve. A pradaria lembrava macia pele amarela. A linha onde se encontrava com o céu já não era nítida e clara; agora era baça e esborratada.

"Tempo de gafanhotos", pensou Laura. Recordou as asas compridas e dobradas dos gafanhotos e as suas altas e articuladas patas traseiras. Os pés eram finos e arranhavam, a cabeça dura, com grandes olhos aos cantos, e as mandíbulas pequeninas e sempre a mordiscar.

Quando se apanhava um gafanhoto e se lhe metia devagarinho uma ponta de erva verde nas mandíbulas, ele devorava-a num instante. Iam mordiscando a erva, mordiscando, até só restar a ponta, que desaparecia num abrir e fechar de olhos dentro deles.

O almoço do Dia de Ação de Graças era bom. O pai abatera um ganso bravo, para o almoço. A mãe tivera de o guisar, porque não tinham chaminé e o pequeno fogão não tinha forno, mas fizera bolo de farinha no molho. Havia bolos fritos de milho e puré de batata, manteiga, leite e ameixas secas cozidas. E ao lado de cada prato de folha encontravam-se três bagos de milho secos.

No primeiro almoço de Ação de Graças, os pobres peregrinos não tinham tido mais nada para comer além de três bagos de milho secos. Mas depois chegaram os índios e deram-lhes perus, pelo que os peregrinos ficaram gratos.

Agora, depois de comerem o seu bom e farto almoço de Ação de Graças, Laura e Maria podiam comer os grãos de milho e recordar os peregrinos. O milho seco era bom. Estalava e rangia na boca e o seu gosto era doce e agradável.

O Dia de Ação de Graças passou e chegou a altura de pensar no Natal. Continuava a não haver neve nem chuva. O céu estava cinzento, a pradaria baça e os ventos eram frios. Mas os ventos frios sopravam por cima do telhado da casa.

— Uma casa destas é aconchegada e abrigada - disse a mãe. - Mas sinto-me como um animal encurralado para o Inverno.

— Deixa lá, Carolina - redarguiu o pai. - Para o ano teremos uma boa casa. - Os seus olhos brilhavam e a sua voz parecia cantar. - E também bons cavalos e uma charrete! Levar-te-ei a passear, toda vestida de seda! Calcula, Carolina, esta terra plana e rica, sem uma pedra nem uma raiz a dar trabalho, e só a cinco quilômetros de uma via férrea! Poderemos vender todo o trigo que produzirmos!

Passou os dedos pelo cabelo e acrescentou: — Quem me dera ter uma parelha de cavalos!

— Então, Charles? - admoestou-o a mãe. - Aqui estamos todos saudáveis e bem abrigados, com comida para o Inverno, e tu falando assim. Sintamo-nos gratos pelo que temos.

— Eu estou grato - afirmou o pai. - Mas o Pete e o Brilhante são demasiado lentos para desterroar e colher. Desbravei aquele grande campo com eles, mas sem cavalos não poderei semeá-lo todo de trigo.

Laura teve então uma oportunidade de falar sem interromper ninguém: — Não há chaminé.

— De que estás falando? - perguntou-lhe a mãe.

— Do Pai Natal.

— Come o jantar, Laura, e não nos preocupemos antes de tempo - respondeu-lhe a mãe.

Laura e Maria sabiam que o Pai Natal não poderia descer por chaminé se não houvesse chaminé. Um dia, Maria perguntou à mãe como poderia vir o Pai Natal. Em vez de lhe responder, a mãe Perguntou: — Que querem vocês para o Natal?

A mãe estava passando a ferro, com uma ponta de tábua assente na mesa e a outra nos pés da cama. O pai fizera os pés da cama altos para isso mesmo. Carrie brincava na cama e Laura e Maria estavam sentadas à mesa. Maria escolhia quadrados para mantas e Laura fazia um aventalzinho para Carlota, a boneca de trapos. O vento soprava no telhado e assobiava no cano da chaminé, mas ainda não ha via neve.

— Eu quero bala - respondeu Laura.

— Também eu - acrescentou Maria, e Carrie gritou: — Bala?

— E um vestido de Inverno novo, um casaco e um capuz - continuou Maria.

— Também eu - acrescentou por sua vez Laura. - E um vestido para a Carlota e…

A mãe tirou o ferro do fogo e estendeu-lhe. Podiam experimentar se estava quente. Lamberam os dedos e tocaram, muito, muito depressa, no fundo liso e quente. Se crepitava, o ferro estava suficientemente quente.

— Obrigada, Maria e Laura - agradeceu a mãe, e começou a passar

cuidadosamente à volta e por cima dos remendos da camisa do pai.

— Sabem o que o pai quer para o Natal?

Não sabiam.

— Cavalos - disse a mãe. - Vocês gostariam de cavalos?

Laura e Maria entreolharam-se.

— Eu só pensei que - prosseguiu a mãe -, se todos desejássemos cavalos, e mais nada além de cavalos, então talvez…

Laura sentiu-se esquisita. Cavalos eram uma coisa de todos os dias; não eram de Natal. Se o pai quisesse cavalos, teria de os trocar por outra coisa… Laura não podia pensar no Pai Natal e em cavalos ao mesmo tempo.

— Mãe! - exclamou. - Há um Pai Natal, não há?

— Claro que há um Pai Natal - respondeu a mãe, e pôs de novo o ferro a aquecer. - Quanto mais crescerem, mais saberão a respeito do Pai Natal. Agora já são tão crescidas que sabem que ele não pode ser apenas um homem, não sabem? Sabem que está em toda a parte na véspera de Natal. Está na Floresta Grande, no Território índio, muito longe, no estado de Iorque, e aqui. Desce por todas as chaminés ao mesmo tempo. Sabem isso, não sabem?

— Sim, Ma - responderam Maria e Laura.

— Bem, então compreendem…

— Acho que ele é como os anjos - disse Maria, devagar, e Laura também compreendeu isso, exatamente como Maria.

Depois a mãe disse-lhe mais uma coisa a respeito do Pai Natal: estava em toda a parte e, além disso, estava sempre.

Quando alguém se mostrava desinteressado e generoso, era o Pai Natal.

A véspera do Natal era uma ocasião em que todo o mundo era desinteressado e generoso. Nessa única ocasião, o Pai Natal estava em toda a parte, porque todo o mundo, ao mesmo tempo, deixava de ser egoísta e queria que outras pessoas se sentissem felizes. E de manhã via-se o resultado disso.

— Se todo o mundo quisesse que todo o mundo fosse feliz, o tempo todo, então seria Natal o tempo todo? - perguntou Laura, e a mãe respondeu: — Sim, Laura.

Laura pensou nisso. E Maria também. Pensaram, olharam uma para a outra e compreenderam o que a mãe queria que fizessem. Queria que elas não desejassem mais nada, além de cavalos para o pai. Voltaram a olhar uma para a outra, mas desviaram apressadamente os olhos e não disseram nada. Nem mesmo Maria, que era sempre tão boa, disse uma palavra.

Nessa noite, depois do jantar, o pai puxou Laura e Maria para a curva dos seus braços. Laura olhou-lhe para a cara e depois aninhou-se contra ele e murmurou: — Pá…

— Que é, Meia Canequinha de Sidra Doce? - perguntou o pai.

— Quero que o Pai Natal… traga…

— O quê?

— Cavalos - respondeu Laura. - Se me deixar andar neles de vez em quando.

— Também eu! - exclamou Maria, mas Laura dissera primeiro. O pai ficou surpreendido e olhou-as com os olhos meigos e brilhantes.

— Gostariam realmente de cavalos, filhas? - perguntou-lhes.

— Oh, sim, Pá!

— Nesse caso - disse o pai, a sorrir -, tenho a impressão de que o Pai Natal nos vai trazer a todos uma bonita parelha de cavalos.

Ficou assim decidido. Não haveria Natal, só cavalos. Laura e Maria despiram-se, muito sérias, e muito sérias abotoaram as camisas de dormir e ataram as fitas das toucas. Ajoelharam juntas e recitaram:

Agora, que para dormir me vou deitar,
Peço ao Senhor para o meu sono guardar.
Se antes de acordar eu morrer,
Peço-Lhe para a minha alma receber.

— E por favor abençoe o Pá e a Ma e a Carrie e todo o mundo e faça-me uma boa menina para todo o sempre. Ámen.

Laura acrescentou muito depressa, da sua própria cabeça: — E por favor dê-me só alegria com os cavalos do Natal, para todo o sempre e ámen outra vez.

Meteu-se na cama e sentiu-se quase imediatamente feliz. Pensou em cavalos bonitos e lustrosos, como as suas crinas e as suas caudas voavam ao vento, como levantavam os pés velozes, aspiravam o ar com o focinho aveludado e olhavam para tudo com olhos brilhantes e meigos. E o pai deixá-la-ia andar neles.

O pai afinara a rabeca e encostou-a ao ombro. Por cima da casa, o vento assobiava, solitário, no escuro frio. Mas dentro de casa era tudo aconchegado e confortável.

Os cantos do fogão deixavam escapar pequenos clarões de fogo que brilhavam nas agulhas de aço da mãe e tentavam alcançar o cotovelo do pai. O arco dançava nas sombras, o pé do pai batia o compasso no chão e a música alegre abafava o assobio triste e solitário do vento.

13

UM NATAL FELIZ.

Na manhã seguinte, andava neve no ar. Bocados duros de neve saltavam e rodopiavam no vento uivante.

Laura não pôde sair de casa para brincar. Malhada, Pete e Brilhante ficaram todo o dia no estábulo, comendo feno e palha. Em casa, o pai consertou as botas, enquanto a mãe lhe lia mais uma vez a história chamada Millbank. Maria costurava e Laura brincava com Carlota. Podia deixar Carrie pegar em Carlota, mas Carrie era muito pequenina para brincar com bonecas de papel; podia rasgar alguma.

Nessa tarde, quando Carrie estava a dormir, a mãe fez sinal a Maria e a Laura. O seu rosto brilhava, como se guardasse um segredo. Encostaram a cabeça à dela e a mãe disse-lhes: — Podiam fazer uma enfiada de botões para o Natal de Carrie! Saltaram logo para a cama, sentaram-se de costas para Carrie e abriram os vestidos no colo. A mãe levou-lhes a caixa dos botões. A caixa estava quase cheia. A mãe começara a guardar botões quando era mais pequena do que Laura e tinha botões que a sua própria mãe guardara, quando era pequena. Havia botões azuis e encarnados, botões prateados e dourados, botões arqueados para dentro com pequenos castelos, pontes e árvores, reluzentes botões pretos, botões de porcelana pintada, botões às riscas, botões que pareciam sumarentas amoras e até um botão do feitio de uma pequenina cabeça de cão. Laura deu um grito de contentamento quando o viu.

— Silêncio! - recomendou a mãe, mas Carrie não acordou.

A mãe deu-lhes todos esses botões para fazerem uma enfiada de botões para Carrie.

Depois disso, Laura não se importou de ficar em casa. Quando olhou para fora, o vento arrastava neve através da terra nua e gelada. O ribeiro estava gelado e as copas dos salgueiros faziam barulho, ao baterem umas nas outras. Em casa, ela e Maria tinham o seu segredo.

Brincavam sossegadamente com Carrie e davam-lhe tudo quanto ela queria. Pegavam-lhe, cantavam para ela e adormeciam-na sempre que podiam. Quando ela dormia, trabalhavam na enfiada de botões.

Maria tinha uma ponta do fio e Laura a outra. Escolhiam os botões que queriam e enfiavam-nos no fio. Depois estendiam o fio, olhavam, e tiravam alguns botões e metiam outros. Às vezes tiravam mesmo os botões todos e

recomeçavam do princípio. Iam fazer a enfiada de botões mais bonita do mundo.

Um dia, a mãe disse-lhes que era véspera de Natal. Tinham de acabar o colar nesse dia.

Não conseguiam adormecer Carrie, que corria e gritava, subia para cima de bancos e saltava deles, escorregava e cantava. Parecia não se cansar. Maria disse-lhe que se sentasse quieta como uma senhorinha, mas ela não quis saber. Laura deixou-a pegar em Carlota e ela atirou-a ao ar e contra a parede.

Por fim, a mãe pegou-lhe e cantou. Laura e Maria Ficaram absolutamente quietas. A mãe ia cantando cada vez mais baixo, e os olhos de Carrie foram pestanejando até se fecharem. Mas quando a mãe deixou de cantar, os olhos de Carrie abriram-se e ela gritou: — Mais, Ma! Mais!

Mas, por fim, lá adormeceu. Então, muito depressa, Laura e Maria acabaram a enfiada de botões. A mãe atou as pontas, muito bem atadas. Estava pronta; agora não podiam mudar nem um botão. Era uma bonita enfiada de botões.

Nessa noite, depois do jantar, quando Carrie dormia a bom dormir, a mãe pendurou-lhe o parzinho de meias lavadas na beira da mesa. Laura e Maria, em camisa de dormir, meteram a enfiada de botões numa das meias.

E pronto. Maria e Laura iam meter-se na cama quando o pai lhes perguntou: — Então não penduram as meias?

— Mas eu pensei… - respondeu Laura - …pensei que o Pai Natal nos ia trazer cavalos.

— Talvez traga - admitiu o pai. - Mas as meninas pequenas penduram sempre as suas meias na véspera de Natal, não penduram?

Laura não soube que pensar. E Maria também não. A mãe tirou duas meias lavadas da mala da roupa e o pai ajudou-as a pendurá-la ao lado das de Carrie. Laura e Maria disseram as suas orações e adormeceram, intrigadas.

De manhã, Laura ouviu o fogo estalando. Abriu um olho um bocadinho e viu a luz do candeeiro e um volume na sua meia de Natal.

Saltou da cama, a gritar. Maria correu, também, e Carrie acordou. Na meia de Laura e na de Maria estavam embrulhinhos de papel iguaizinhos, e nos embrulhos estavam chupas.

Seis chupas para cada uma. Nunca tinham visto chupas tão bonitos. Até era pena comê-los. Uns eram como fitas onduladas. Outros eram pedaços curtos de chupas redondos, com flores coloridas a todo o comprimento da parte plana. Outros eram perfeitamente redondos e às riscas.

Numa das meias de Carrie estavam quatro desses bonitos chupas. Na outra estava a enfiada de botões. Os olhos e a boca de Carrie ficaram absolutamente redondos quando a viram. Depois deu um grito de contentamento, agarrou na

enfiada e gritou de novo. Sentou-se no joelho do pai olhando para os pirulitos e para a enfiada de botões, a torcer-se toda e a rir de satisfação.

Até que chegou a hora de o pai tratar dos animais.

— Acham que haverá alguma coisa para nós no estábulo? - perguntou-lhes.

E a mãe disse-lhes: — Vistam-se o mais depressa que possam, meninas, e podem ir com o pai ao estábulo, ver o que lá encontram.

Como era Inverno, tiveram de calçar meias e sapatos. Mas a mãe ajudou-as a abotoar os sapatos e prendeu-lhes os xales debaixo do queixo. Depois correram para fora de casa, para o frio.

Estava tudo cinzento, exceto uma comprida faixa encarnada no céu oriental. A luz encarnada que refletia brilhava nas manchas de neve branco-acinzentadas. A neve fixara-se na erva morta das paredes e do telhado do estábulo e estava encarnada. O pai, que espera à porta, riu-se quando viu Laura e Maria, desviou-se para o lado e deixou-as entrar.

Nos lugares de Pete e Brilhante encontravam-se agora dois cavalos.

Eram maiores do que Pet e Patty e de um castanho-avermelhado Suave, que brilhava como seda. Tinham a crina e a cauda pretas e olhos brilhantes e meigos. Baixaram o focinho aveludado para a mão de Laura e ela sentiu-lhes o bafo quente.

— Então, traquininhas? E tu, Maria? - perguntou o pai. - Gostam do vosso Natal?

— Muito, Pá - respondeu Maria, mas Laura só pôde dizer: — Oh, Pá!

Os olhos do pai brilharam muito e ele perguntou: — Quem quer montar os cavalos do Natal até à água?

Laura quase não podia esperar, de impaciente, enquanto o pai levantava Maria, lhe dizia que não tivesse medo e explicava como se devia agarrar à crina. Depois as mãos fortes do pai ergueram Laura do chão. Ela sentou-se no dorso grande e suave do cavalo e sentiu-se transportada por ele.

Cá fora brilhava agora tudo, com o sol incidindo na neve e na geada. O pai caminhava à frente, conduzindo os cavalos e levando o machado, para quebrar o gelo do ribeiro, a fim de eles poderem beber. Os cavalos levantaram a cabeça, respiraram fundo e deixaram sair ruidosamente o ar frio pelas narinas. Estenderam as orelhas aveludadas para a frente, depois para trás e de novo para a frente.

Laura agarrava-se à crina do cavalo, tocava-lhe com os pés e ria-se. O pai, os cavalos e Laura e Maria estavam todos felizes na fria e alegre manhã de Natal.

14

CHEIA PRIMAVERIL.

No meio da noite, Laura sentou-se de repente na cama. Nunca ouvira nada como aquele rugir, à porta.

— Pá! Pá, que é isto? - gritou.

— Parece o ribeiro.

O pai saltou da cama, abriu a porta e o rugido entrou na escuridão da casa e assustou Laura, que ouviu o pai gritar: — Com a breca! Chove a potes!

A mãe disse qualquer coisa, mas Laura não ouviu as palavras.

— Não consigo ver nada! - gritou o pai. - Está escuro como um monte de gatos pretos! Não te preocupes, o ribeiro não pode subir até aqui! Transborda pela margem baixa, do outro lado!

Fechou a porta e o rugido tornou-se mais abafado.

— Dorme, Laura - disse o pai, mas Laura ficou acordada, ouvindo aquele rugir ali mesmo à porta.

De súbito, abriu os olhos. A janela estava cinzenta. O pai saíra e a mãe estava a preparar o desjejum, mas o ribeiro continuava a rugir.

Num ápice, Laura saltou da cama e abriu a porta. Uuche! Chuva gelada molhou-a toda e deixou-a sem respiração. Saltou para fora de casa, para a água fria que lhe correu pela pele toda. O ribeiro rugia e corria, veloz, mesmo a seus pés.

O carreiro terminava no ponto onde ela estava. Água furiosa saltava e rolava pelos degraus que costumavam descer até à pontezinha. E os maciços de salgueiros estavam inundados e copas de árvores rodopiavam em espuma amarela. O barulho ensurdeceu Laura, que deixou de ouvir a chuva. Sentia-a bater na camisa de dormir encharcada e na cabeça, como se não tivesse cabelo, mas ouvir só ouvia o rugido zangado do ribeiro.

A água veloz e forte era assustadora e fascinante ao mesmo tempo. Rosnava, espumejante, à volta das copas dos salgueiros e perdia-se a redemoinhar muito longe, na pradaria. Irrompia, alta e branca, da curva do ribeiro, a montante. Mudava constantemente e era sempre a mesma, forte e terrível.

De súbito, a mãe puxou Laura para dentro de casa e perguntou-lhe: — Não me ouviste chamar-te?

— Não, Ma - respondeu Laura.

— Tens razão, suponho que não ouviste.

A água escorria por Laura abaixo e formava uma poça à volta dos seus pés descalços. A mãe despiu-lhe a camisa de dormir encharcada e esfregou-a toda, com força, com uma toalha.

— Agora veste-te depressa, se não queres apanhar uma constipação que dê cabo de ti!

Mas Laura estava agradavelmente quente. Nunca se sentira tão bem nem tão vigorosa.

— Estou surpreendida contigo, Laura - disse-lhe Maria. - Eu nunca iria lá para fora com esta chuva, para me molhar dessa maneira.

— Oh, Maria, só queria que visses o ribeiro! - exclamou Laura, e depois perguntou: - Ma, posso sair outra vez e vê-lo depois do desjejum?

—Não, não podes - respondeu a mãe. - Nem enquanto estiver chovendo.

Mas enquanto tomavam o desjejum a chuva parou. O sol voltou a brilhar e o pai disse que Laura e Maria podiam ir com ele ver o ribeiro.

O ar estava fresco, limpo e úmido. Cheirava a Primavera. O céu estava azul, com grandes nuvens a cruzá-lo. A neve desaparecera toda da terra empapada. Cá de cima, da margem alta, Laura ainda ouvia o ribeiro a rugir.

— Este tempo intriga-me - disse o pai. - Nunca vi nada parecido.

— Continua sendo tempo de gafanhotos? - perguntou Laura, mas o pai não lhe soube responder.

Caminharam ao longo da margem alta, a admirar a estranha passagem.

O ribeiro rugidor e espumejante mudava tudo. Os bosques de ameixoeiras estavam reduzidos a ramos cheios de espuma, na água. O planalto era uma ilha redonda, com água a correr suavemente a toda a volta, vinda de um rio largo e alteroso e regressando para ele. Onde existira a lagoa, os salgueiros altos eram agora salgueiros baixos num lago.

Para lá deles, a terra que o pai lavrara estava preta e úmida. O pai olhou-a e disse: — Agora já não falta muito para poder semear o trigo.

15

PONTE PARA PEDESTRES.

No dia seguinte, Laura teve a certeza de que a mãe a não deixaria ir brincar no ribeiro. Este ainda rugia, mas mais suavemente. Ela ouvia-o em casa, a chamá-la. Por isso, saiu sorrateiramente, sem dizer nada à mãe.

A água já não estava tão alta, Descera os degraus e Laura via-a espumar contra a ponte de passagem. Parte da prancha estava acima da água.

Durante todo o Inverno, o ribeiro estivera coberto de gelo, imóvel e silencioso, sem fazer um som. Agora corria velozmente e fazia um ruído alegre. Quando batia na aresta da prancha desfazia-se em espuma branca e ria para consigo.

Laura descalçou os sapatos e as meias e pô-los em segurança, no último degrau. Depois andou até à prancha e parou a observar a água barulhenta.

Pingos salpicavam-lhe os pés descalços, à volta dos quais passavam ondinhas. Meteu um pé na espuma redemoinhante. Depois sentou-se na prancha e meteu ambas as pernas na água. O ribeiro corria com força contra elas e Laura esperneava, aos pontapés à água. Era divertido!

Já estava quase toda molhada, mas a sua pele queria meter-se toda na água. Deitou-se de bruços e mergulhou os braços, um de cada lado na corrente veloz. Mas isso não chegava. Queria estar realmente mergulhada na corrente ruidosa e alegre. Uniu bem as mãos, debaixo da prancha, e rolou para fora dela.

Nesse preciso instante compreendeu que o ribeiro não estava a brincar. Era forte e terrível. Agarrou-lhe todo o corpo e puxou-o para debaixo da ponte. Laura tinha só a cabeça de fora e um braço a atravessar desesperadamente a prancha estreita.

A água puxava-a e, ao mesmo tempo, empurrava-a. Tentava arrastar-lhe a cabeça para debaixo da prancha. O queixo de Laura resistia, contra a aresta da tábua, e o seu braço agarrava com toda a força, enquanto a água lhe puxava com maior força ainda o resto do corpo. Agora o ribeiro não ria.

Ninguém sabia onde ela estava. Ninguém a ouviria se gritasse pedindo socorro. A água rugia, alto, e puxava-a cada vez com mais força. Laura esperneava, mas a água era mais forte do que as suas pernas. Conseguiu colocar ambos os braços através da prancha e tentou içar-se, mas a água era mais forte e não parava de puxar. Puxava-lhe a parte de trás da cabeça para baixo e esticava, como se quisesse parti-la em duas. Estava frio, um frio que se infiltrava nela.

Aquilo não era como se fossem lobos ou gado. O rio não estava vivo. Era apenas forte e terrível e nunca parava. Puxá-la-ia para baixo, fá-la-ia girar e empurrá-la-ia - atirá-la-ia como um ramo de salgueiro. Sem se importar.

Laura tinha as pernas cansadas e os seus braços já quase não sentiam a prancha.

“Tenho de sair da água custe o que custar!”, pensou. O rugido do ribeiro estava dentro da sua cabeça. Bateu energicamente os pés, fez força com ambos os braços, e a seguir ficou outra vez deitada na prancha.

Sentia a madeira sólida debaixo do estômago e da cara. Ficou deitada, a respirar, satisfeita por sentir aquela solidez.

Quando se mexeu, a cabeça andou-lhe à roda. Saiu da prancha de gatas. Pegou nos sapatos e nas meias e subiu devagar os degraus enlameados. Parou á porta de casa. Não sabia o que havia de dizer à mãe.

Passados momentos, entrou. Parou logo à entrada, a escorrer água. A mãe estava cosendo.

— Onde estiveste, Laura? - perguntou a mãe, mas depois ergueu a cabeça e levantou-se, muito rápida. - Meu Deus! Vira-te, vira-te depressa! - Começou a desabotoar os botões das costas do vestido de Laura. - Que aconteceu? Caíste ao ribeiro?

— Não, senhora. Eu… eu entrei nele.

Enquanto a ouvia, a mãe continuou a despi-la e a esfregá-la toda com uma toalha. Não disse uma palavra, nem depois de Laura lhe ter contado tudo. Os dentes de Laura batiam e a mãe embrulhou-a numa manta e sentou-a junto do fogo.

Por fim, disse: — Bem, Laura, foste muito má e eu creio que tiveste sempre consciência disso. Mas não te posso castigar. Não te posso sequer ralhar. Quase te afogaste.

Laura não disse nada.

— Não voltarás a aproximar-te do ribeiro enquanto o pai ou eu não dissermos que o podes fazer, e isso não acontecerá enquanto a água não descer.

— Sim, Ma.

O ribeiro desceria. Voltaria a ser um lugar agradável e sossegado para brincar. Mas ninguém poderia obrigá-lo a ser assim, ninguém poderia obrigá-lo a fazer fosse o que fosse. Laura sabia agora haver coisas mais fortes do que qualquer pessoa. No entanto, o ribeiro não a apanhara. Não conseguira fazê-la gritar e não conseguiria fazê-la chorar.

16

A CASA MARAVILHOSA.

O ribeiro desceu. De repente, os dias tornaram-se quentes e todas as manhãs, cedinho, o pai ia trabalhar no campo de trigo com Sam e David, os cavalos do Natal.

— Na minha opinião - protestava a mãe -, andas a esfalfar-te naquele campo. Assim, matas-te.

Mas o pai dizia que o solo estava seco porque não houvera neve suficiente. Tinha de o lavrar fundo, de o destorroar bem e de semear depressa o trigo. Começava a trabalhar todos os dias antes de nascer o Sol e só parava quando escurecia. Laura esperava, no escuro, até ouvir o barulho de Sam e David a atravessarem o vau. Então ia a correr a casa buscar a lanterna e depois corria para o estábulo para a segurar, a fim de que o pai pudesse ver enquanto tratava dos animais.

Ele estava tão cansado que não ria nem falava. Jantava e ia para a cama.

Finalmente, o trigo ficou semeado. Depois o pai semeou aveia e Preparou o terreno para as batatas e para a horta. A mãe, Laura e Maria ajudaram a semear as batatas, espalharam sementinhas pequenas nos sulcos da horta e deixaram Carrie pensar que estava ajudando.

Agora o mundo estava todo verde, de erva nova. As folhas verde-amareladas dos salgueiros começavam a desenrolar-se. As violetas e Os ranúnculos abundavam nas concavidades da pradaria e as folhas de azedas, que lembravam trevos, e as flores de alfazema tinham um gosto amargo e eram boas para comer. Só o campo do trigo estava nu e castanho.

Uma tarde, o pai mostrou a Laura uma leve película verde, no campo castanho. O trigo rompia! Cada rebentozinho era tão pequenino que dificilmente se via, mas todos eles juntos, como eram muitos, formavam aquela leve película verde. Nessa noite ficaram todos alegres porque o trigo era valioso.

No dia seguinte, o pai foi à cidade. Sam e David podiam ir à cidade e voltar numa tarde. Quase não tiveram tempo para sentir a ausência do pai e nem sequer estavam vendo se o viam chegar quando ele chegou. Laura foi a primeira a ouvir o carroção e a primeira a chegar ao carreiro.

O pai estava sentado no banco do carroção, todo sorridente e feliz. Atrás dele, na caixa, havia uma grande altura de madeira empilhada.

— Aqui está a tua casa nova, Carolina! - anunciou.

— Mas, Charles… - murmurou a mãe, quase sem poder falar. Laura correu para o carroção e subiu pela roda para a pilha de tábuas. Nunca vira tábuas tão bonitas, direitas e lisas. Tinham sido serradas à máquina.

— Mas o trigo ainda mal rompeu! - exclamou a mãe.

— Não há novidade - respondeu-lhe o pai. - Eles forneceram-me a madeira e eu pagar-lhes-ei quando vendermos o trigo.

— Vamos ter uma casa feita de tábuas? - perguntou Laura.

— Sim, traquininhas - respondeu-lhe o pai. - Vamos ter uma casa feita de madeira serrada. E vai ter janelas de vidro!

Era mesmo verdade. Na manhã seguinte, o Sr. Nelson veio ajudar o pai e começaram a escavar a cave da casa. Teriam aquela casa maravilhosa simplesmente porque o trigo estava a crescer.

Laura e Maria tinham dificuldade em ficar em casa o tempo suficiente para fazerem o seu trabalho. Mas a mãe obrigava-as a fazê-lo - E não quero que lhe deem uma e prometam duas - lembrava-lhes.

Por isso, lavaram, limparam e arrumavam toda a louça do desjejum, faziam muito bem a sua cama, varriam o chão com a vassoura de rama de salgueiro e arrumavam-na no seu lugar. Só então podiam ir.

Corriam pelos degraus abaixo, atravessavam a ponte, metiam sempre a correr por baixo dos salgueiros e subiam para a pradaria. Através da erva, subiam ao cume do cabeço onde o pai e o Sr. Nelson estavam a construir a casa nova.

Era divertido vê-los armar o esqueleto da casa. As tábuas erguiam-se, delgadas e douradas, de novas, e entre elas via-se o céu muito azul. Os martelos produziam um som alegre. As plainas cortavam aparas compridas e encaracoladas das tábuas de cheiro agradável.

Laura e Maria suspendiam pequenas aparas das orelhas, fingindo que eram brincos. Ponham-nas também à volta do pescoço, fazendo de colares. Laura até colocava aparas compridas no cabelo, as quais caíam como caracóis dourados, exatamente da cor que sempre desejara fosse o seu cabelo.

O pai e o Sr. Nelson martelavam e serravam na armação do telhado. Caíam bocadinhos de madeira e Laura e Maria apanhavam-nos e empilhavam-nos ou faziam casinhas de brincar. Nunca se tinham divertido tanto.

O pai e o Sr. Nelson cobriam as paredes do esqueleto da casa com tábuas inclinadas, bem pregadas. Cobriam o telhado com telhas compradas. As telhas compradas eram finas e todas do mesmo tamanho, muito melhores do que até mesmo o pai poderia fazer com o machado. Fizeram um telhado regular e estanque, sem uma fendazinha.

Depois o pai assentou o sobrado de tábuas macias como seda, que tinham

sulcos ao longo das arestas para se ajustarem perfeitamente umas nas outras. Em cima colocou outro sobrado para a parte de cima da casa, o qual serviu de teto para a parte de baixo.

O pai colocou uma divisória na parte de baixo. Aquela casa teria duas divisões! Uma era o quarto e a outra só para estarem. Pôs duas reluzentes janelas de vidro nessa sala, uma voltada para o lado onde nascia o Sol e a outra, ao lado da porta, para sul. Pôs também duas janelas nas paredes do quarto, e eram igualmente de vidro.

Laura nunca tinha visto janelas tão maravilhosas. Eram em metades e cada metade tinha seis vidros. A metade de baixo podia puxar-se para cima e ficar levantada, desde que se lhe metesse um pauzinho debaixo.

Na direção oposta à porta da frente o pai abriu uma porta das traseiras e, do lado de fora, construiu uma divisão pequena. Seria Um alpendre e destinava-se a não deixar entrar os ventos do norte, no Inverno. Serviria também para a mãe guardar a vassoura, o pano do chão e a selha.

O Sr. Nelson já se tinha ido embora e Laura não se cansava de fazer perguntas. O pai disse-lhe que o quarto era para a mãe, para Carrie e para ele. O sótão era para Maria e Laura dormirem e brincarem. Laura mostrou tanta vontade em vê-lo que o pai interrompeu o que estava fazendo no alpendre e pregou tiras de tábuas pela parede acima, para servirem de escada para o sótão.

Laura subiu a escada rapidamente, até enfiar a cabeça pelo buraco do chão do sótão. Este era tão grande como as duas divisões do andar de baixo. O chão era de tábuas lisas e o teto inclinado era formado pela parte de baixo das telhas novas e amarelas. Havia uma janelinha em cada extremidade do sótão, e essas janelas também eram de vidro!

Ao princípio, Maria teve medo de passar da escada para o chão do sótão. Depois teve medo de passar pelo buraco do soalho para a escada. Laura também tinha medo, mas fingia que não tinha. Não tardaram a habituar-se a sair da escada e a passar para ela.

Pensaram que a casa já estivesse pronta, mas o pai pregou papel preto de alcatrão em todas as paredes exteriores. Depois pregou mais tábuas em cima desse papel. Eram tábuas compridas e Usadas, todas sobrepostas umas nas outras pelos lados da casa acima. Em seguida, o pai pregou molduras planas à volta das portas e das janelas.

— Esta casa é estanque como um tambor! - exclamou.

Não havia no telhado, nas paredes ou no chão da casa uma única fenda por onde pudessem entrar a chuva ou o vento.

Seguidamente, o pai colocou as portas, compradas já prontas. Eram lisas e muito mais delgadas do que as portas feitas a machado e acima e abaixo do meio

tinham tábuas ainda mais delgadas. As dobradiças também eram compradas e era maravilhoso vê-las abrir e fechar. Não faziam barulho como os gonzos de madeira nem deixavam a porta arrastar como os de couro.

O pai colocou nas portas fechaduras compradas, com chaves que entravam em pequenos buraquinhos, giravam e produziam estalidos. As fechaduras tinham puxadores de louça branca.

Um dia, o pai perguntou: — Laura e Maria, são capazes de guardar um segredo?

— Oh, sim, Pá! - responderam as duas.

— Prometem que não dirão à mãe? - perguntou; e elas prometeram.

O pai abriu então a porta do alpendre e mostrou-lhes um reluzente fogão preto da cozinha. Tinha-o comprado na cidade e escondido ali, para fazerem uma surpresa à mãe.

O fogão tinha, em cima, quatro buracos redondos, tapados com quatro tampas redondas. Cada tampa tinha um buraco aberto e havia uma pega de ferro que se ajustava nos buracos, para se poderem levantar as tampas. À frente tinha uma porta comprida e baixa, com fendas, e uma peça de ferro que deslizava para a frente e para trás, a fim de fechar ou abrir as fendas. Era a tiragem. Debaixo da porta sobressaía uma chapa sobrecomprida, que servia para recolher as cinzas e evitar que caíssem no chão. Essa espécie de prateleira escavada tinha uma tampa de correr, na qual estavam gravadas letras altas, de ferro.

Maria passou o dedo pela série de letras e soletrou: — P, A, T. Um, sete, sete, zero. Que quer dizer, Pá?

— Quer dizer Pat - respondeu o pai.

Laura abriu uma porta grande do lado do fogão e viu um grande espaço quadrado atravessado por uma prateleira.

— Para que é isto, Pá?

— É o forno - respondeu-lhe o pai.

O pai pegou no maravilhoso fogão e foi colocá-lo na sala. Depois ajustou-lhe o cano da chaminé. Bocado a bocado, o tubo foi subindo, atravessou o teto, passou pelo sótão e enfiou-se num buraco que ele abrira no telhado. Depois o pai subiu ao telhado e colocou um cano de folha maior sobre o cano do fogão. O cano maior tinha o fundo a formar uma espécie de saia, que cobria o buraco do telhado. Assim, nem um pingo de chuva poderia correr pelo cano e entrar na casa nova.

Chamava-se àquilo uma chaminé da pradaria.

— Pronto, já está - disse o pai. - Nem lhe falta uma chaminé da pradaria.

Não havia mais nada que uma casa pudesse ter. As janelas de vidro tornavam o interior tão claro que quase nem se percebia que se estava dentro de

uma casa. Cheirava a novo e a pinho, das paredes e dos soalhos de tábuas amarelas novas. O fogão encontrava-se, todo importante, ao canto junto da porta do alpendre. Um toque no puxador de louça branca fazia girar a porta comprada nos gonzos comprados, e a lingueta de ferro do puxador dava um estalinho e conservava a porta fechada.

— Mudamo-nos amanhã de manhã - disse o pai. - Esta é a última noite que dormimos na casa do aterro.

Laura e Maria deram a mão ao pai e desceram do cabeço. O campo de trigo era um lençol de verdura brilhante e sedosa, ondulando numa curva da pradaria. Os seus lados eram direitos e os seus cantos retos, e a toda a sua volta a erva da pradaria parecia ainda mais áspera e de um verde mais escuro. Laura olhou para trás, para a casa maravilhosa. Debaixo de sol, no cabeço, as suas paredes e o seu telhado de madeira serrada eram tão douradas como uma meda de palha.

17

MUDANÇA.

Na manhã cheia de sol, a mãe e Laura ajudaram a transportar tudo da casa do aterro para o cimo deste e carregar as coisas no carroção. Laura quase não se atrevia a olhar para o pai. Estavam quase a rebentar com a surpresa secreta para a mãe.

Claro que a mãe não desconfiava de nada. Tirou as cinzas quentes do velho e pequeno fogão, para que o pai pudesse levá-lo, e perguntou-lhe: — Lembraste-te de comprar mais cano de chaminé?

— Lembrei, sim, Carolina - respondeu o pai; Laura não se riu, mas sufocou.

— Valha-te Deus, Laura - admirou-se a mãe -, tens uma rã na garganta?

Sam e David puxaram o carroção através do vau e pela pradaria até à casa nova. A mãe, Maria e Laura, com braçados de coisas, e Carrie a trotar à frente delas, atravessaram a ponte e subiram o carreiro ervoso. A casa de madeira serrada, com o seu telhado de telhas Compradas, erguia-se toda dourada no cabeço. O pai saltou do carroção e esperou, pois queria estar com a mãe quando ela visse o fogão.

A mãe entrou em casa e estacou. Abriu e fechou a boca. Depois exclamou, em voz fraca: — Meu Deus!

Laura e Maria gritaram e dançaram, e Carrie fez o mesmo, embora não soubesse porquê.

— É seu, Ma! É o seu novo fogão! - gritaram. - Tem um forno! E quatro tampas e uma pegazinha! - disse Maria. - Tem letras e eu sei lê-las: P, A, T, Pat!

— Oh, Charles, não devias! - protestou a mãe. O pai abraçou-a e disse: — Não te preocupes, Carolina!

— Nunca me preocupei, Charles. Mas construir uma casa destas, com janelas de vidro, e comprar um fogão… É de mais!

— Nada é de mais para ti. E não te preocupes com a despesa. Olha pela janela, para o trigal!

Mas Laura e Maria puxaram-na para o fogão. Ela levantou as tampas, como Laura lhe mostrou que se fazia, observou enquanto Maria accionava a tiragem e viu o forno.

— Nem sei se me atreverei a fazer o almoço num fogão tão grande e tão bonito! - exclamou.

Mas fez o almoço no maravilhoso fogão e Maria e Laura puseram a mesa

na sala arejada e clara. As janelas de vidro estavam abertas e entrava ar e luz de ambos os lados. O sol entrava pela porta e pela luminosa janela a seu lado.

Era tão divertido comer naquela casa grande, arejada e cheia de luz que depois do almoço continuaram sentados à mesa, a saborear o prazer de ali estarem.

— Isto, sim, é alguma coisa! - exclamou o pai.

Depois colocaram as cortinas. As janelas de vidro precisam de cortinas e a mãe fizera-as de bocados de lençóis velhos, brancas como neve e muito bem engomadas. Debruara-as com tiras estreitas de bonito tecido colorido. As cortinas da sala grande eram debruadas de tecido cor-de-rosa do vestidinho de Carrie, que se rasgara quando os bois tinham disparado. As do quarto eram debruadas com tiras de tecido do vestido azul de Maria. Tratava-se do tecido azul e do tecido cor-de-rosa que o pai levara um dia da cidade, havia muito tempo, na Floresta Grande.

Enquanto o pai pregava pregos para prender as cortinas, a mãe foi buscar duas tiras compridas de papel castanho de embrulho, que guardara. Dobrou-as e ensinou Maria e Laura a cortar bocadinhos pequenos de papel dobrado, com a tesoura. Quando cada uma desdobrou o seu papel, viu uma enfiada de estrelas.

A mãe estendeu os papéis nas prateleiras, atrás do fogão. As estrelas ficavam na parte de baixo e a luz brilhava através delas.

Depois de colocadas as cortinas, a mãe pendurou dois lençóis muito branquinhos num canto do quarto: ficava assim um bom lugar para o pai e a mãe pendurarem a sua roupa. A mãe pendurou outro lençol no sótão e Maria e Laura puderam pendurar a sua roupa atrás dele.

A casa estava bonita, quando a mãe acabou de a arrumar. As cortinas branquinhas estavam presas aos lados de cada janela, em baixo. O sol entrava a jorros por entre as cortinas de cor de neve e debruadas de cor-de-rosa. As paredes eram todas de tábuas limpas, rescendentes a pinheiro, com o esqueleto da armação e a escada que subia para o sótão. O fogão e o seu cano eram de um preto lustroso, e nesse canto ficavam as prateleiras enfeitadas com o papel estrelado.

A mãe pôs na mesa a toalha encarnada quadriculada, dos intervalos das refeições, e colocou-lhe em cima o candeeiro limpo e brilhante. Pôs-lhe também em cima a Bíblia forrada de papel, o grande livro verde Maravilhas do Mundo Animal e o romance chamado Millbank. Os dois bancos estavam bem arrumados ao lado da mesa.

Por fim, o pai pendurou a consola na parede, junto da janela da frente, e a mãe pôs-lhe em cima a pequenina pastora de porcelana.

Era a consola de madeira castanha que o pai fizera, com estrelas, folhas e

flores, para oferecer à mãe no Natal, havia muito tempo. E a boneca também era a mesma pastorinha sorridente, de cabelo dourado, olhos azuis e faces rosadas, com o corpetezinho de porcelana enfeitado de fitas de porcelana dourada, o aventalzinho de porcelana e os sapatinhos de porcelana. Viajara da Floresta Grande para o Território índio e daí para Plum Creek, no Minnesota, e ali estava agora, sorridente. Não se partira. Não estava lascada e nem tinha sequer um arranhãozinho. Era a mesma pastorinha, a sorrir o mesmo sorriso.

Nessa noite, Maria e Laura subiram a escada e deitaram-se sozinhas no grande e arejado sótão, que era só delas. Não tinham cortinas, porque a mãe não tinha mais lençóis velhos, mas cada uma tinha uma caixa para se sentar e outra para guardar os seus tesouros. Carlota e as bonecas de papel moravam na caixa de Laura, e os quadrados de mantas e o saco de retalhos de Maria estavam na caixa de Maria. Atrás da cortina, cada uma tinha o seu prego, do qual tiraram a camisa de dormir que lá estava pendurada, a fim de pendurarem o vestido. A única coisa má daquele quarto era o fato de Jack não poder subir a escada.

Laura adormeceu logo. Passara o dia inteiro numa dobadoura, a entrar, a sair e a subir e descer a escada. Mas não conseguiu dormir em pouco tempo. A casa nova era muito silenciosa e ela sentia a falta do barulho do ribeiro, que lhe cantava enquanto dormia. O silêncio acordava-a de vez em quando.

Por fim, foi um som que a fez abrir os olhos. Ficou à escuta. Parecia que muitos, muitos pés pequeninos, corriam por cima da sua cabeça. Era como se milhares de animaizinhos andassem às corridinhas no telhado. Que seria?

Ora, eram pingos de chuva! Laura não ouvira a chuva tamborilar num telhado durante tanto tempo que se esquecera do som. Na casa do aterro, com tanta erva e terra por cima, não pudera ouvir bater a chuva.

Feliz, foi dormitando até adormecer de novo, ouvindo o pit-pai-pií da chuva no telhado.

18

O VELHO CARANGUEJO E AS SANGUESSUGAS.

Quando Laura saltou da cama, de manhã, os seus pés descalços pousaram num liso soalho de madeira. Aspirou o cheiro a pinheiro das tábuas e viu por cima de si o telhado inclinado de brilhantes telhas amarelas e as traves que o sustentavam.

Da janela do lado oriental viu o pequeno carreiro que descia do cabeço ervoso. Viu um canto do trigal sedoso e verde-pálido e, depois dele, o campo verde-acinzentado da aveia. Muito, muito ao longe, ficava a orla da grande terra verde, com uma curvinha prateada do sol a espreitar por cima dela. O ribeiro entre salgueiros e a casa escavada no aterro pareciam distantes e antigos.

De súbito, ainda em camisa de dormir, sentiu-se inundada de sol amarelo e tépido. No chão limpo de madeira amarela, os vidros da janela eram luz solar, as pequenas grades de madeira entre eles eram sombra - e a cabeça de Laura, com o seu barrete de dormir e a sua touca, e as suas mãos, com todos os seus dedos afastados, quando as levantava, eram também sombra mais sólida e mais escura.

Em baixo, as tampas batiam no novo e bonito fogão. A voz da mãe entrou pelo buraco quadrado de onde partia a escada: — Maria! Laura! São horas de levantar, meninas!

Era assim que começava um novo dia na casa nova.

Mas enquanto tomavam o desjejum na sala grande e arejada, Laura sentiu vontade de ver o ribeiro. Perguntou ao pai se podia ir para lá brincar.

— Não, Laura - respondeu-lhe o pai. - Não quero que vás para aquele ribeiro, onde há buracos escuros e fundos. Mas, quando acabarem o trabalho da casa, tu e Maria sigam pelo carreiro que o Nelson abriu, quando vinha trabalhar aqui, e vejam o que encontram!

Apressaram-se a despachar o trabalho. No alpendre encontraram uma vassoura comprada! Parecia que as maravilhas nunca mais acabavam naquela casa. A vassoura tinha um cabo comprido, direito, liso e perfeitamente redondo, e a parte que varria, propriamente dita, era feita de milhares de cerdas finas, duras e amarelo-esverdeadas. A mãe disse que eram palhas de giestas. Tinham sido cortadas absolutamente direitas na base e curvavam na parte de cima, a formar uma espécie de ombros firmes e planos. Pontos de fio encarnado mantinham-nas apertadas. Aquela vassoura não se assemelhava nada às vassouras redondas, de rama de salgueiro, que o pai fazia. Até parecia bonita de

mais para se varrer com ela. E deslizava no chão como por magia.

Mas Laura e Maria estavam ansiosas por seguir o tal carreiro. Trabalharam depressa, arrumaram a vassoura e saíram. Laura tinha tal pressa que só caminhou como devia ser alguns passos e depois desatou a correr. A touca escorregou-lhe da cabeça e ficou-lhe suspensa das fitas atadas ao pescoço, e os seus pés descalços voaram sobre o carreiro estreito e relvoso, pelo cabeço abaixo, atravessaram uma extensão de terra plana e subiram uma encosta baixa. E lá estava o ribeiro!

Laura ficou estupefata. Era um ribeiro tão diferente, tão manso, ao sol, entre as suas margens baixas e ervosas! O carreiro terminava à sombra de um grande salgueiro e uma ponte atravessava a água, até encontrar de novo erva plana e cheia de sol. Depois o carreiro prosseguia até curvar à volta de um montezinho e desaparecer. Laura imaginou que o carreirinho continuava sempre o seu caminho entre a erva encharcada de sol, a atravessar ribeiros sossegados e a contornar montezinhos baixos, para ver o que estava do outro lado. Sabia que, na realidade, devia ir dar a casa do Sr. Nelson, mas era um carreirinho que não queria parar em lado nenhum, queria continuar sempre a avançar.

O ribeiro saía de um bosque de ameixoeiras. As árvores baixas nasciam muito juntas de ambos os lados da água estreita e os seus ramos quase se tocavam, por cima dela. A água era escura, à sua sombra.

Depois alargava a corrida, larga e pouco funda, a borbulhar e a chapinhar sobre areia e saibro. Estreitava, para passar por baixo da ponte, e continuava a correr e a murmurar, até parar numa grande lagoa. A lagoa parecia vidro, de parada, e ficava junto de um maciço de salgueiros.

Laura esperou que Maria chegasse. Depois foram andar na água pouco funda, por cima da areia e dos seixos brilhantes. Peixinhos minúsculos nadavam em cardumes à volta dos seus dedos. Quando elas paravam e ficavam quietas, os peixinhos mordiscavam-lhes os pés. De súbito, Laura viu uma estranha criatura na água.

Era quase tão comprida como o seu pé, viscosa e castanho-esverdeada. À frente tinha dois braços compridos, que terminavam numa grande garra espalmada, em forma de pinça. Ao longo dos lados tinha pernas curtas e a cauda forte era espalmada e escamosa, com uma pequena barbatana bifurcada na ponta. Tinha cerdas espetadas no nariz e os seus olhos eram redondos e salientes.

— Que é isto? - gritou Maria assustada.

Laura não se aproximou mais do animal. Debruçou-se cautelosamente para o ver e, de repente, ele desapareceu. Recuou, mais rápido do que um inseto aquático, e debaixo de uma pedra achatada, onde se meteu, saiu um remoinhozinho de água lodosa.

Passado um instante, pôs uma garra de fora e fechou-a com força. Depois espreitou.

Quando Laura se aproximou mais, saltou para trás, para debaixo da pedra; mas quando ela atirou água para a pedra, saiu a correr, a abrir e fechar as garras, como se quisesse apanhar-lhe os dedos descalços. Então Laura e Maria fugiram gritando e espadanando água das proximidades da sua casa.

Provocaram-no com um pau comprido. A sua grande garra partiu o pau em dois. Arranjaram outro pau maior e ele fincou-lhes a garra e só o largou quando Laura o levantou para fora da água. Os seus olhos ficaram furiosos, a cauda enrolou-se debaixo dele e abriu e fechou a outra garra. Depois largou o pau, caiu e meteu-se outra vez debaixo da pedra.

Saía sempre, furioso, quando elas atiravam água à pedra. E elas fugiam sempre das suas temíveis garras.

Sentaram-se um bocado na ponte, à sombra do salgueiro grande. Ficaram ouvindo a água correr e a vê-la cintilar. Depois caminharam de novo pela água até às ameixoeiras.

Maria não quis ir para a água escura, debaixo das ameixoeiras. O fundo do ribeiro era lodoso, nesse ponto, e ela não gostava de andar sobre lodo. Por isso, sentou-se na margem, enquanto Laura se dirigia pela água para o bosquezinho.

A água estava parada e tinha folhas mortas flutuando nas margens. O lodo infiltrava-se por entre os dedos de Laura e subia em nuvens, até ela não poder ver o fundo. O ar cheirava a velho e a mofo. Por isso, Laura voltou para trás, para a água limpa e para o sol.

Pareceu-lhe que tinha algumas gotas de lodo nas pernas e nos pés. Chapinhou-as com água limpa, para as lavar. Mas não conseguiu. A sua mão não era capaz de as arrancar.

Eram da cor do lodo e moles como lodo, mas estavam tão presas como a própria pele de Laura, que desatou a gritar: — Ó Maria, Maria! Vem! Vem depressa!

Maria acorreu, mas não quis tocar naquelas coisas horríveis, Disse que eram vermes. E os vermes agoniavam-na. Laura ainda se sentia mais agoniada do que Maria, mas achava mais horrível ter aquelas coisas no corpo do que tocar-lhes. Agarrou uma, cravou-lhe as unhas e puxou.

A coisa esticou, esticou, esticou mais ainda, e continuou presa.

— Oh, não faças isso! Não faças isso! Ainda a partes em duas! - pediu Maria.

Mas Laura continuou a puxar, até arrancar. Escorreu-lhe sangue pela perna, do ponto onde a coisa estivera presa.

Uma por uma, Laura tirou-as todas. E correu sempre um fiozinho de sangue

do ponto onde tinham estado.

Laura não teve vontade de continuar a brincar. Lavou as mãos e as pernas na água limpa e foi para casa com Maria.

Eram horas de almoço e o pai estava lá. Laura contou-lhe daquelas coisas cor de lodo, que não tinham olhos, nem cabeça, nem pernas, e que se tinham colado à sua pele, no ribeiro.

A mãe disse que eram sanguessugas e que os médicos as aplicavam em pessoas doentes. O pai acrescentou que viviam no lodo, em águas paradas e escuras.

— Não gosto delas - disse Laura.

— Então afasta-te do lodo, traquininhas - recomendou o pai. - Se não queres ter aborrecimentos, não vás procurá-las.

— De qualquer maneira, vocês não terão muito tempo para brincar no ribeiro - disse a mãe. - Agora, que estamos bem instalados e apenas a quatro quilômetros da cidade, podem ir à escola.

Laura não foi capaz de dizer uma palavra. Nem Maria. Olharam uma para a outra e pensaram: “Escola?”

19

ARMADILHA PARA PEIXE.

Quanto mais falavam a Laura da escola, tanto menos lhe apetecia ir para lá. Não sabia como poderia estar todo o dia longe do ribeiro.

— Oh, Ma, tenho de ir? - perguntava.

A mãe respondia-lhe que uma menina crescida, com quase oito anos, devia estar a aprender a ler, em vez de andar a correr à toa pelas margens de Plum Creek.

— Mas eu sei ler, Ma - afirmava Laura. - Por favor, não me obrigue a ir para a escola. Eu sei ler. Escute!

Pegava no livro chamado Milibank, abria-o e, a olhar ansiosamente para a mãe, lia: — “As portas e as janelas de Milibank estavam fechadas. Pendia crepe do puxador da porta…”

— Oh, Laura, tu não estás lendo! - interrompia-a a mãe. - Estás só a recitar o que me ouviste ler tantas vezes ao pai. Além disso, na escola aprendem-se outras coisas: soletrar, escrever, aritmética… Não se fala mais nisso. Na segunda-feira de manhã começas a ir para a escola com Maria.

Maria estava sentada cosendo. Parecia uma menina bem comportada, que queria ir para a escola.

Do lado de fora do alpendre, o pai martelava em qualquer coisa. Laura saiu a correr tão depressa que o martelo quase a atingiu.

— Desta vez não te acertei por um triz! - exclamou o pai. - Mas eu devia esperar-te, traquininhas. Nunca paras quieta.

— Que está fazendo, Pá?

O pai estava a pregar umas às outras algumas tábuas estreitas que tinham sobrado da casa.

— Estou fazendo uma armadilha para peixe. Queres ajudar-me? Podes dar-me os pregos.

Laura foi-lhe dando os pregos, um por um, e ele pregou-os. Estavam fazendo uma caixa comprida e estreita sem tampa e com aberturas largas entre as tiras de madeira.

— Como é que isto vai apanhar peixe? - perguntou Laura. - Se a põe no ribeiro, eles podem entrar pelas aberturas, mas também podem sair outra vez.

— Espera e verás.

Laura esperou que o pai guardasse os pregos e o martelo. Depois ele pôs a

armadilha ao ombro e disse-lhe: — Podes vir ajudar-me a colocá-la.

Laura deu-lhe a mão e foi aos saltinhos ao lado dele, pelo cabeço abaixo e depois pela terra plana, até ao ribeiro. Seguiram ao longo da margem baixa e passaram pelo bosque de ameixoeiras. Ali as margens eram mais íngremes, o rio mais estreito e o seu barulho mais alto. O pai foi abrindo caminho através dos arbustos, Laura desceu por baixo deles e chegaram a uma queda de água.

A água corria rápida e lisa e despenhava-se ruidosamente. Do fundo subia de novo, remoinhava e depois afastava-se, em saltos apressados.

Laura nunca se cansaria de a ver. Mas tinha de ajudar o pai a colocar a armadilha para peixe. Colocaram-na exatamente debaixo da queda de água. Toda a água caía na armadilha e ressaltava, como que surpreendida. Não podia saltar para fora da armadilha: tinha de sair, espumosa, pelas fendas.

— Estás vendo, Laura? - perguntou o pai. - O peixe cai com a água na armadilha e os pequenos saem pelas aberturas, mas os grandes não podem. Como também não podem subir pela queda de água acima, têm de ficar nadando na caixa, até eu os vir buscar.

Nesse preciso instante surgiu um grande peixe, caindo com a água, Laura gritou: — Olhe, Pá, olhe!

As mãos do pai agarraram o peixe dentro de água e levantaram-no no ar, a debater-se. Laura quase caiu à água. Olharam para o peixe gordo e prateado e depois o pai deixou-o cair outra vez na armadilha.

— Pá, por favor, não podemos ficar apanhando peixe suficiente para o jantar? - pediu Laura.

— Tenho de ir trabalhar no estábulo de terra, Laura. E lavrar a horta, e abrir um poço, e… - Mas depois olhou para a filha e disse: - Bem, Meia Canequinha, talvez não leve muito tempo.

Acocorou-se, Laura fez o mesmo e esperaram. O ribeiro corria e esparrinhava água para todos os lados, sempre o mesmo e sempre mudando. Dançavam nele cintilações de sol. Dele subia ar fresco e Laura sentia no pescoço ar morno. Os arbustos erguiam para o céu milhares de folhinhas, que tinham um cheiro quente e agradável, ao sol.

— Pá, tenho de ir para a escola? - perguntou Laura.

— Vais gostar da escola, Laura.

— Gosto mais daqui - afirmou a garota, tristonha.

— Eu sei, Meia Canequinha, mas não é todo o mundo que tem a oportunidade de aprender a ler, a escrever e a fazer contas. A tua mãe era professora, quando nos conhecemos, e quando ela veio comigo para o Oeste eu prometi-lhe que as nossas filhas teriam oportunidade de aprender nos livros. Foi por isso que paramos aqui, tão perto de uma cidade que tem escola. Tu já tens

quase oito anos, a Maria vai para nove e é tempo de começarem. Dá graças por teres essa oportunidade, Laura.

— Sim, Pá - disse Laura a suspirar.

Nesse momento, a água trouxe outro peixe grande… E antes de o pai o poder apanhar veio outro!

O pai cortou e descascou um pau bifurcado. Tirou quatro peixes grandes da armadilha e pendurou-os no pau. Laura e o pai regressaram a casa, com os quatro peixes. A mãe arregalou os olhos quando os viu. O pai cortou-lhes a cabeça, tirou-lhes as tripas e mostrou a Laura como se escamava peixe. Ele escamou três e ela escamou quase um inteiro. A mãe passou-os por farinha e fritou-os em gordura, e ao jantar comeram os peixes saborosos.

— Lembras-te sempre de qualquer coisa, Charles - disse a mãe. - Precisamente quando eu começava a pensar de que viveríamos, agora, que é Primavera…

O pai não podia caçar na Primavera, pois nessa estação todos os coelhos tinham coelhinhos e todos os pássaros tinham passarinhos nos ninhos.

— Espera até eu colher o trigo! - exclamou o pai. - Então teremos carne de porco salgada todos os dias! Palavra, carne de porco e carne de vaca fresca!

Depois disso, todas as manhãs antes de ir para o trabalho o pai ia buscar o peixe à armadilha. Nunca trazia mais do que o necessário para comerem. Se havia mais, tirava-os da armadilha e deixava-os nadar em liberdade.

Apanhava peixes-búfalos e lúcios, peixes-gatos e cabeças-de-touro com dois chifres pretos. Também levava para casa alguns cujos nomes desconhecia. Todos os dias havia peixe para o desjejum, peixe para o almoço e peixe para o jantar.

20

ESCOLA.

A segunda-feira de manhã chegou. Assim que lavaram a louça do desjejum, Laura e Maria subiram a escada e vestiram os vestidos de domingo. O de Maria era de tecido aos raminhos azuis e o de Laura era aos raminhos cor-de-rosa.

A mãe entrançou-lhes o cabelo muito apertado e enrolou fio nas pontas. Não levavam as fitas de cabelo dos domingos porque podiam perdê-las. Puseram as toucas do sol, acabadas de lavar e engomar.

Depois a mãe levou-as ao quarto. Ajoelhou junto da caixa onde guardava as suas coisas melhores e tirou três livros. Eram os livros por onde ela estudara quando era pequena. Um era uma cartilha para soletrar, outro um livro de leitura e outro uma aritmética.

Olhou solenemente para Maria e Laura, que também estavam com ar solene.

— Dou-lhes estes livros, que passarão a pertencer-lhes, Maria e Laura. Sei que cuidarão bem deles e os estudarão fielmente.

— Sim, Ma - responderam.

Deu os livros a Maria, para os levar, e a Laura a pequena lancheira de folha com o almoço das duas, embrulhado num pano limpo.

— Até logo - despediu-se. - Sejam boas meninas.

A mãe e Carrie ficaram à porta e Jack desceu o cabeço com elas. Estava intrigado. Atravessaram a erva onde estavam marcados os rastos do carroção do pai, e Jack continuou a acompanhá-las, ao lado de Laura.

Quando chegaram ao vau do ribeiro, o cão sentou-se e ganiu, assustado. Laura teve de lhe explicar que não devia ir mais longe. Afagou-lhe a cabeça grande e tentou alisar-lhe as rugas de preocupação.

Mas ele continuou sentado e de focinho franzido, a vê-las atravessar o vau largo e pouco fundo.

Atravessaram cuidadosamente, sem salpicarem os vestidos lavados. Uma garça azul levantou-se da água e voou a bater as asas e com as patas compridas penduradas. Laura e Maria saíram cuidadosamente da água para a erva. Não caminhariam pelos sulcos poeirentos das rodas enquanto não tivessem os pés secos, pois deviam chegar com eles limpos à cidade.

A casa nova parecia pequena no seu cabeço, com a grande pradaria verde a estender-se a toda a sua volta. A mãe e Carrie tinham ido para dentro. Só Jack

continuava sentado junto do vau.

Maria e Laura seguiram o seu caminho, sossegadas.

Gotas de orvalho cintilavam na erva. Cantavam cotovias e narcejas caminhavam nas suas pernas altas e fininhas. Galinhas da pradaria cacarejavam e pintos pequeninos piavam. Coelhos apoiavam-se nas patas traseiras, com as dianteiras penduradas, as orelhas compridas a tremer e os olhos redondos fitando Maria e Laura.

O pai dissera que a cidade só ficava a quatro quilômetros de distância e que a estrada as levaria até lá. Saberiam que estavam na cidade quando chegassem a uma casa.

Grandes nuvens brancas flutuavam no céu enorme e as suas sombras cinzentas projetavam-se na erva ondulada da pradaria. A estrada terminava sempre um bocadinho mais adiante, mas, quando elas chegavam a esse ponto, a estrada continuava. Só se viam os sulcos das rodas do carroção do pai através da erva.

— Por favor, Laura, mantém a touca na cabeça! - disse Maria. - Ficas castanha como uma índia; que vão as moças da cidade pensar de nós?

— Não quero saber! - responde Laura, em voz alta e toda corajosa.

— Queres, sim!

— Não quero nada! - teimou Laura.

— Queres!

— Não quero!

— Tens tanto medo da cidade como eu - afirmou Maria. Laura não respondeu. Passado um bocado, agarrou as fitas da touca e puxou-a para a cabeça.

— Pelo menos, somos duas - disse Maria.

Continuaram a andar, a andar. Passado muito tempo, viram a cidade. Fazia lembrar pequenos blocos de madeira na pradaria. Quando a estrada desceu, voltaram a ver apenas erva e céu. Depois viram outra vez a cidade, cada vez maior. Subia fumaça dos canos das suas chaminés.

A estrada limpa de erva, terminou em poeira. A nova estrada poeirenta passava por uma casa pequena e depois por um armazém. Este tinha um alpendre, com degraus.

Depois do armazém havia uma oficina de ferreiro, que ficava recolhida, afastada da estrada, com um espaço livre à frente. No interior, um homem forte, de avental de couro, atiçava brasas vermelhas com um fole: puff! puff! Com uma tenaz, tirou das brasas um ferro ao rubro branco e bateu-lhe com um grande malho: uangue! Saltaram dúzias de minúsculas faúlhas.

A seguir ao espaço livre ficavam as traseiras de um edifício, rente ao lado

do qual Maria e Laura caminharam. O chão ali era duro. Já não havia erva para caminharem sobre ela.

Defronte desse edifício, outra estrada larga e poeirenta atravessava aquela por onde tinham vindo. Maria e Laura pararam. Olharam, através da poeira para a frente de mais dois armazéns. Ouviram um ruído confuso de vozes de crianças. A estrada do pai não ia mais longe.

— Vamos - disse Maria, em voz baixa, mas não se mexeu. - Onde ouvimos a gritaria é a escola. O pai disse que a ouviríamos.

Laura teve vontade de girar nos calcanhares, desatar a correr e só Parar em casa.

Ela e Maria meteram devagar pelo caminho poeirento e viraram na direção do barulho de vozes. Passaram entre dois armazéns. Seguiram por montes de tábuas e telhas - devia ser a serração onde o Pai comprara as tábuas para a casa nova. Depois viram a escola.

Ficava na pradaria, depois do fim da estrada poeirenta. Ia-se até lá por um comprido carreiro, através da erva. Estavam rapazes e moças defronte da escola.

Laura meteu pelo carreiro na direção deles e Maria seguiu-a. As moças e os rapazes calaram-se e olharam, Laura continuou a aproximar-se cada vez mais de todos aqueles olhos e, de súbito, sem dar por isso, balançou a lancheira do almoço e gritou: — Vocês todos pareciam um bando de galinhas da pradaria! Os outros ficaram surpreendidos, mas não tanto quanto a própria Laura. Que se sentiu, também, envergonhada. Maria exclamou, muito baixo: “Laura!” Depois um rapaz sardento e de cabelo cor de fogo gritou: — E vocês são narcejas! Narcejas! Narcejas! Narcejas de pernas compridas!

Laura desejou cair e esconder as pernas. O seu vestido era muito curto, muito mais curto do que os das moças da cidade. E o de Maria também. Antes de chegarem a Plum Creek, a mãe dissera que os vestidos estavam deixando de lhes servir. As suas pernas nuas pareciam realmente compridas e fininhas, como as das narcejas.

Todos os rapazes apontavam e gritavam: “Narcejas! Narcejas!, Até que uma moça ruiva começou a empurrar os rapazes e a dizer: — Silêncio! Vocês fazem barulho de mais! Cale-se, Sandy! - disse ao rapaz ruivo, e ele calou-se.

Depois aproximou-se de Laura e apresentou-se: — Chamo-me Christy Kennedy e aquele antipático rapaz é o meu irmão, Sandy, mas ele não diz aquelas coisas por mal. Como se chamam vocês?

Tinha o cabelo ruivo em tranças tão apertadas que estavam espetadas. Os seus olhos eram azul-escuros, quase pretos, e as suas faces redondas eram sardentas. A touca pendia-lhe pelas costas abaixo.

— Aquela é tua irmã? - perguntou.

— Aquelas são minhas irmãs - apontou para umas moças crescidas que estavam falando com Maria. - A maior é Nettie, a de cabelo preto é Cassie e depois seguem-se o Donald, eu e o Sandy. Quantos irmãos e irmãs tem?

— Duas irmãs - respondeu Laura. - Aquela é Maria e Carrie é a bebé. Também tem cabelo louro. Temos um buldogue chamado Jack e moramos em Plum Creek. Onde moras tu?

— O teu pai tem uma parelha de baios com crina e cauda pretos? - perguntou Christy.

— Sim, tem. São Sam e David, os nossos cavalos do Natal.

— Ele passa pela nossa casa. Por isso, vocês também passaram. É a casa que fica antes do armazém Beadle e dos correios, antes de se chegar à oficina do ferreiro. A nossa professora é a Menina Eva Beadle. Aquela é Nellie Oleson.

Nellie Oleson era muito bonita. Tinha o cabelo louro caído em compridos caracóis e usava dois laços azuis em cima, na cabeça. O seu vestido era de cambraia branca com florinhas azuis e ela usava sapatos.

Olhou para Laura e para Maria e franziu o nariz.

— Hum!… Camponesas!

Antes que mais alguém pudesse falar, ouviu-se uma sineta. Uma senhora nova estava à porta da escola, sacudindo a campainha. Todos os rapazes e moças se apressaram a entrar na escola.

Era uma senhora muito bonita. Tinha o cabelo castanho numa franja frisada que lhe caía para os olhos castanhos e preso em tranças grossas, atrás. Brilhavam-lhe botões a toda a altura do corpete e a saia do vestido estava bem puxada para trás e caía em grandes tufos. Tinha um rosto bondoso e um sorriso encantador.

Pôs a mão no ombro de Laura e perguntou-lhe: — És uma menina nova, não és?

— Sim, senhora - respondeu Laura.

— E esta é tua irmã? - indagou a professora, a sorrir a Maria.

— Sim, senhora - respondeu Maria.

— Então venham comigo, para eu as inscrever no meu livro. Percorreram com ela todo o comprimento da sala de aula e subiram para o estrado.

A aula era uma sala feita de tábuas novas, com a parte de baixo das telhas do telhado a servir de teto, como no sótão. Havia bancos compridos uns atrás dos outros, pelo meio da sala fora. Eram feitos de tábuas aplainadas. Cada banco tinha costas, das quais saíam duas prateleiras, por cima do banco de trás. Só o primeiro banco não tinha prateleiras, à frente, e o último não tinha costas.

Havia duas grandes janelas de vidro de cada lado da sala. Tanto as janelas como a porta estavam abertas. Por elas entravam o vento e o som da erva

ondulando, o cheiro e a paisagem da interminável pradaria e a grande luz do céu.

Laura viu tudo isso enquanto estava com Maria junto da secretária da professora e lhe diziam como se chamavam e que idade tinham. Não mexeu a cabeça, mas os seus olhos não pararam.

Havia um balde com água em cima de um banco, junto da porta, e uma vassoura de compra a um canto. Na parede atrás da secretária da professora havia um espaço de tábuas lisas, pintadas de preto, e por baixo uma calhazinha. Na calhazinha estavam uma espécie de pauzinhos curtos e brancos e um pedaço de madeira enrolado num bocado de pele felpuda de ovelha, bem esticado e pregado. Laura sentiu curiosidade de saber o que eram essas coisas.

Maria demonstrou à professora até que ponto sabia ler e soletrar, mas Laura olhou para o livro da mãe e abanou a cabeça. Não sabia ler. Nem sequer sabia bem todas as letras.

— Bem, Laura, tu podes começar pelo princípio - disse a professora. - A Maria começa mais adiante. Têm uma ardósia?

Não tinham.

— Empresto-lhes a minha - disse a professora. - Não podem aprender a escrever sem uma ardósia.

Levantou a parte de cima da secretária e tirou a ardósia. A secretária era do feitio de uma caixa alta, com um lado cortado para ela meter os joelhos. O tampo levantava-se, graças a dobradiças de compra, e por baixo ficava o espaço onde ela guardava as suas coisas. Tinha lá os livros e a régua.

Laura só soube mais tarde que a régua se destinava a castigar quem não estivesse quieto ou falasse na aula. Se alguém fosse assim tão mau, teria de se aproximar da secretária da professora e estender a mão, para ela lhe bater muitas vezes com a régua, com força.

Mas Laura e Maria nunca falavam na aula e esforçavam-se sempre para estar quietas. Sentavam-se ao lado uma da outra, num banco, e estudavam. Os pés de Maria chegavam ao chão, mas os de Laura ficavam pendurados. Abriam o livro da carteira à sua frente e Laura estudava na parte do princípio e Maria mais adiante - as páginas entre a lição de uma e de outra ficavam de pé, no meio.

Laura constituía sozinha uma classe inteira, pois era a única aluna que não sabia ler. Sempre que dispunha de tempo, a professora chamava-a para a sua secretária e ajudava-a a ler as letras. Pouco antes do almoço, no primeiro dia, Laura já sabia ler: G, A, T, O, gato. De súbito, lembrou-se e disse: P, A, T, Pat!

A professora ficou surpreendida.

— R, A, T, O, rato - disse a professora. - M, A, T, O, mato! E Laura começou a ler! Foi capaz de ler toda a primeira linha da cartilha.

Ao meio-dia, todas as outras crianças e a professora foram almoçar a casa.

Laura e Maria pegaram na sua lancheira e sentaram-se na erva, do lado da sombra da escola, e comeram o seu pão com manteiga e conversaram.

— Gosto da escola - disse Maria.

— Também eu - afirmou Laura. - Só é pena que me canse as pernas. Mas não gosto daquela Nellie Oleson, que nos chamou camponesas.

— Nós somos camponesas - redarguiu Maria.

— Pois sim, mas ela não precisava de ter franzido o nariz! - exclamou Laura.

21

NELLIE OLESON.

Jack esperava-as no vau, nessa noite, e ao jantar elas contaram ao pai e à mãe tudo quanto se passara na escola. Quando disseram que se estavam a servir da ardósia da professora, o pai abanou a cabeça. Não precisavam de ficar em dívida por causa do empréstimo de uma ardósia.

Na manhã seguinte, tirou o dinheiro da caixa da rabeca e contou-o. Deu a Maria uma moeda de prata redonda, para comprar uma ardósia.

— Há muito peixe no ribeiro - disse. - Havemos de nos aguentar até à colheita do trigo.

— E em breve também haverá batatas - acrescentou a mãe, enquanto atava a moeda à ponta de um lenço e prendia este com um alfinete dentro da algibeira de Maria.

Maria não largou a algibeira durante todo o caminho pela estrada da pradaria. Estava vento. Voavam borboletas e pássaros por cima da erva ondulante e das flores silvestres. Os coelhos saltavam à frente do vento e o grande céu límpido arqueava-se sobre tudo aquilo - Laura balançava a lancheira e ia aos saltinhos.

Na cidade, atravessaram a poeirenta Rua Principal e subiram os degraus do armazém do Sr. Oleson. O pai dissera que comprassem lá a ardósia.

Dentro do armazém havia um comprido balcão de tábuas. A parede atrás do balcão estava coberta de prateleiras cheias de frigideiras de folha, caçarolas, candeeiros, lanternas e peças de tecido coloridos. Junto da outra parede estavam arados, barricas de pregos e rolos de arame, e da própria parede pendiam serras, martelos, machados e facas.

Em cima do balcão estava um grande queijo redondo e amarelo, e no chão à sua frente um barril de melaço, um barrilzinho cheio de picles, uma grande caixa de madeira cheia de biscoitos e dois baldes altos, de madeira, de pirulitos. Eram pirulitos de Natal, pois grandes baldes cheios!

De súbito, a porta das traseiras abriu-se de repelão e Nellie Oleson e o seu irmãozinho, Willie, entraram aos pulos. Nellie franziu o nariz a Laura e a Maria e Willie gritou-lhes: — Eh, eh, narcejas de pernas compridas!

— Cale-se, Willie - ordenou o Sr. Oleson. Mas Willie não se calou e continuou a chamar: — Narcejas! Narcejas!

Nellie passou toda impante por Maria e Laura e meteu as mãos num balde

de chupas. Willie meteu as suas no outro. Tiraram todos os chupas que puderam e pararam, a metê-los na boca. Fizeram-no mesmo defronte de Maria e Laura, a olharem-nas, e não ofereceram nem um bocadinho.

— Nellie! Sai imediatamente daqui com o Willie! - ordenou o Sr. Oleson.

Eles continuaram a meter chupas na boca e a olhar para Maria e Laura. O Sr. Oleson não lhes ligou mais importância. Maria deu-lhe o dinheiro e ele deu-lhe a ardósia.

— Também precisam de uma pena - disse o Sr. Oleson. - Aqui está. Custa um centavo.

— Elas não têm um centavo - disse Nellie.

— Não faz mal. Levem-na e digam ao seu pai que me pague o centavo quando vier à cidade - disse o Sr. Oleson.

— Não senhor, obrigada - respondeu Maria.

Ela e Laura viraram-se e saíram do armazém. À porta, Laura olhou para trás e Nellie fez-lhe uma careta. A língua de Nellie estava toda encarnada e verde, dos pirulitos.

— Meu Deus, eu não era capaz de ser tão má como a Nellie Oleson! - exclamou Maria, “Eu era”, pensou Laura. “Eu era capaz de ser pior para ela do Que ela é para nós, se o pai e a mãe me deixassem.”

Olharam para a superfície lisa e cinzenta da sua ardósia e para a Moldura nova de madeira, muito bem ajustada aos cantos. Era uma bonita ardósia. Mas precisavam de uma pena.

O pai já gastara tanto dinheiro com a ardósia que lhe custava dizer-lhe que precisavam de mais um centavo. Continuaram a andar muito sérias, até que Laura se lembrou subitamente dos seus centavos do Natal. Ainda tinham os centavos que haviam encontrado nas meias na manhã de Natal, no Território índio!

Maria tinha um centavo e Laura outro, mas só precisavam de uma pena. Por isso, decidiram que Maria gastasse o seu centavo para a compra da pena e, depois disso, ficaria a pertencer-lhe metade do centavo de Laura.

Na manhã seguinte compraram a pena, mas não ao Sr. Oleson: compraram-na no armazém e posto dos correios do Sr. Beadle, onde a professora morava, e nessa manhã foram para a escola com ela.

Frequentaram a escola ao longo de todas as semanas de calor, e cada dia lhes agradava mais. Gostavam de ler, de escrever e da aritmética. E gostavam dos ditados, nas tardes de sexta-feira. E Laura adorava os recreios, quando as meninas pequenas corriam para o sol e para o vento, apanhavam flores silvestres entre a erva da pradaria e brincavam.

Os rapazes entretinham-se com jogos de rapazes de um dos lados da escola;

as meninas pequenas brincavam do outro lado, e Maria sentava-se com as outras meninas crescidas, como uma senhora, nos degraus da entrada.

As meninas pequenas brincavam sempre ao lenço, porque Nellie Oleson assim o queria. Já estavam cansadas desse jogo, mas continuavam a jogá-lo. Até que um dia, antes que Nellie tivesse tempo de falar, Laura propôs: — Vamos brincar ao Tio John!

— Vamos! Vamos! - gritaram todas as meninas, e deram as mãos umas às outras.

Mas Nellie agarrou com as duas mãos o cabelo comprido de Laura e puxou até ela cair.

— Não! Não! - gritou Nellie. - Quero brincar ao lenço.

Laura levantou-se de um pulo e a mão saltou-lhe, ligeira, para esbofetear Nellie. Deteve-se mesmo a tempo. O pai tinha-lhe dito que nunca devia bater em ninguém.

— Anda, Laura - disse Christy, e deu-lhe a mão.

Laura tinha a impressão de que a cara lhe ia rebentar e quase nem via, mas foi para a roda com as outras. Nellie, no meio, sacudiu o cabelo e fez girar a saia, porque levara a sua avante. Mas depois Christy começou a cantar e as outras todas fizeram coro: O Tio John está de cama, doente,

Que lhe havemos de mandar?

— Não! Não! Vamos brincar ao lenço! - gritou Nellie. - Ou então não brinco! - Rompeu a roda e saiu, mas ninguém foi atrás dela.

— Está bem, vai tu para o meio, Maud - decidiu Christy, e recomeçaram:

O Tio John está de cama, doente,
Que lhe havemos de mandar?
Uma fatia de torta, um biscoito quente
E maçã para acompanhar!
E onde havemos de lho mandar?
Num prato de ouro lho mandaremos,
E quem lho há de levar?
À filha do governador tal confiaremos.
E se ela em casa não estiver
Quem lho levará, quem há de ser?

Depois todas as meninas gritaram: — Laura Ingalls!

Laura passou para o meio da roda e as outras dançaram à sua volta. Continuaram a brincar ao Tio John até a campainha tocar. Nellie estava na aula, a chorar, e disse que estava tão zangada que nunca mais falaria a Laura nem a Christy.

Mas na semana seguinte convidou todas as meninas para uma festa em sua casa, no sábado à tarde. Convidou especialmente Christy e Laura.

22

FESTA NA CIDADE.

Laura e Maria nunca tinham ido a uma festa e não sabiam muito bem como seria. A mãe disse-lhes que eram momentos agradáveis que pessoas amigas passavam juntas.

Depois da escola, na sexta-feira, lavou-lhes os vestidos e as toucas. No sábado de manhã passou-os muito bem a ferro. Laura e Maria também tomaram banho nessa manhã, em vez de à noite.

— Estão bonitas e frescas como raminhos de flores - disse a mãe quando elas desceram a escada, vestidas para a festa. Atou-lhes as fitas no cabelo e recomendou-lhes que as não perdessem.

— Agora portem-se bem e tenham maneiras.

Quando chegaram à cidade, esperaram por Cassie e Christy, que também nunca tinham ido a uma festa. Entraram todas timidamente no armazém do Sr. Oleson e ele disse-lhes: — Entrem, entrem!

Por isso, passaram pelos pirulitos, pelos picles e pelos arados, direitas à porta das traseiras. A porta abriu-se e apareceu Nellie, toda bem vestida, e a Sra. Oleson, que as convidou a entrar.

Laura nunca vira uma sala tão bonita. Quase nem foi capaz de dizer: “Boas tardes, Sra. Oleson”, e “Sim, senhora” ou “Não, senhora”.

O chão estava todo coberto por uma espécie de tecido grosso, que parecia áspero sob os pés descalços de Laura. Era castanho e verde e cheio de arabescos encarnados e amarelos. As paredes e o teto eram de tábuas estreitas e lisas, com um vinco entre elas. A mesa e as cadeiras eram de uma madeira amarela que brilhava como vidro e tinham as pernas perfeitamente redondas. Havia quadros coloridos nas paredes.

— Vão ao quarto, meninas, e deixem lá as toucas - disse a Sra. Oleson, com voz de quem recebe visitas.

A cama também era de madeira brilhante. Havia dois outros móveis: um feito de gavetas umas por cima das outras, com duas gavetinhas no cimo e duas peças curvas, de madeira, que subiam e seguravam entre elas um espelho grande. Em cima do outro móvel estavam um jarro de louça dentro de uma grande bacia igual e um pratinho de louça com um bocado de sabonete.

As duas divisões tinham janelas de vidro e estas cortinas de renda branca.

Atrás da sala da frente havia um grande alpendre com um fogão como o

novo da mãe, e toda a espécie de caçarolas e frigideiras penduradas nas paredes.

Já tinham chegado todas as meninas e as saias da Sra. Oleson roçagavam entre elas. Laura queria estar quieta e ver as coisas, mas a Sra. Oleson disse: — Agora, Nellie, vai buscar os teus brinquedos.

— Elas podem brincar com os do Willie - respondeu Nellie.

— Não podem andar na minha bicicleta! - gritou Willie.

— Mas podem brincar com a tua arca de Noé e com os teus soldados - insistiu Nellie, e a Sra. Oleson mandou Willie calar-se.

Laura nunca tinha visto uma coisa tão maravilhosa como a arca de Noé. Ajoelharam-se todas e gritaram e riram a vê-la. Tinha zebras, elefantes, tigres e cavalos, toda a espécie de animais, como se tivesse saído da Bíblia forrada de papel da casa de Laura.

E havia dois exércitos inteiros de soldados de chumbo, com uniformes pintados de azul-vivo e encarnado-vivo.

Havia também um palhaço articulado. Era feito de madeira delgada e lisa, com calças e casaco de papel listrado colados ao corpo, tinha a cara pintada de branco, faces vermelhas e círculos à volta dos olhos e um chapéu cônico. Estava suspenso entre duas tiras finas de madeira encarnada e dançava quando as apertavam. As suas mãos agarravam-se a cordéis torcidos. Dava cambalhotas por cima dos cordéis e fazia o pino, com o dedo do pé no nariz.

Até as meninas crescidas tagarelaram e deram gritinhos ao verem os animais e os soldados e riram até às lágrimas quando viram o palhaço articulado.

Depois Nellie meteu-se no meio delas e disse: — Podem ver a minha boneca.

A boneca tinha a cabeça de porcelana, com faces lisas e vermelhas e boca vermelha. Os olhos eram pretos, assim como o cabelo ondulado, de porcelana. As mãozinhas eram igualmente de porcelana, assim como os pezinhos, com sapatinhos pretos de porcelana.

— Oh! - exclamou Laura. - Oh, que bonita boneca! Como se chama ela, Nellie?

— Não passa de uma velha boneca - replicou Nellie. - Não gosto desta velha boneca. Esperem e verão a minha boneca de cera!

Atirou a boneca de porcelana para uma gaveta e tirou uma caixa comprida. Pôs a caixa em cima da cama e destapou-a. Todas as meninas se inclinaram, para ver.

Dentro da caixa estava deitada uma boneca que parecia viva. Na almofadinha espalhava-se o cabelo verdadeiro, louro e encaracolado. Tinha os lábios entreabertos, a mostrar dois dentinhos brancos, e os olhos fechados. A boneca dormia, na caixa.

Nellie levantou-a e ela abriu os olhos, que eram grandes e azuis. Pareceu rir-se, estendeu os braços e disse: “Mamã!”

— Faz isto quando lhe aperto a barriga - explicou Nellie. - Olhem! - Bateu com força na barriga da boneca, com o punho, e a pobre boneca chamou: “Mamã!”

Estava vestida de seda azul. As suas saias interiores eram a sério, debruadas com folhinhas e renda, e as cuequinhas também eram a sério e vestiam-se e despiam-se. Calçava sapatinhos de pele azul, igualmente verdadeiros.

Durante esse tempo todo, Laura não disse uma palavra. Não pôde. Não lhe passou pela cabeça tocar, realmente, naquela maravilhosa boneca, mas sem dar por isso, estendeu um dedo para a seda azul do vestido.

— Não lhe toques! - gritou, esganiçada, Nellie. - Afasta as mãos da minha boneca, Laura Ingalls!

Puxou a boneca para si e virou as costas, para que Laura não a visse metê-la de novo na caixa.

Laura ficou muito corada e as outras meninas não souberam que fazer. Laura sentou-se numa cadeira. As outras ficaram vendo Nellie meter a caixa numa gaveta e fechá-la. Depois olharam outra vez para os animais e para os soldados e apertaram as tabuinhas do palhaço articulado.

A Sra. Oleson entrou no quarto e perguntou a Laura porque não estava a brincar.

— Prefiro estar aqui sentada, minha senhora, obrigada - respondeu-lhe Laura.

— Queres ver isto? - perguntou a Sra. Oleson, e pôs-lhe dois livros no colo.

— Obrigada, minha senhora.

Laura começou a folhear os livros cuidadosamente. Um não era exatamente um livro; era delgado e não tinha capa. Tratava-se de uma pequena revista só para crianças. O outro tinha capas grossas e brilhantes e, na capa da frente, uma velha de chapéu cônico montava uma vassoura e atravessava uma enorme lua amarela. Por cima da sua cabeça lia-se, em letras muito grandes: MÃE GANSA

Laura ignorava que houvesse no mundo livros tão maravilhosos, em todas as páginas daquele livro havia uma gravura e uns versos, Laura conseguiu ler alguns e esqueceu-se por completo da festa.

De súbito, ouviu a Sra. Oleson chamar: — Anda, pequenita. Não deves deixar as outras comerem o bolo todo, pois não?

— Sim, senhora - murmurou Laura. - Não, senhora.

Uma reluzente toalha branca cobria a mesa, onde se encontrava um bonito bolo coberto de açúcar branco e copos altos.

— Apanhei a fatia maior! - gritou Nellie, e tirou uma grande fatia de bolo.

As outras ficaram sentadas, à espera que a Sra. Oleson lhes desse o bolo. Ela colocou cada fatia em seu prato de porcelana.

— Acham a limonada bem doce? - perguntou a Sra. Oleson, e Laura ficou assim sabendo que os copos continham limonada.

Nunca tinha provado nada parecido. Ao princípio, era doce, mas depois de ela comer um bocadinho de cobertura de açúcar do bolo achou-a amargosa. No entanto, responderam todas, delicadamente, à Sra. Oleson: — Sim, senhora.

Tiveram o cuidado de não deixar nem uma migalhinha de bolo cair na toalha da mesa. Também não entornaram nem uma gotinha de limonada.

Depois chegou a altura de voltar para casa e Laura lembrou-se de dizer, como a mãe lhe recomendara: — Obrigada, Sra. Oleson. Diverti-me muito na festa. E as outras todas disseram o mesmo.

Quando saíram do armazém, Christy disse a Laura: — Quem me dera que tivesses dado uma bofetada àquela ruim da Nellie Oleson!

— Oh, não! Não podia fazer isso! - respondeu Laura, - Mas ela há de pagar-mas! Calada, não digas à Maria que eu disse isto.

Jack estava à espera, solitário, no vau. Era sábado e Laura não tinha brincado com ele. E agora só quando passasse uma semana inteira teria outro dia para brincar ao longo do Plum Creek.

Contaram à mãe tudo quanto se passara na festa e ela disse: — Não devemos aceitar hospitalidade sem a retribuir. Tenho estado a pensar no assunto e acho que devem convidar a Nellie Oleson e as outras para uma festa aqui. Creio que pode ser de sábado a uma semana.

23

FESTA NO CAMPO.

— Querem ir à minha festa? - perguntou Laura a Christy, Maud e Nellie Oleson.

Maria convidou as meninas crescidas. Responderam todas que iriam.

Nesse sábado de manhã, a casa nova estava particularmente bonita. Jack não podia entrar, porque o chão tinha sido esfregado. As janelas brilhavam e as cortinas debruadas de cor-de-rosa estavam engomadas de fresco e muito branquinhas. Laura e Maria recortaram estrelinhas noutros papéis, para as prateleiras, e a mãe fez bolos vaidosos.

Fê-los com ovos batidos e farinha branca e fritou-os numa caçarola com gordura a ferver. Cada bolo vinha ao de cima, crescia e virava-se sozinho, ficando com o fundo tufado e cor de mel voltado para cima. Depois o bolo inchava do outro lado, até ficar redondo, e a mãe tirava-o com um garfo.

Guardou os bolos todos no armário. Eram para a festa.

Laura e Maria e a mãe e Carrie já estavam vestidas e prontas quando as convidadas chegaram da cidade. Laura até escovara o Jack, embora ele fosse sempre bonito e o seu pelo curto, branco e castanho estivesse sempre limpo.

Jack correu com Laura até ao vau. As moças atravessaram a água cheia de sol a rir e a chapinhar. Todas menos Nellie. Ela teve de descalçar os sapatos e as meias e queixou-se de que o saibro lhe magoava os pés.

— Não ando descalça - declarou. - Tenho sapatos e meias. Trazia um vestido novo e grandes laços novos no cabelo.

— Este é o Jack? - perguntou Christy, e todas lhe fizeram festas e disseram que era um bom cão.

Mas quando, bem-educado, ele acenou com o rabinho a Nellie, ela disse-lhe: — Vai-te embora! Não te atrevas a tocar-me no vestido!

— Descansa, que o Jack não te toca no vestido - respondeu-lhe Laura.

Subiram o carreiro, entre a erva ondulante e as flores silvestres, até à casa, onde a mãe as esperava. Maria disse-lhe o nome das visitas, um por um, e ela envolveu-as no seu sorriso encantador e falou a elas. Mas Nellie alisou o seu bonito vestido novo e disse à mãe de Laura: — Claro que não trouxe o meu melhor vestido só para uma festa no campo.

Então Laura não quis saber do que a mãe lhe ensinara, nem se importou que o pai a castigasse: ia ajustar contas com a Nellie por ela ter dito aquilo. Não

admitia que Nellie falasse daquela maneira à sua mãe.

A mãe limitou-se a sorrir e a dizer: — É um vestido muito bonito, Nellie. Estamos contentes por teres podido vir.

Mas Laura é que não perdoaria a Nellie.

Gostaram todas da bonita casa, tão limpa e arejada, com brisas perfumadas a entrar pelas janelas e as pradarias a toda a volta. Subiram a escada e admiraram o sótão de Maria e Laura. Nenhuma delas tinha nada que se parecesse. Mas Nellie perguntou: — Onde estão as tuas bonecas?

Laura, porém, não ia mostrar a Nellie a sua querida boneca de trapos, Carlota. Por isso, respondeu-lhe: — Eu não brinco com bonecas. Brinco no ribeiro.

Depois saíram de casa, com Jack. Laura mostrou-lhes os pintainhos, junto das medas de feno, e elas também admiraram os canteiros da horta e o denso trigal. Correram pelo carreiro abaixo, para a margem baixa de Plum Creek. Lá estavam o salgueiro e a ponte, e a água saindo da sombra do bosque de ameixoeiras, a correr, larga e pouco funda, sobre os seixos luminosos, e a espumejar por baixo da ponte até à lagoa, onde chegava aos joelhos.

Maria e as meninas crescidas desceram devagar e trouxeram Carrie para brincarem com ela. Mas Laura, Christy, Maud e Nellie levantaram as saias acima dos joelhos e meteram-se à água fresca. A distância, nos baixios, os peixinhos nadavam em cardumes, longe dos gritos e dos salpicos.

As meninas crescidas levaram Carrie para o ponto onde a água baixinha brilhava ao sol e apanharam pedrinhas bonitas ao longo da margem do ribeiro. As mais pequenas brincaram ao agarra de um lado para o outro da ponte, correram na erva quente e depois voltaram para a água. Enquanto brincavam, Laura lembrou-se, de repente, do que poderia fazer a Nellie.

Conduziu as companheiras para perto da casa do velho caranguejo, ao qual o barulho e o chapinhar tinham levado a meter-se debaixo da sua pedra. Laura viu-lhe as garras ferozes e a cabeça verde-acastanhada a espreitar, e empurrou Nellie para mais perto. Depois atirou um grande pontapé de água para a pedra e gritou: — Nellie, tem cuidado, tem cuidado!

O velho caranguejo correu para os dedos de Nellie, a abrir e a fechar as garras, desejoso de os morder.

— Foge! Foge! - gritou Laura, enquanto empurrava Christy e Maud para trás, na direção da ponte, e depois corria atrás de Nellie.

Aos gritos, Nellie correu direitinha para a água lodosa, debaixo das ameixoeiras. Laura parou no saibro e olhou para trás, para a pedra do caranguejo.

— Espera, Nellie. Deixa-te ficar aí.

— Que é? Que é? Vem aí? - perguntou Nellie, que largara o vestido e tinha a saia e os saiotes metidos na água lodosa.

— É um velho caranguejo - respondeu-lhe Laura. - Corta paus grandes em dois com as garras. Era capaz de te cortar também os dedos dos pés.

— Oh, onde está ele? Vem aí? - insistiu Nellie.

— Fica onde estás, que eu procuro - disse Laura, e começou a andar devagar, a parar e a olhar.

O velho caranguejo estava de novo debaixo da sua pedra, mas Laura não o disse. Percorreu muito devagarinho todo o caminho até à ponte, enquanto Nellie espreitava do maciço de ameixoeiras. Depois voltou para trás e disse: — Já podes vir.

Nellie voltou para a água limpa. Declarou que não gostava daquele feio e velho ribeiro e não queria brincar mais. Tentou lavar a saia suja de lodo, e depois tentou lavar os pés e por fim desatou a gritar.

Sanguessugas de um castanho lodoso agarravam-se-lhe às pernas e aos pés. Não conseguia tirá-las. Tentou puxar uma e correu a gritar para a margem do ribeiro. Parou batendo com toda a força com os pés, ora com um, ora com outro, sem deixar de gritar.

Laura riu-se até cair e rebolar na erva.

— Olhem, olhem! - gritou a rir. - Vejam a Nellie dançando! As meninas vieram todas a correr. Maria disse a Laura que tirasse as sanguessugas de Nellie, mas Laura nem a ouviu, a rebolar-se de riso.

— Laura! - gritou Maria. - Levanta-te e tira aquelas coisas, ou digo à mãe!

Laura começou, então, a tirar as sanguessugas a Nellie. Todas as outras olhavam e gritavam enquanto ela puxava e as sanguessugas iam ficando cada vez mais compridas.

— Não gosto da tua festa! - gritou Nellie. - Quero ir para casa!

A mãe veio a correr, para ver a que se deviam todos aqueles gritos. Disse a Nellie que não chorasse; não valia a pena chorar por causa de meia dúzia de sanguessugas. E acrescentou que eram horas de irem todas para casa.

A mesa estava muito bonita, com a melhor toalha branca da mãe e o jarro azul cheio de flores. Os bancos estavam chegados para a mesa, um de cada lado, havia reluzentes canecas cheias de leite frio e cremoso, da cave, e um grande prato cheio de bolos vaidosos cor de mel.

Os bolos não eram doces, mas eram gostosos e estaladiços e ocos por dentro. Cada um parecia uma grande bolha. Os bocadinhos mais estaladiços derretiam-se na boca.

Comeram bolos até não poderem mais, disseram que nunca tinham comido nada tão bom e perguntaram à mãe o que eram.

— São bolos vaidosos porque, como a vaidade, são todos inchados e não têm nada de sólido dentro - respondeu a mãe.

Os bolos vaidosos eram tantos que puderam comer quantos lhes apeteceram, acompanhados por todo o leite frio e cremoso que quiseram. Depois a festa terminou. Todas as meninas, menos Nellie, disseram obrigada pela festa. Nellie ainda estava furiosa.

Laura não se importou. Christy abraçou-a e disse-lhe ao ouvido: — Nunca me diverti tanto! E foi bem feito, para a Nellie.

Lá bem no fundo, Laura sentia-se satisfeita quando se lembrava de Nellie dançando na margem do ribeiro.

24

IDA À IGREJA.

Era sábado à noite e o pai estava sentado no degrau, fumando o cachimbo de depois do jantar.

Laura e Maria estavam sentadas perto dele, uma de cada lado, e a mãe, com Carrie ao colo, balançava-se devagarinho, logo à entrada da porta.

Não soprava vento e as estrelas estavam baixas e luminosas. O céu escuro parecia longínquo, para lá das estrelas, e Plum Creek falava de mansinho consigo mesmo.

— Esta tarde disseram-me na cidade que amanhã haverá pregação na igreja nova - disse o pai. - Encontrei o missionário, o reverendo Alden, e ele recomendou que não deixássemos de ir. Respondi-lhe que iríamos.

— Oh, Charles! - exclamou a mãe. - Há tanto tempo que não vamos à igreja!

Laura e Maria nunca tinham visto uma igreja. Mas compreenderam pela voz da mãe que ir à igreja devia ser melhor do que uma festa. Passados instantes, a mãe acrescentou: — Ainda bem que acabei o meu vestido novo.

— Com ele, ficarás bonita como um ramo de flores - afirmou o pai. - Temos de partir cedo.

Na manhã seguinte foi tudo feito à pressa. Tomaram o desjejum depressa, despacharam o trabalho depressa e a mãe apressou-se a vestir-se e a vestir Carrie. Gritou para o sótão em voz apressada: — Desçam, meninas. Eu ato-lhes as fitas.

Laura e Maria desceram depressa e depois pararam olhando para a mãe. Estava muito bonita no seu vestido novo. Era de tecido preto e branco: uma risca branca estreita, depois uma risca larga composta de riscas pretas e riscas brancas, não mais grossas do que linhas. Abotoava à frente com botões pretos e a saia era repuxada para trás e franzidos os folhos.

A pequenina gola levantada era orlada de renda feita à mão, renda que alargava e formava um laço no peito da mãe. O alfinete de ouro prendia a gola e o laço. O rosto da mãe estava encantador, com as faces coradas e os olhos brilhantes.

Virou Laura e Maria e, rapidamente, atou-lhes as fitas nas tranças. Depois deu a mão a Carrie. Foram todas para a porta e a mãe fechou-a à chave.

Carrie parecia um dos anjinhos da Bíblia. O seu vestido e a sua touquinha

eram brancos e todos debruados de renda. Tinha olhos grandes e muito sérios e os canudos dourados caíam-lhe ao longo das faces e espreitavam, atrás da touca.

Depois Laura viu as suas fitas cor-de-rosa nas tranças de Maria. Tapou a boca com a mão, antes que saísse alguma palavra, torceu-se e olhou para as próprias costas. As fitas de Maria prendiam as suas tranças!

Ela e Maria entreolharam-se e não disseram nem uma palavra. Com a pressa, a mãe enganara-se. Desejaram que ela não reparasse. Laura estava tão cansada de cor-de-rosa e Maria de azul! Mas Maria tinha de usar azul porque o seu cabelo era louro e Laura tinha de usar cor-de-rosa porque o seu era castanho.

O pai veio do estábulo conduzindo o carroção. Escovara tanto Sam e David que eles brilhavam ao sol. Caminhavam todos orgulhosos, empinando a cabeça e com a crina e a cauda ondulando.

Havia um cobertor limpo no banco do carroção e outro estendido no chão. O pai ajudou cuidadosamente a mãe a subir pela roda e depois pôs-lhe Carrie ao colo. Em seguida levantou Laura para o carroção e as tranças dela levantaram-se.

— Valha-me Deus! - exclamou a mãe. - Enganei-me pondo as fitas no cabelo de Laura!

— Com os cavalos a trotar, ninguém reparará - disse o pai, e Laura ficou descansada: levaria as fitas azuis.

Sentada ao lado de Maria, no cobertor limpo do fundo do carroção, puxou as tranças para cima do ombro. Maria fez o mesmo e sorriram uma à outra. Laura via o azul sempre que olhava para baixo e Maria via o cor-de-rosa.

O pai assobiava e quando Sam e David arrancaram começou a cantar: Oh, todas as manhãs de domingo A minha mulher está a meu lado à espera do carroção Para darmos todos um passeio!

— Charles - disse a mãe suavemente, a recordar-lhe que era domingo. Por isso, cantaram todos juntos: Há uma terra feliz, Muito, muito longe, Onde os santos em glória Brilham como o dia!

Plum Creek desembocou das sombras dos salgueiros e estendeu-se, largo e plano, a reluzir ao sol. Sam e David atravessaram a trote a água baixa e cintilante. Saltavam pingos luminosos e das rodas partiam pequenas ondas. Chegaram num instante à infindável pradaria.

O carroção seguia suavemente pela estrada, que quase não se via na erva verde. Os pássaros cantavam as suas cantigas matinais. Zumbiam abelhas e grandes abelhões amarelos iam de flor em flor. Enormes gafanhotos levantavam voo, ruidosamente, e desapareciam.

Chegaram num instante à cidade. A oficina do ferreiro estava fechada e silenciosa. As portas dos armazéns também estavam fechadas. Alguns homens e mulheres endomingados, com os filhos também endomingados, caminhavam ao

longo das bermas da poeirenta Rua Principal. Dirigiam-se todos para a igreja.

A igreja era um edifício novo, não muito longe da escola. O pai guiou para lá o carroção, através da erva da pradaria. Parecia a escola, com a diferença de que tinha no telhado uma casinha sem nada dentro.

— Que é aquilo? - perguntou Laura.

— Não apontes, Laura - disse-lhe a mãe. - É o campanário. O pai deteve o carroção encostado ao alpendre alto da igreja.

Ajudou a mãe a descer, mas Laura e Maria desceram sozinhas, pelo lado. Depois ficaram todas à espera, enquanto o pai seguia para a sombra da igreja, desatrelava Sam e David e os amarrava à caixa do carroção.

Através da erva chegava gente que subia os degraus do alpendre e entrava na igreja. No interior havia um murmúrio e uma agitação solenes.

Por fim, o pai voltou. Pegou em Carrie e entrou com a mãe na igreja. Laura e Maria entraram devagarinho, logo atrás deles. Sentaram-se todos, em fila, num banco comprido.

A igreja era exatamente como uma escola, com a diferença de que causava uma estranha sensação de vazio. As paredes de tábuas novas pareciam ampliar todos os pequenos ruídos.

Atrás da secretária alta, do estrado, estava um homem alto e magro. Vestia de preto, o seu grande laço era preto e o cabelo e a barba que lhe contornavam o rosto eram escuros. A sua voz era branda e bondosa. Todas as cabeças se inclinaram. A voz do homem falou com Deus durante muito tempo, enquanto Laura, absolutamente imóvel, olhava para as fitas azuis das suas tranças.

De súbito, mesmo a seu lado, uma voz disse: — Venham comigo.

Laura deu um pulo, assustada. Uma senhora muito bonita, de suaves olhos azuis, sorria-lhes.

— Venham comigo, minhas meninas - repetiu a senhora. - Vamos ter uma aula de catecismo.

A mãe fez-lhes sinal com a cabeça e Laura e Maria deixaram-se escorregar do banco. Não sabiam que havia escola ao domingo.

A senhora levou-as para um canto onde se encontravam todas as meninas da escola, olhando interrogadoramente umas para as outras. A senhora dispôs bancos de modo a formar um recinto quadrado, sentou-se e colocou Laura e Christy a seu lado. Quando as outras se sentaram no quadrado de bancos, a senhora disse que se chamava Sra. Tower e perguntou-lhes como se chamavam. Depois disse: — Agora vou-lhes contar uma história.

Laura ficou muito satisfeita. Mas a Sra. Tower começou: — É a respeito de um bebezinho que nasceu há muito tempo no Egito. Chamava-se Moisés.

Por isso, Laura não ouviu mais. Sabia tudo a respeito de Moisés nos juncos.

Até Carrie sabia isso.

Depois da história, a Sra. Tower sorriu mais do que nunca e disse: — Agora vamos todas aprender um versículo da Bíblia. Não vai ser bonito?

— Sim, senhora - responderam todas e ela disse um versículo da Bíblia a cada uma.

No domingo seguinte teriam de se lembrar dos versículos e de os repetir. Foi essa a sua lição de catecismo.

Quando chegou a vez de Laura, a Sra. Tower afagou-a e sorriu-lhe, quase tão ternamente como a mãe, e disse: — Para a minha menina mais pequenina terá de ser uma lição muito pequena. O versículo mais curto da Bíblia!

Laura ficou logo sabendo qual seria. Mas os olhos da Sra. Tower sorriram e ela disse: — São só três palavras! - Disse as palavras e perguntou: - Achas que consegues lembrar-te delas durante uma semana inteira?

Laura estava surpreendida com a Sra. Tower. Ela lembrava-se de compridos versículos da Bíblia e de canções inteiras! Mas não quis ferir os sentimentos da Sra. Tower e, por isso, respondeu: — Sim, senhora.

— Assim é que é, minha pequenina! - exclamou a Sra. Tower, mas Laura pensou que era a pequenina da sua mãe e não dela. - Vou dizer-te outra vez, para te ajudar a não esqueceres. São só três palavras. És capaz de dizê-las comigo?

Laura encolheu-se.

— Experimenta - insistiu a Sra. Tower, e Laura baixou ainda mais a cabeça e murmurou o versículo. - Muito bem! - Agora faz o possível para te lembrares e me dizeres no próximo domingo, sim?

Laura acenou com a cabeça.

Depois disso levantaram-se todos, abriram a boca e tentaram cantar Jerusalém, a Dourada. Mas poucos sabiam os versos ou a música. Laura sentiu arrepios pela espinha acima e o interior dos seus ouvidos também se arrepiou. Ficou satisfeita quando se sentaram outra vez.

Então o homem alto e magro levantou-se e falou.

Laura julgou que ele nunca mais pararia. Olhou pelas janelas abertas para as borboletas, que andavam à vontade por onde queriam. Viu a erva ondular ao vento e ouviu o vento assobiar, fino, ao longo dos beirais do telhado. Olhou para as fitas azuis do cabelo. Olhou para cada uma das unhas e admirou como os dedos das suas mãos eram iguais. Estendeu-os, direitos, para parecerem o canto de uma casa de troncos. Olhou para a parte de baixo das telhas. As pernas doíam-lhe, de estarem penduradas e imóveis.

Por fim, levantaram-se todos e tentaram de novo cantar. Depois disso, não houve mais nada. Podiam ir para casa.

O homem alto e magro estava parado à porta. Era o reverendo Alden.

Apertou a mão à mãe e ao pai e falaram. Depois inclinou-se e apertou a mão a Laura.

Os seus dentes sorriam no meio da barba escura. Os seus olhos eram ternos e azuis.

— Gostaste da aula de catecismo, Laura? E, de súbito, Laura gostou.

— Sim, senhor - respondeu.

— Então deves vir todos os domingos. Nós esperamos-te. - E Laura teve a certeza de que ele a esperaria, realmente, de que não se esqueceria.

No regresso a casa, o pai disse: — É agradável, Carolina, estar com um grupo de pessoas todas tentando proceder bem, como nós.

— É verdade, Charles - concordou a mãe, agradecida. - É um prazer que vamos esperar toda a semana.

O pai virou-se no banco e perguntou: — E vocês, filhas, que tal acharam a primeira ida à igreja?

— Não sabem cantar - respondeu Laura.

O pai soltou a sua grande gargalhada. Depois explicou: — Não havia ninguém para dirigir o hino com um diapasão.

— Hoje em dia, as pessoas têm livros de hinos, Charles - lembrou a mãe.

— Talvez nós também possamos ter alguns, qualquer dia - disse o pai.

Depois disso, foram à aula de catecismo todos os domingos. Foram ao catecismo três ou quatro domingos, e depois o reverendo Alden apareceu outra vez, e esse domingo foi de igreja. O reverendo Alden vivia na sua verdadeira igreja, no Leste, e não podia viajar todos os domingos para aquela igreja. Aquela era a sua igreja missionária interna, no Oeste.

Não houve mais domingos compridos e maçadores, pois iam sempre ao catecismo e depois podiam conversar sobre isso. Os melhores domingos eram aqueles em que o reverendo Alden estava presente. Lembrava-se sempre de Laura e ela também se lembrava dele, nos intervalos. Chamava a Laura e a Maria as suas “camponesinhas.”

Até que um domingo, enquanto o pai e a mãe e Maria e Laura estavam sentados à mesa do almoço, a conversar da aula de catecismo desse domingo, o pai disse: — Se quero continuar convivendo com gente vestida como deve ser, tenho de comprar um par de botas novas. Olhem.

Estendeu o pé e mostrou a bota remendada, toda estalada através dos dedos.

Olharam todos para a meia encarnada, que se via através do golpe da bota. As extremidades do couro eram finas e enrolavam-se para trás, entre pequeninas fendas.

— Não aguenta outro remendo - disse o pai.

— Oh, eu queria que tivesses comprado as botas, Charles, mas em vez disso

trouxeste para casa o tecido para o meu vestido! - exclamou a mãe pesarosa.

O pai decidiu-se: — Comprarei umas botas novas quando for à cidade, no próximo sábado. Custarão três dólares, mas cá havemos de nos arranjar até à colheita do trigo.

Durante toda essa semana, o pai andou a cortar feno. Tinha ajudado o Sr. Nelson a empilhar o seu feno e isso permitia-lhe utilizar a boa e rápida segadora do vizinho. Disse que estava um tempo maravilhoso para colher feno. Nunca vira um Verão tão seco e soalheiro.

Laura detestava ir à escola. Preferia ficar no campo com o pai, vendo a maravilhosa máquina com as suas facas a arrastar-se atrás das rodas e a cortar grandes feixes de feno.

No sábado de manhã, foi ao campo no carroção e ajudou o pai a trazer a última carga de feno. Olharam para o campo de trigo, que se erguia, mais alto do que Laura, sobre a terra ceifada. O peso das espigas de trigo a amadurecer faziam-no dobrar-se. Apanharam três espigas compridas e cheias e levaram-nas para casa, para a mãe ver.

Quando aquela seara estivesse colhida, disse o pai, deixariam de estar endividados e nem saberiam o que fazer ao dinheiro. Ele havia de ter uma charrete e a mãe um vestido de seda, e teriam todos sapatos novos e comeriam carne de vaca todos os domingos.

Depois do almoço vestiu uma camisa lavada e tirou três dólares da caixa da rabeca. Ia à cidade comprar as botas novas. Foi a pé, porque os cavalos tinham levado a semana a trabalhar e precisavam de descansar.

O pai regressou ao fim da tarde. Laura viu-o, no cabeço, e ela e Jack deixaram a casa do velho caranguejo e correram atrás dele.

A mãe, que estava a tirar do forno a cozedura de pão do sábado, virou-se ao ouvi-lo.

— Onde estão as tuas botas, Charles?

— Bem, Carolina, encontrei o irmão Alden e ele disse-me que não conseguia reunir o dinheiro suficiente para colocar um sino no campanário. A gente da cidade já dera tudo quanto pudera, mas ainda lhe faltavam exatamente três dólares. Por isso, dei-lhe o dinheiro.

— Oh, Charles! - foi tudo quanto a mãe disse. O pai olhou para a bota rota e disse: — Remendo-a. Hei de tapar-lhe o buraco seja como for. E sabes uma coisa? Ouviremos aqui o sino da igreja tocar claramente!

A mãe voltou-se de novo, muito depressa, para o fogão e Laura foi sentar-se, muito calada, no degrau. Sentia um nó na garganta. Queria tanto que o pai tivesse umas boas botas novas!

— Não te importes, Carolina - ouviu-o dizer. - Não vai ser preciso esperar

muito tempo até eu colher o trigo.

25

A NUVEM CINTILANTE.

O trigo já estava quase pronto para ser ceifado. Todos os dias o pai ia vê-lo. Todas as noites falava dele e mostrava a Laura algumas espigas compridas e duras. Os grãos estavam a endurecer nos seus pequenos folhelhos. O pai dizia que o tempo estava perfeito para amadurecer o trigo.

— Se continuar assim, começaremos a ceifar na próxima semana.

O tempo estava muito quente. O céu alto desprendia tanto calor que nem se podia olhar para ele. O ar subia em ondas de toda a pradaria, como de um forno quente. Na escola, as crianças ofegavam como lagartos e a resina pegajosa escorria das paredes de tábuas de pinho.

No sábado de manhã, Laura foi com o pai ver o trigo, que estava quase da altura do pai. Ele sentou-a nos ombros, para que ela pudesse ver por cima das espigas pesadas e dobradas. O campo estava de um verde-dourado.

Ao almoço, o pai falou dele à mãe. Nunca vira uma seara assim. Daria mais de oitenta alqueires por hetare e o trigo estava a vender-se a um dólar por alqueire. Estavam ricos. Aquela região era maravilhosa. Iam poder ter tudo quanto quisessem. Ao ouvi-lo, Laura pensou que o pai ia poder ter as suas botas novas.

Estava sentada voltada para a porta aberta, pela qual entrava o sol. Pareceu-lhe que qualquer coisa tirava o brilho ao sol. Laura esfregou os olhos e olhou de novo. O sol estava, de fato, baço. E foi-se tornando mais baço, até desaparecer.

— Creio que vem aí uma tempestade - disse a mãe. - Uma nuvem deve estar a encobrir o Sol.

O pai levantou-se muito depressa e foi à porta. Uma tempestade poderia prejudicar o trigo. Olhou para fora e depois saiu.

A luz estava esquisita. Não era como a luz que antecede uma tempestade. Laura sentiu-se assustada, sem saber porquê.

Foi a correr para junto do pai, que olhava para o céu. A mãe e Maria saíram, também, e o pai perguntou: — Que te parece aquilo, Carolina?

Uma nuvem encobria o Sol, mas não era uma nuvem como qualquer que já tivessem visto. Era uma nuvem de qualquer coisa que lembrava flocos de neve - embora maior do que flocos de neve normais-, finos e cintilantes. Brilhava luz através de cada trêmula partícula.

Não havia vento, a erva estava parada e o ar quente não bulia, mas a frente

da nuvem atravessava o céu mais depressa do que o vento. O pelo do pescoço de Jack pôs-se em pé. De repente, lançou à nuvem um som estranho, uma mistura de rosnido e uivo.

Plunc! Bateu qualquer coisa na cabeça de Laura e caiu para o chão. Ela olhou e deparou-se-lhe o maior gafanhoto que jamais vira. A seguir, enormes gafanhotos castanhos começaram a cair no chão a toda a volta dela e a bater-lhe na cabeça, na cara e nos braços. Caíam como saraiva.

A nuvem vinha carregada de gafanhotos. Era uma nuvem de gafanhotos. Os seus corpos ocultavam o céu e tornavam tudo escuro. As suas asas grandes e finas brilhavam e cintilavam. O som áspero das suas asas enchia o ar e os gafanhotos batiam no chão e na casa com o barulho de uma tempestade de granizo.

Laura tentou enxotá-los. As suas garras prendiam-se-lhe à pele e ao vestido. Olhavam-na com os olhos salientes, a virarem a cabeça para um lado e para outro. Maria correu a gritar para casa. O chão estava coberto de gafanhotos, não havia um bocadinho livre para pôr os pés. Laura teve de passar por cima deles, a senti-los esborrachar-se viscosamente debaixo dos seus pés.

A mãe fechou apressadamente todas as janelas à volta da casa. O pai veio também e parou à entrada da porta, olhando para fora. Laura e Jack ficaram ao lado dele. Choviam gafanhotos do céu e formavam uma camada grossa no chão. Tinham as asas compridas dobradas e as suas pernas fortes levavam-nos aos saltos aonde queriam. O ar vibrava e os gafanhotos caíam no telhado como granizo.

Depois Laura ouviu outro som, um som grande, feito de minúsculos sons de morder e rilhar.

— O trigo! - gritou o pai, e correu na direção do trigal.

Os gafanhotos estavam comendo. Não conseguiam ouvir um gafanhoto comer, a não ser que escutassem atentamente, enquanto o seguravam e lhe davam erva. Mas naquele momento milhões e milhões de gafanhotos estavam comendo e ouviam-se perfeitamente os milhões de mandíbulas a morder e a mastigar.

O pai correu para o estábulo. Pela janela, Laura viu-o atrelar Sam e David deitar para o carroção feno velho e sujo, do monte de esterco, o mais depressa que podia. Depois voltou para o trigal e a mãe foi atrás do carroção.

O pai conduziu os cavalos à roda do campo, enquanto ia deitando para o chão pequenos montes de feno. A mãe inclinou-se para um deles e viu-se subir e alastrar um penacho de fumaça. A mãe deitou fogo a monte de feno após monte de feno. Laura continuou a olhar, até uma mancha de fumaça encobrir o campo, o pai, a mãe e o carroção.

Continuavam a cair gafanhotos do céu. E a luz continuava fosca, porque os gafanhotos ainda cobriam o Sol.

A mãe voltou para casa e no alpendre fechado, despiu o vestido e as saias de baixo e matou os gafanhotos que sacudiu delas. Acendera fogueiras a toda a volta do trigal. Talvez a fumaça evitasse que os gafanhotos comessem o trigo.

A mãe, Maria e Laura ficaram quietas e caladas na casa fechada e abafada. Carrie era tão pequenina que chorava, mesmo ao colo da mãe. Chorou tanto que acabou por adormecer. Através das paredes chegava o som dos gafanhotos comendo.

A escuridão desapareceu e o sol brilhou de novo. Todo o chão estava coberto de uma massa rastejante e saltitante de gafanhotos. Estavam comendo toda a erva macia e curta do cabeço. As ervas altas da pradaria oscilavam, dobravam-se e caíam.

— Oh, olhem! - disse Laura, baixinho, da janela.

Estavam comendo as copas dos salgueiros. Viam-se as folhas dos salgueiros, finas e espetadas, e a seguir só havia galhos nus. Em pouco tempo, só ficaram ramos inteiros sem folhas, cobertos por massas de gafanhotos.

— Não quero ver mais - disse Maria, e afastou-se da janela. Laura também não queria ver mais, mas não podia deixar de olhar.

As galinhas eram engraçadas. As duas galinhas e os seus franganotes comiam gafanhotos com todas as ganas. Estavam habituados a esticar muito o pescoço e a correr velozmente atrás de gafanhotos, sem no entanto os apanhar. Mas agora cada vez que estendiam o pescoço apanhavam um gafanhoto. Estavam surpreendidos. Continuavam a esticar o pescoço e a tentar correr em todas as direções ao mesmo tempo.

— Bem, não teremos de comprar comida para as galinhas - disse a mãe. - Não há nenhum grande prejuízo sem um pequenino lucro.

Os carreiros verdes da horta murchavam a olhos vistos. As batatas, as cenouras, as beterrabas e os feijões estavam sendo devorados. As folhas compridas desapareciam dos pés de milho e as barbas e as maçarocas do milho jovem, envoltas no folhedo verde, caíam cobertas de gafanhotos.

Ninguém podia fazer nada para remediar aquilo.

A fumaça continuava ocultando o trigal. De vez em quando, Laura via o pai a mover-se vagamente atrás dele. Atiçava as fogueiras amodorradas e a fumaça adensava-se e voltava a ocultá-lo.

Quando chegou a hora de ir buscar a Malhada, Laura calçou meias e sapatos e pôs um xale. A Malhada estava parada no velho vau de Plum Creek, a sacudir-se e a agitar a cauda, A manada passou pela antiga casa do aterro, mugindo tristemente. Laura tinha a certeza de que o gado não podia comer erva

tão cheia de gafanhotos E se os gafanhotos comessem a erva toda, o gado morreria de fome.

Laura tinha gafanhotos debaixo das saias, no vestido e no xale. Não parava de os sacudir da cara e das mãos. Os seus sapatos e os cascos da Malhada não davam um passo sem esmagar gafanhotos.

A mãe saiu, embrulhada num xale, para ordenhar a vaca. Laura ajudou-a. Não conseguiram evitar que caíssem gafanhotos no leite. A mãe trouxera um pano para tapar o balde, mas não podiam ordenhar com o balde tapado. Depois a mãe tirou-os com uma caneca de folha.

Entraram gafanhotos em casa, com elas. As suas roupas estavam cheias deles. Alguns saltaram para o fogão quente, onde Maria estava a tratar do jantar. A mãe tapou a comida, até terem expulsado e esmagado todos os gafanhotos. Depois apanhou-os com uma pá e meteu-os no fogão.

O pai foi a casa apenas o tempo suficiente para jantar, enquanto Sam e David comiam também. A mãe não lhe perguntou o que estava acontecendo ao trigo. Limitou-se a sorrir e a dizer: — Não te preocupes, Charles. Conseguimos sempre aguentarmos.

O pai tinha a garganta áspera e a mãe disse-lhe: — Bebe outra xícara de chá, Charles. Ajuda a tirar-te a fumaça da garganta.

Depois de beber o chá, o pai voltou para o trigal, com outra carga de feno e esterco.

Na cama, Laura e Maria continuavam a ouvir o barulho dos gafanhotos comendo. Laura sentia garras a rastejar por cima dela. Não havia gafanhotos na cama, mas ela não podia afastar essa sensação dos braços e das faces. No escuro, viu-lhes os olhos redondos e salientes e sentia as suas garras a rastejar, até adormecer.

Na manhã seguinte, o pai não estava no andar de baixo. Passara a noite a trabalhar, para manter a fumaça sobre o trigo, e ainda não tinha vindo tomar o desjejum. Continuava a trabalhar.

Toda a pradaria estava modificada. A erva não ondulava: caíra, em montes. O sol nascente enchia a pradaria de sombras agrestes, nos pontos onde a erva caíra e se empilhara, uma contra a outra.

Os salgueiros estavam nus. No bosque de ameixoeiras, só alguns caroços de ameixa pendiam ainda dos troncos sem folhas. Os múltiplos sons dos gafanhotos comendo continuavam a ouvir-se.

Ao meio-dia, o pai saiu com o carroção do meio da fumaça. Pôs Sam e David no estábulo e foi lentamente para casa. Tinha a cara negra de fumaça e os olhos vermelhos. Pendurou o chapéu no prego, atrás da porta, e sentou-se à mesa.

— É inútil, Carolina - disse. - A fumaça não os detém. Continuam a chover através dele e a saltar, vindos de todos os lados. O trigo já está caindo. Cortam-no como uma foice. E comem-no, palha e tudo.

Apoiou os cotovelos na mesa e ocultou a cara nas mãos. Laura e Maria deixaram-se ficar muito quietas. Só Carrie, no seu banco alto, batia com a colher e estendia a mãozinha para o pão. Era tão pequenina que não compreendia.

— Não te preocupes, Charles - disse a mãe. - Já passamos por maus tempos, antes.

Laura olhou para as botas remendadas do pai, debaixo da mesa, e sentiu um nó na garganta. Agora não poderia comprar botas novas.

O pai tirou as mãos da cara e pegou na faca e no garfo. A sua barba sorria, mas os seus olhos não brilhavam. Estavam tristes e baços.

— Não te preocupes, Carolina - disse por sua vez. - Fizemos tudo quanto pudemos e havemos de nos arranjar, seja como for.

Laura lembrou-se, então, de que a casa nova ainda não estava paga. O pai dissera que a pagaria quando colhesse o trigo.

Foi uma refeição silenciosa. Quando terminou, o pai deitou-se no chão e adormeceu. A mãe meteu-lhe uma almofada debaixo da cabeça e pôs um dedo nos lábios, a recomendar a Laura e Maria que não fizessem barulho.

Levaram Carrie para o quarto e entretiveram-na com as bonecas de papel. O único barulho que se ouvia era o dos gafanhotos comendo.

Dia após dia, os gafanhotos continuaram a comer. Comeram todo o trigo e toda a aveia. Comeram todas as coisas verdes, tudo quanto havia na horta e toda a erva da pradaria.

— Oh, Pá, que farão os coelhos? - perguntou Laura. - E os pobres passarinhos?

— Olha à tua volta, Laura - respondeu-lhe o pai.

Os coelhos tinham desaparecido todos. Os passarinhos da erva alta, também. Os pássaros que restavam comiam gafanhotos. E as galinhas-da-pradaria corriam de pescoço esticado, a empanturrar-se de gafanhotos.

Quando chegou o domingo, o pai, Laura e Maria foram ao catecismo. O sol estava tão quente que a mãe disse que ficaria em casa com Carrie. E o pai também deixou Sam e David no estábulo fresco.

Não chovia havia tanto tempo que Laura atravessou Plum Creek sobre pedras secas. Toda a pradaria estava nua e castanha, coberta por milhões de gafanhotos. Não se vislumbrava uma coisa verde em lado nenhum.

Durante todo o caminho, Laura e Maria sacudiram gafanhotos. Quando chegaram à igreja, tinham a saia de baixo cheia de gafanhotos. Levantaram o vestido e sacudiram-nos, antes de entrar. Mas, apesar de todos os seus cuidados,

os gafanhotos tinham-lhes sujado os melhores vestidos de domingo de um líquido castanho, que parecia suco de tabaco.

Nada conseguiria tirar aquelas horríveis nódoas. Teriam de usar os melhores vestidos com as manchas castanhas.

Muita gente da cidade estava voltando para Leste. Christy e Cassie tinham de ir. Laura despediu-se de Christy e Maria de Cassie, as suas melhores amigas.

Não voltaram à escola. Precisavam de poupar os sapatos para o Inverno e não suportavam caminhar descalças por cima de gafanhotos. De qualquer modo, a escola terminaria em breve e a mãe disse que as ensinaria durante o Inverno, para que não estivessem atrasadas quando a escola reabrisse na Primavera seguinte.

O pai trabalhou para o Sr. Nelson e obteve assim o direito de utilizar o seu arado. Começou a lavrar o campo de trigo, a fim de o preparar para a seara do ano seguinte.

26

OVOS DE GAFANHOTO.

Um dia, Laura e Jack desceram até ao ribeiro. Maria gostava de ficar sentada lendo e fazendo somas na ardósia, mas Laura cansava-se disso. Mas fora de casa estava tudo tão feio e triste que também não gostava muito de brincar.

Plum Creek estava quase seco. Só um fio de água corria pela areia seixosa. O salgueiro nu já não oferecia sombra à ponte e a água estava espumosa debaixo do bosque das ameixoeiras. O velho caranguejo tinha-se ido embora.

A terra seca estava quente, o sol torrava e o céu apresentava uma cor de latão. O sussurro constante dos gafanhotos lembrava uma zoada de calor. Já nada cheirava bem.

Nisto, Laura viu uma coisa esquisita: em todo o cabeço os gafanhotos estavam imóveis, com a cauda descida para o chão. Não se mexiam, nem mesmo quando ela lhes tocava.

Tirou um do buraco onde se encontrava e, com um pauzinho, desenterrou do buraco uma coisa cinzenta. Tinha o formato de um verme gordo, mas não estava vivo. Laura não soube o que era. Jack farejou e também ficou sem saber.

Laura pôs-se a caminho do trigal, a fim de perguntar ao pai o que era. Mas o pai não estava a lavrar. Sam e David estavam parados, com o arado, e o pai caminhava na terra por lavrar, a olhá-la. Depois Laura viu-o aproximar-se do arado e levantá-lo do sulco. Conduziu Sam e David para o estábulo, com o arado inativo.

Laura sabia que só uma coisa horrível poderia levar o pai a parar de trabalhar a meio da manhã. Por isso, dirigiu-se também para o estábulo o mais depressa que pôde. Os cavalos estavam nas suas baias e o pai pendurava os arreios suados. Saiu e não sorriu a Laura, que foi vagarosamente atrás dele, para casa. A mãe levantou a cabeça e exclamou: — Charles! Que aconteceu agora?

— Os gafanhotos estão pondo os seus ovos - respondeu-lhe o pai. - O chão parece um favo, cheio deles. Olha para o pátio e verás as covas onde os ovos estão enterrados, a cinco centímetros de profundidade. Em todo o campo de trigo, em toda a parte. Não cabe um dedo entre eles. Olha.

Tirou da algibeira uma das esquisitas coisas cinzentas e mostrou-lha na palma da mão.

— Este é um dos sacos de ovos de gafanhoto. Cortei alguns: há trinta e cinco ou quarenta ovos em cada saco, e um saco em cada buraco. Há oito ou dez

buracos em cada trinta centímetros quadrados, em toda esta região.

A mãe deixou-se cair numa cadeira, com as mãos pendentes ao longo do corpo.

— Temos tantas probabilidades de colher uma seara de trigo no próximo ano como de voar - continuou o pai. - Quando os gafanhotos saírem dos ovos, não restará uma única coisa verde nesta parte do mundo.

— Oh, Charles! Que vamos fazer?

— Não sei - respondeu o pai, e deixou-se cair também num banco.

As tranças de Maria apareceram no buraco da escada e, entre elas, o seu rosto. Olhou ansiosamente para Laura, que a fitou do mesmo modo. Depois Maria desceu a escada em silêncio e parou ao lado de Laura, encostada à parede.

O pai endireitou-se. Nos seus olhos brilhou uma luz forte, nada semelhante ao brilho que Laura sempre vira neles.

— Mas sei uma coisa, Carolina: não haverá praga de gafanhotos que nos vença! Havemos de fazer alguma coisa! Verás! Havemos de nos arranjar, seja como for!

— Sim, Charles - disse a mãe.

— Porque não? - continuou o pai. - Somos saudáveis, temos um teto por cima da nossa cabeça. Estamos melhor do que muita gente. Faz o almoço para cedo, Carolina. Vou à cidade. Hei de encontrar alguma coisa. Não te preocupes!

Enquanto o pai esteve ausente na cidade, a mãe, Maria e Laura trataram de lhe preparar um bom jantar. A mãe escaldou um tacho de leite azedo e fez umas bonitas bolinhas brancas de requeijão.

Maria e Laura partiram em fatias batatas cozidas, frias, e a mãe fez um molho para elas. Além disso, havia pão, manteiga e leite.

Depois lavaram-se e penteram-se. Vestiram os melhores vestidos e puseram as fitas nas tranças. Vestiram a Carrie o vestidinho branco, escovaram-lhe o cabelo e puseram-lhe ao pescoço a enfiada de contas índias. Estavam todas à espera quando o pai subiu o cabeço coberto de gafanhotos.

Foi um jantar alegre. Depois de comerem tudo, sem deixarem um bocadinho, o pai empurrou o prato para trás e disse: — Bem, Carolina…

— Então, Charles?

— Aqui está a saída: amanhã de manhã parto para leste.

— Oh, Charles, não! - exclamou a mãe.

— Não há novidade, Laura - disse o pai, mas as suas palavras significavam: “Não chores.”

E Laura não chorou.

— É tempo de colheitas lá - continuou o pai. - Os gafanhotos chegaram apenas a uns cento e cinquenta quilômetros a leste daqui. Para lá dessa distância

há colheitas. É a única possibilidade de arranjar emprego e todos os homens do Oeste estão indo para lá. Também tenho de ir, e depressa.

— Se te parece que é para o melhor, as pequenas e eu cá nos arranjaremos - disse a mãe. - Mas, Charles, será uma caminhada tão longa para ti!

— Ora que são trezentos quilômetros? - replicou o pai, mas olhou para as suas botas remendadas, e Laura compreendeu que ele perguntava a si mesmo se resistiriam a uma tão grande caminhada. - Trezentos quilômetros não são praticamente nada!

Depois tirou a rabeca da caixa e tocou durante muito tempo, ao crepúsculo, enquanto Laura e Maria se sentavam junto dele e a mãe embalava a Carrie, perto.

Tocou Dixie Land, e Juntar-nos-emos à Roda da Bandeira, Rapazes!, e Todos os Bonés Azuis Estão do Outro Lado da Fronteira, e Oh, Susana, não chores por mim!

Eu vou para a Califórnia
Com a peneira no joelho!

Tocou Vêm Aí os Campbells, Viva, Viva! e depois Amemos a Vida. Por fim, guardou a rabeca. Tinha de se deitar cedo, pois queria partir cedo, de manhã.

— Toma bem cuidado da velha rabeca, Carolina - recomendou. - Dá coragem a um homem.

Depois do desjejum, ao alvorecer, o pai beijou-as a todas e partiu. Levava uma camisa e um par de meias embrulhados na camisola suspensa do ombro. Antes de atravessar Plum Creek olhou para trás e acenou. Depois continuou o seu caminho até desaparecer, sem se voltar mais para trás. Jack estava muito encostado a Laura.

Ficaram todas quietas um momento, depois de o pai desaparecer. Por fim, a mãe disse, alegremente: — Agora temos de tratar de tudo, filhas. Maria e Laura, apressem-se, vão levar a vaca ao encontro da manada.

Entrou, toda desembaraçada, em casa, com Carrie, enquanto Laura e Maria iam buscar a Malhada ao estábulo e conduzi-la na direção do ribeiro. Não restava erva na pradaria e o gado faminto tinha de andar ao longo das margens do rio comendo rebentos de salgueiro e de ameixoeira e um pouco de erva seca e morta que sobrara do último Verão.

27

CHUVA.

Quando o pai não estava, tornava-se tudo triste e sem graça. Laura e Maria nem sequer podiam contar os dias que faltavam para ele voltar. Só podiam imaginá-lo a afastar-se mais e mais, com as suas botas remendadas.

Jack tornara-se um cão sossegado e o seu focinho estava a tornar-se grisalho. Olhava muitas vezes para a estrada deserta por onde o pai desaparecera, suspirava e deitava-se a olhá-la. Mas não esperava realmente que o pai voltasse.

A pradaria morta e devorada estava plana sob o céu quente, atravessada de vez em quando por remoinhos de poeira. A sua extremidade longínqua parecia rastejar como uma cobra. A mãe explicou que tal se devia às ondas de calor do ar.

Só em casa havia sombra. Nem os salgueiros nem as ameixoeiras tinham quaisquer folhas. Plum Creek estava seco, apenas com um pouco de água nas suas lagoas. O poço estava seco e a antiga nascente, próximo da casa do aterro, pingava, apenas. A mãe punha-lhe um balde por baixo, para encher durante a noite. De manhã ia buscá-lo e deixava outro, para encher durante o dia.

Quando acabavam o trabalho da manhã, a mãe e Maria, Laura e Carrie ficavam sentadas em casa. Os ventos escaldantes assobiavam - o gado faminto não parava de mugir.

A Malhada estava magra. Viam-se-lhe as articulações das pernas e as costelas todas e tinha covas à volta dos olhos. Mugia com o resto do gado, a procurar qualquer coisa para comer. Já tinham comido todos os pequenos arbustos da margem do ribeiro e roído os ramos dos salgueiros, o mais alto que alcançavam. O leite da Malhada tornara-se amargo e era cada vez em menor quantidade.

Sam e David ficavam no estábulo. Não podiam comer todo o feno que desejariam, porque as medas de feno teriam de durar até à próxima Primavera. Quando Laura os levava pelo leito seco do ribeiro até à antiga lagoa, torciam o nariz à água morna e espumosa. Mas tinham de a beber. As vacas e os cavalos também sofriam.

No sábado à tarde, Laura foi a casa do Sr. Nelson, saber se tinha chegado alguma carta do pai. Foi pelo pequeno carreiro seguindo à ponte. Não ziguezagueava, eternamente, através de lugares agradáveis: levava apenas a casa do Sr. Nelson.

A casa do Sr. Nelson era comprida e baixa e tinha as paredes de tábuas caiadas. O comprido e baixo estábulo de terra e raízes tinha um telhado grosso, de feno. Não pareciam nem a casa nem o estábulo do pai. Aconchegavam-se ao chão, sob uma encosta da pradaria, e davam a impressão de falar norueguês.

No interior, a casa brilhava de asseio. A grande cama tinha altos colchões de penas e as almofadas também eram grandes e altas. Da parede pendia um bonito retrato de uma senhora vestida de azul. A moldura era grossa e dourada e uma rede mosquiteira cor-de-rosa cobria a moldura e a senhora, para as proteger das moscas.

Não chegara nenhuma carta do pai. A sra. Nelson disse que o Sr. Nelson voltaria a perguntar, no sábado seguinte, no posto dos correios.

— Obrigada minha senhora - agradeceu Laura, e afastou-se, depressa, pelo carreiro fora. Depois atravessou a ponte devagar e subiu o cabeço ainda com maior lentidão.

— Não se preocupem, filhas - disse a mãe. - Haverá uma carta para a semana.

Mas no sábado seguinte não havia carta nenhuma.

Deixaram de ir ao catecismo. A Carrie não podia andar uma distância tão grande e já era muito pesada para a mãe a levar. Laura e Maria tinham de poupar os sapatos. Não podiam ir ao catecismo descalças e se usassem os sapatos não os teriam quando chegasse o Inverno.

Por isso aos domingos vestiam os melhores vestidos, mas não calçavam os sapatos, nem punham as fitas no cabelo. Maria e Laura diziam os seus versículos da Bíblia à mãe e ela lia-lhes passagens da Bíblia.

Um domingo, leu-lhes uma passagem acerca da praga de locustas, verificada havia muito, em tempos bíblicos. Locustas eram gafanhotos. A mãe leu: “E as locustas avançaram pela terra do Egito e descansaram em todas as costas do Egito; foram muito prejudiciais, pois cobriam a face de toda a terra, que escureceu, e comeram toda a erva da terra, e todos os frutos das árvores que o granizo poupara; e não ficou uma única coisa verde nas árvores, nem nas ervas do campo, em toda a terra do Egito.);

Laura sabia como isso era verdade. Quando repetia essas palavras, pensava: “Em toda a terra do Minnesota.”

Depois a mãe leu a promessa que Deus fez às pessoas boas, “de as levar daquela terra para uma terra boa e grande, para uma terra onde fluíam o leite e o mel”.

— Oh, onde é isso, Ma?! - perguntou Maria.

— Como podiam fluir da terra leite e mel? - perguntou por sua vez Laura, a quem não agradava a ideia de caminhar sobre mel lei toso e peganhento.

A mãe pousou a grande Bíblia nos joelhos e ficou pensando. Depois disse: — Bem, o pai pensa que deve ser aqui mesmo, no Minnesota - Como poderia ser? - indagou Laura.

— Talvez venha a ser, se nós resistirmos - respondeu a mãe. - Bem, Laura, se boas vacas leiteiras comessem erva em toda esta terra, dariam uma grande quantidade de leite, e então poder-se-ia dizer que da terra fluía leite. As abelhas recolheriam mel de todas as flores silvestres que crescem nesta terra, e então da terra fluiria mel.

— Oh! - exclamou Laura. - Ainda bem que não teríamos de andar sobre eles!

Carrie bate com os pequenos punhos na Bíblia e protestou: — Tenho calor! Tenho comichão!

A mãe pegou-lhe, mas ela empurrou-a e choramingou: — A mãe está quente.

Coitadinha da Carrie, tinha a pele cheia de fogagem vermelha do calor. Laura e Maria também se derretiam dentro das camisas e das cuecas, dos saiotes e dos vestidos de mangas compridas, gola alta e faixas apertadas cingindo a cintura. A parte de trás do pescoço ardia-lhes debaixo das tranças.

Carrie tinha sede, mas empurrou a caneca, fez uma careta e disse: — Não p’esta!

— É melhor beberes - disse-lhe a mãe. - Também me apetecia uma bebida fresca, mas não temos.

— Quem me dera beber água do poço! - disse Laura.

— E a mim quem me dera ter um bocado de gelo - disse Maria.

— Gostaria de ser um índio e não ter de usar roupa - afirmou Laura.

— Laura! - ralhou a mãe. - E num domingo !

Laura pensou: “Gostaria, pois!” O cheiro a madeira da casa era um cheiro quente. De todas as manchas castanhas das tábuas corria seiva pegajosa, que solidificava em duras bolinhas amarelas. O vento quente nunca parava de soprar e o gado nunca parava de mugir: “Mu-uu, mu-uu.” Jack virou-se de lado e soltou um longo suspiro.

A mãe suspirou também e disse: — Parece-me que daria praticamente tudo por uma lufada de ar. Nesse mesmo instante entrou em casa uma lufada de ar. Carrie deixou de choramingar. Jack levantou a cabeça. A mãe perguntou: — Filhas, vocês…

Interrompeu-a outra lufada de ar fresco.

A mãe foi, pelo alpendre, ao lado sombreado da casa. Laura foi logo atrás dela e Maria seguiu-as com Carrie. No exterior parecia um forno. O ar quente bateu, escaldante, na cara de Laura.

No céu, a noroeste, havia uma nuvem. Mas era uma nuvem pequena no céu enorme e de tom metálico. Não deixava no entanto de ser uma nuvem e de projetar uma faixa de sombra na pradaria, a sombra parecia mover-se, mas talvez fossem apenas as ondas de calor. Não, aproximava-se, lentamente.

“Oh, por favor, por favor, por favor!”, suplicava Laura, silenciosamente, com todas as suas forças. Ficaram todas protegendo os olhos com a mão e a olhando para a nuvem e para a sua sombra.

A nuvem continuou a aproximar-se. E a tornar-se maior. Era uma mancha densa e escura no ar, sobre a pradaria. A sua orla parecia enrolar-se e inchar, em grandes novelos. Começaram a sentir lufadas de ar fresco, de mistura com baforadas de ar mais quente do que nunca.

Por toda a pradaria levantavam-se nuvens de poeira, que redemoinhavam e pareciam agitar os braços de pó. O sol continuava batendo de chapa na casa e no estábulo e na terra estalada e perfurada. A sombra da nuvem estava muito longe.

De súbito, uma faísca de fogo branco ziguezagueou e uma cortina cinzenta caiu da nuvem e ficou a pairar, ocultando o céu do outro lado. Era chuva. Depois soou um trovão.

— É muito longe, filhas - disse a mãe. - Receio que não chegue cá. Mas, pelo menos, o ar tornou-se mais fresco.

O vento quente trazia consigo o cheiro da chuva e lufadas de frescura.

— Oh, talvez cá chegue, mãe, talvez cá chegue! - exclamou Laura.

Intimamente, estavam todas dizendo: “Por favor, por favor, por favor!”

O vento tornou-se mais fresco. Pouco a pouco, a sombra da nuvem tornou-se maior. A nuvem alastrara pelo céu. De súbito, uma sombra avançou pela terra plana e pelo cabeço acima, e logo atrás dela chegou, apressada, a chuva. Subiu o cabeço como milhões de pés pequeninos e a chuva caiu sobre a casa e sobre a mãe e Maria, Laura e Carrie.

— Para dentro, depressa! - disse a mãe.

A chuva batia ruidosamente no telhado do alpendre. Ar fresco entrava na casa sufocante. A mãe abriu a porta da frente, prendeu as cortinas e abriu todas as janelas.

Do chão erguia-se um cheiro desagradável, mas a chuva caía e levava-o atrás de si. Tamborilava chuva no telhado e caía das telhas. A chuva lavava o ar e tornava-o agradável de respirar. Ar perfumado invadiu a casa, aliviou o peso que Laura sentia na cabeça e causou uma sensação agradável à sua pele.

Regatos de água enlameada corriam velozmente pelo solo duro, entravam nas fendas e enchiam-nas. Redemoinhavam sobre as covas onde estavam os ovos dos gafanhotos e deixavam tudo transformado em lama lisa. No céu brilhavam relâmpagos e ribombava o trovão.

Carrie batia as palmas e gritava; Maria e Laura dançavam e riam. Jack agitava o coto da cauda e dava corridinhas como um cachorrinho. Olhava para a chuva de todas as janelas e quando o trovão ribombava ele rosnava, como se perguntasse: “Quem tem medo de ti?”

— Creio que vai durar até ao pôr do Sol - disse a mãe.

Pouco antes do pôr do Sol, de fato, a chuva partiu. Atravessou o Plum Creek e seguiu pela pradaria na direção leste, deixando apenas alguns pingos luminosos a cair ao sol. Depois a nuvem tornou-se cor de púrpura e vermelha e recortou as suas orlas douradas e encrespadas no céu claro. O Sol pôs-se e romperam as estrelas. O ar estava fresco e a terra úmida e grata.

A única coisa que Laura desejava era que o pai estivesse ali.

No dia seguinte, o Sol nasceu, escaldante. O céu tinha uma tonalidade metálica e o vento queimava. Antes de anoitecer, pequenas pontinhas de erva irrompiam do solo.

Ao fim de poucos dias, uma mancha verde atravessava a pradaria castanha. A erva nasceu onde a chuva caíra e o gado faminto foi pastar para aí. Todas as manhãs, Laura amarrava Sam e David a cordas, para que eles também pudessem comer a boa erva.

O gado deixou de mugir. Os ossos da Malhada cobriram-se e ela passou a dar mais leite - e leite bom e saboroso, e não amargo. O cabeço estava outra vez verde e os salgueiros e as ameixoeiras começavam a cobrir-se de folhas pequeninas.

28

A CARTA.

Laura sentia a falta do pai durante todo o dia e à noite, quando o vento soprava solitariamente sobre a terra escura, sentia-se vazia e triste.

Ao princípio, falava dele, calculava a distância que percorrera naquele dia e esperava que as suas velhas botas remendadas continuassem a resistir. À noite, pensava onde estaria acampado. Mais tarde, deixou de falar dele à mãe. Ela pensava constantemente no pai e não gostava de falar do assunto. Não gostava, sequer, de contar os dias que faltavam para sábado.

— O tempo passará mais depressa se pensarmos noutras coisas - dizia.

Durante todo o dia de sábado desejavam que o Sr. Nelson encontrasse uma carta do pai no posto dos correios, na cidade. Laura e Jack metiam pela estrada da pradaria, a fim de esperarem pelo carroção do Sr. Nelson. Os gafanhotos tinham comido tudo e agora estavam a ir-se embora, não numa grande nuvem, como tinham vindo, mas em pequenas nuvens, de voo curto. Mesmo assim, ainda restavam milhões deles.

Não havia nenhuma carta do pai.

— Paciência - dizia a mãe. - Acabará por chegar alguma. Uma vez, quando Laura subia vagarosamente o cabeço sem nenhuma carta, pensou: “E se nunca chegar carta nenhuma?”

Tentou não voltar a pensar nisso. Mas não pôde. Um dia olhou para Maria e compreendeu que ela estava pensando na mesma coisa. Nessa noite não pôde suportar mais e perguntou à mãe: — O pai volta para casa, não volta?

— Claro que volta para casa! - exclamou a mãe, e Laura e Maria ficaram sabendo que a mãe também receava que tivesse acontecido alguma coisa ao pai.

Talvez as suas botas se tivessem desfeito e ele andasse coxeando descalço… Talvez tivesse sido ferido por gado. Talvez tivesse sido colhido por um trem. Não levara a espingarda; talvez tivesse sido atacado por lobos. Talvez à noite, no escuro da floresta, uma pantera tivesse saltado sobre ele, de uma árvore…

No sábado seguinte, à tarde, quando Laura e Jack se preparavam para ir ao encontro do Sr. Nelson, ela viu-o vir pela ponte. Trazia qualquer coisa branca na mão. Laura desceu o cabeço a correr, como se voasse. A coisa branca era uma carta.

— Oh, obrigada! Obrigada! - agradeceu Laura.

Correu tão depressa para casa que nem podia respirar. A mãe, que estava lavando a cara de Carrie, pegou na carta com mãos trêmulas e úmidas e sentou-se.

— É do pai.

A mão tremia-lhe tanto que mal pôde tirar um gancho do cabelo. Por fim abriu o sobrescrito, tirou a carta, desdobrou-a e encontrou uma nota.

— O pai está bem - disse, ao mesmo tempo que tapava a cara com o avental e chorava.

Depois o seu rosto emergiu do avental a brilhar de alegria. De vez em quando, tinha de limpar os olhos, enquanto lia a carta a Maria e a Laura.

O pai tivera de percorrer quinhentos quilômetros antes de arranjar emprego. Agora estava a trabalhar nos campos de trigo e ganhava um dólar por dia. Mandava cinco dólares à mãe e ficava com três para as botas novas. As colheitas eram boas, onde se encontrava, e, se a mãe e as garotas estivessem bem, deixar-se-ia ficar enquanto o trabalho durasse.

Elas tinham saudades dele e queriam que voltasse para casa, mas ele estava bem e já tinha botas novas. Nesse dia sentiram-se muito felizes.

29

A HORA MAIS ESCURA É IMEDIATAMENTE ANTES DA ALVORADA.

Agora o vento soprava mais fresco e ao meio-dia o sol já não estava tão quente. As manhãs eram frias e os gafanhotos pulavam, fracos, até o sol os aquecer.

Uma manhã, o solo apareceu coberto por espessa geada, que revestia todos os gravetos e palhas de uma espécie de penugem branca que queimava os pés descalços de Laura, a qual viu milhões de gafanhotos perfeitamente rígidos.

Em poucos dias não restava um gafanhoto em parte alguma.

O Inverno aproximava-se e o pai ainda não regressara. O vento era cortante e agora parecia silvar e uivar. O céu tornara-se cinzento e caía uma chuva fria e cinzenta. A chuva acabou por dar o lugar à neve e o pai continuou sem voltar.

Laura tinha de calçar sapatos quando saía de casa. Mas os sapatos magoavam-lhe os pés, não sabia porquê. Nunca a tinham magoado antes. Os sapatos de Maria também lhe faziam doer os pés.

Toda a lenha que o pai cortara se gastara e Maria e Laura apanhavam as lascas espalhadas nas imediações. O frio mordia-lhes o nariz e os dedos, enquanto elas arrancavam as últimas lascas do solo gelado. Embrulhadas em xales, foram procurar debaixo dos salgueiros e apanharam os poucos ramos mortos que encontravam e que ardiam mal.

Até que uma tarde a Sra. Nelson apareceu, para as visitar, e levou consigo a sua filha pequena, Ana.

A Sra. Nelson era roliça e bonita. Tinha o cabelo dourado como o de Maria, olhos azuis e quando ria, o que era frequente, mostrava duas fileiras de dentes muito brancos. Laura gostava da Sra. Nelson, mas não gostou de ver Ana.

Ana era um bocadinho mais crescida do que Carrie, mas não compreendia nem uma palavra do que Laura ou Maria diziam, e elas também a não conseguiam compreender. Falava norueguês. Não tinha graça nenhuma brincar com ela e, no Verão, Maria e Laura corriam para o ribeiro quando a Sra. Nelson e Ana apareciam. Mas agora estava frio e, por isso, tiveram de ficar na casa quente e brincar com Ana. Foi a mãe que mandou: — Agora, meninas, vão buscar as bonecas e brinquem muito ajuizadamente com Ana.

Laura foi buscar a caixa de bonecas que a mãe recortara de papel de embrulho e sentaram-se para brincar no chão, junto da porta aberta do forno.

Ana riu-se quando viu as bonecas de papel. Pegou na caixa, tirou uma senhora de papel e rasgou-a em duas.

Laura e Maria ficaram horrorizadas. Carrie olhou para aquilo de olhos arregalados. A mãe e a Sra. Nelson continuaram a conversar e não viram Ana agitar, a rir, as metades da senhora de papel. Laura tapou a caixa, mas dali a bocadinho Ana cansou-se da boneca rasgada e quis outra. Laura não soube que fazer e Maria tão-pouco.

Se Ana não obtinha o que queria, chorava. Era pequena, e ainda por cima visita, e elas tinham de evitar que chorasse. No entanto, se pudesse deitar as mãos às bonecas de papel, rasgá-las-ia todas. Então Maria segredou a Laura: — Vai buscar a Carlota. Ela não pode fazer mal à Carlota. Laura subiu a escada muito depressa, enquanto Maria entretinha Ana, para evitar que chorasse. A querida Carlota estava deitada na sua caixa debaixo das telhas, a sorrir com a sua boca de linha encarnada e os seus olhos de botões de sapatos. Laura levantou-a com cuidado e alisou-lhe o cabelo de fio preto ondulado e o vestido. Carlota não tinha pés e as suas mãos eram apenas pontos nas extremidades achatadas dos braços, pois era uma boneca de trapos. Mas Laura amava-a ternamente.

Carlota era a boneca de Laura desde uma distante manhã de Natal na Floresta Grande do Wisconsin.

Laura desceu a escada com a boneca e Ana gritou, quando a viu. Laura depositou-lhe cuidadosamente Carlota nos braços e Ana abraçou-a com força. Mas isso não fazia mal a Carlota. Laura observou ansiosamente enquanto Ana puxava os olhos feitos de botões e o cabelo ondulado feito de fio, de Carlota, e até batia com ela no chão. Mas Ana não podia, na verdade, fazer mal a Carlota e Laura endireitar-lhe-ia a saia e o cabelo quando a pequenina visitante se fosse embora.

Por fim, a longa visita terminou. A Sra. Nelson preparou-se para regressar a casa com Ana. Aconteceu então uma coisa terrível: Ana não queria largar Carlota.

Talvez pensasse que a boneca era dela. Talvez tivesse dito à mãe que Laura lha dera. A Sra. Nelson sorriu. Laura tentou tirar a boneca a Ana e Ana gritou.

— Quero a minha boneca! - disse Laura, mas a outra não a largou e desatou a espernear e a gritar.

— Que vergonha, Laura - ralhou a mãe. - A Ana é pequena e uma visita. De qualquer modo, tu já és muito crescida para brincar com bonecas. Deixa a Ana ficar com ela.

Laura teve de obedecer à mãe. Parou à janela e viu Ana pular pelo cabeço abaixo, a segurar Carlota por um braço.

— Que vergonha, Laura - repetiu a mãe. - Uma menina crescida como tu

amuada por causa de uma boneca de trapos. Acaba já com isso. Não queres a boneca para nada, quase nunca brincavas com ela. Não deves ser tão egoísta.

Laura subiu silenciosamente a escada e sentou-se na sua caixa, junto da janela. Sentia uma grande vontade de chorar, porque Carlota se fora embora. O pai não estava em casa e a caixa de Carlota estava vazia. O vento continuava a uivar nos beirais. Estava tudo vazio e gelado.

— Desculpa, Laura - disse a mãe, nessa noite. - Não teria dado a tua boneca se soubesse que te importarias tanto. Mas não devemos pensar só em nós. Lembra-te da felicidade que deste a Ana.

Na manhã seguinte, o Sr. Nelson chegou com uma carga de lenha do pai, que ele cortara. Passou todo o dia a rachar lenha para a mãe e o monte ficou outra vez grande.

— Vês como o Sr. Nelson é bom para nós? - disse a mãe. - Os Nelsons são bons vizinhos. Não estás contente por teres dado a tua boneca a Ana?

— Não, Ma - respondeu Laura, cujo coração não parava de chorar pelo pai e por Carlota.

Caíram de novo chuvas geladas e geou. Não chegaram mais cartas do pai. A mãe pensava que ele devia ter iniciado a viagem de regresso a casa. À noite, Laura escutava o vento e pensava onde estaria o pai. Frequentemente, de manhã, o monte de lenha estava coberto de neve empurrada pelo vento. E o pai continuava a não chegar. Todos os sábados à tarde Laura calçava as meias e os sapatos, embrulhava-se no grande xale da mãe e ia a casa dos Nelsons.

Batia à porta e perguntava se o Sr. Nelson tinha alguma carta para a mãe. Não entrava, porque não queria ver Carlota ali. A Sra. Nelson respondia que não, que não tinha chegado nenhuma carta, e Laura agradecia-lhe e voltava para casa.

Num dia tempestuoso, viu qualquer coisa no pátio do estábulo dos Nelsons. Parou, a olhar. Era Carlota, afogada e enregelada numa poça de água. Ana deitara Carlota fora.

Laura só com grande dificuldade chegou à porta e fez a pergunta habitual à Sra. Nelson. Ela respondeu-lhe que, em virtude de o tempo estar tão mau, o Sr. Nelson não fora à cidade, mas com certeza iria na semana seguinte.

— Obrigada, minha senhora - agradeceu Laura, e veio-se embora.

Chuva e granizo fustigavam Carlota. Ana escalpara-a. O bonito cabelo preto ondulado de Carlota estava quase arrancado, a sua boca sorridente estava rasgada e parecia sangrar no rosto, e um dos botões de sapato que faziam de olhos desaparecera. Mas era Carlota.

Laura apanhou-a e escondeu-a debaixo do xale. Correu todo o caminho até casa, ofegando contra o vento fustigante e o granizo. A mãe sobressaltou-se, assustada, quando a viu.

— Que aconteceu? Que foi? Diz-me!

— O Sr. Nelson não foi à cidade - respondeu Laura. - Mas, oh, Ma… olhe!

— Mas que vem a ser…?

— É Carlota - interrompeu Laura. - Eu… eu roubei-a. Não me importo, Ma, não me importo de a ter roubado.

— Pronto, pronto, não estejas tão nervosa - tranquilizou-a a mãe. - Vem cá e conta-me tudo - pediu, e sentou Laura no seu colo, na cadeira de balanço.

Chegaram à conclusão de que Laura não fizera maldade nenhuma ao reaver Carlota. Tinha sido uma experiência terrível para a boneca, mas Laura salvara-a e a mãe prometia pô-la como nova.

A mãe arrancou-lhe o resto do cabelo, os bocados da boca e o olho que lhe restava. Descongelaram Carlota, torceram-na e a mãe lavou-a muito bem lavada, engomou-a e passou-a a ferro, enquanto Laura escolhia, no saco dos trapos, uma nova cara rosa-pálida para ela e novos botões para servirem de olhos.

Nessa noite, quando se deitou, Laura pôs Carlota na caixa. A boneca estava limpa e bonita, com a boca vermelha a sorrir e os olhos pretos a brilhar, e tinha cabelo novo castanho-dourado, apertado em duas trancinhas enfeitadas com lacinhos de fio azul.

Laura adormeceu aninhada contra Maria debaixo das mantas acolchoadas. O vento uivava e chuva e granizo batiam no telhado. Estava tanto frio que Laura e Maria taparam a cabeça com as mantas.

Acordou-as um grande estrondo. Sentiram-se assustadas, no escuro, debaixo das mantas. Depois ouviram uma voz alta dizer, em baixo: — Ora esta, deixei cair o braçado de lenha, não deixei? A mãe riu-se e respondeu: — Fizeste de propósito, Charles, para acordares as garotas! Laura saltou da cama a gritar e a gritar desceu a escada. Saltou para os braços do pai e Maria fez o mesmo. Depois foi um nunca acabar de conversas, risos e saltos.

Os olhos azuis do pai brilhavam. Tinha o cabelo em pé e calçava botas novas. Caminhara mais de trezentos quilômetros, do Minnesota oriental até ali. Viera da cidade no meio da noite, debaixo da tempestade. Mas chegara!

— Que vergonha, meninas, em camisa de dormir! - admoestou a mãe. - Vão-se vestir. O desjejum está quase pronto.

Vestiram-se num abrir e fechar de olhos, desceram a escada, abraçaram o pai, lavaram as mãos e a cara, abraçaram o pai, alisaram o cabelo e abraçaram o pai. Jack andava em círculos e Carrie batia na mesa com a colher e cantava: — O Pá veio para casa! O Pá veio para casa!

Finalmente estavam todos sentados à mesa. O pai disse que, para o fim, tivera tanto que fazer que não escrevera.

— Eles punham-nos a trabalhar na debulhadora antes de alvorecer e só de

lá saíamos depois de escurecer. E quando pude, enfim, pôr-me a caminho de casa, não perdi tempo a escrever. Também não trouxe presentes nenhuns, mas tenho dinheiro para os comprar.

— O melhor presente que nos poderias dar, Charles, foi regressar a casa - disse a mãe.

Depois do desjejum, o pai foi ver os animais. Foram todas com ele e Jack foi atrás, rente aos seus calcanhares. O pai ficou contente por Sam, David e Malhada terem tão bom aspeto. Afirmou que ele próprio não teria cuidado melhor de tudo. A mãe disse-lhe que Maria e Laura a tinham ajudado muito.

— Como é bom estar em casa! - exclamou o pai, e depois perguntou: - Que há com os teus pés, Laura?

Ela esquecera-se dos pés. Conseguia andar sem coxear quando se lembrava, mas esquecera-se.

— Os sapatos magoam-me, Pá.

Em casa, o pai sentou-se, com Carrie ao colo. Depois estendeu a mão e apalpou os sapatos de Laura.

— Ai! - queixou-se ela. - Tenho os dedos apertados!

— Deves ter, com certeza! - exclamou o pai. - Como estão os teus, Maria?

Maria respondeu que também sentia os dedos apertados.

— Descalça os sapatos, Maria, e tu, Laura, calça-os.

Os sapatos de Maria não magoavam os pés de Laura. Eram uns bons sapatos, sem nenhum buraco nem qualquer beliscadura.

— Quando eu os ensebar bem, parecerão quase novos - disse o pai. - A Maria precisa de uns sapatos novos, Laura usará os de Maria, e os de Laura vão ficar guardados, à espera de que Carrie cresça e lhe sirvam. Não tardará muito tempo. Que mais falta, Carolina? Pensa no que precisas e veremos o que se pode arranjar. Assim que puder atrelar os cavalos, vamos todos à cidade!

30

IDA À CIDADE.

Como se apressaram, então! Vestiram a melhor roupa de Inverno, enrolaram-se em casacos e xales e subiram para o carroção. O sol brilhava e o ar gelado parecia morder-lhes o nariz. Cintilava geada no solo duro e gelado.

O pai estava no banco do carroção, com a mãe e Carrie aninhadas a seu lado. Laura e Maria envolveram-se bem nos xales e aninharam-se também, uma contra a outra, no cobertor do fundo do carroção. Jack, sentado no degrau da casa, viu-os partir; sabia que regressariam em breve.

Até Sam e David pareciam saber que estava tudo bem, agora que o pai voltara para casa. Trotaram alegremente, até o pai lhes gritar: “Ai-ô!”, e os prender aos postes existentes para esse fim defronte do armazém do Sr. Fitch.

Primeiro, o pai pagou ao Sr. Fitch parte do dinheiro que lhe devia das tábuas para a construção da casa. Depois pagou a farinha e o açúcar que o Sr. Nelson levara à mãe, durante a sua ausência. Em seguida, o pai contou o dinheiro que restava e ele e a mãe compraram os sapatos novos de Maria.

Os sapatos eram tão novos e brilhavam tanto nos pés de Maria que Laura achou não ser justo que Maria fosse a mais velha. Os sapatos de Maria serviriam sempre a Laura e ela nunca teria sapatos novos. Depois a mãe disse: — Agora um vestido para a Laura.

Laura correu para o balcão, para junto da mãe. O Sr. Fitch estava a tirar das prateleiras peças de bonita fazenda de lã.

No Inverno anterior, a mãe alargara todos os franzidos e todas as costuras do vestido de Inverno de Laura. Agora o vestido estava muito curto e tinha buracos nas mangas, feitos pelos cotovelos, em virtude de estarem tão apertadas. A mãe remendara-as muito bem e os remendos não se viam, mas nem por isso Laura deixava de se sentir pobrezinha e remendada naquele vestido. No entanto, nem sonhara sequer que teria um vestido inteiro novo.

— Que te parece esta flanela castanho-dourada, Laura? - perguntou a mãe.

Laura nem podia falar. O Sr. Fitch disse: — Garanto que é durável.

A mãe encostou uma trancinha vermelha, estreita, à flanela castanho-dourada e observou: — Creio que três séries desta trança à volta do pescoço, dos punhos e do cinto ficarão bem, que te parece, Laura? Achas que ficaria bonito?

— Oh, sim, Ma! - exclamou Laura, e, ao mesmo tempo, olhou para cima e os seus olhos e os vivos olhos azuis do pai dançaram juntos, - Compra, Carolina

- disse o pai.

I O Sr. Fitch mediu a bonita flanela castanho-dourada e a trança vermelha.

Maria também precisava de um vestido novo, mas não gostava de nada que ali havia. Atravessaram todos a rua e foram ao armazém do Sr. Oleson. Aí encontraram flanela azul-escura e trança estreita dourada, que era exatamente o que Maria queria.

Maria e Laura estavam a admirar o tecido, enquanto o Sr. Oleson media, quando Nellie Oleson chegou com uma capinha de peles pelos ombros.

— Olá! - disse e, olhando desdenhosamente para a flanela azul, disse ser exatamente para gente do campo; depois virou-se, para exibir a capinha de peles, e exclamou: - Vejam o que eu tenho!

Elas olharam e Nellie perguntou: — Não gostarias de ter uma capa de peles, Laura? Mas o teu pai não ta pode comprar, não tem um armazém.

Laura não se atreveu a esbofeteá-la, embora estivesse tão furiosa que nem podia falar. Virou-lhe as costas e Nellie foi-se embora, a rir. A mãe estava a comprar fazenda quente para fazer uma capa para Carrie, enquanto o pai comprava feijão, farinha de trigo, farinha de milho, sal, açúcar e chá. A seguir precisava de encher a lata de querosene e de passar pelos correios. Já passava do meio-dia e começava a arrefecer quando saíram da cidade. O pai deu pressa a Sam e a David, que trotaram velozmente durante todo o caminho até casa.

Depois de lavada e arrumada a louça do almoço, a mãe abriu os embrulhos e regalaram-se todos a ver as bonitas coisas para vestir que tinham comprado.

— Farei os vestidos para vocês o mais depressa que puder - disse a mãe -, pois agora, que o pai está em casa, poderemos voltar todos ao catecismo, aos domingos.

— Onde está o vestido de fazenda de lã cinzenta que compraste para ti, Carolina? - perguntou o pai.

A mãe corou e baixou a cabeça, enquanto o pai olhava.

— Queres dizer que não o compraste? A mãe respondeu-lhe, irritada: — E o novo sobretudo para ti, Charles? O pai pareceu atrapalhado.

— Bem sei, Carolina… Mas não haverá colheitas para o ano, quando os gafanhotos saírem dos ovos, e vai passar muito tempo até eu conseguir arranjar de novo trabalho, para as próximas colheitas. O meu casaco velho ainda está bom.

— Foi exatamente o que eu pensei - disse a mãe, a sorrir-lhe. Depois do jantar, quando a noite chegou e o candeeiro se acendeu, o pai tirou a rabeca da caixa e afinou-a com todos os cuidados.

— Senti a falta disto - disse, olhando em volta, para todas. Depois começou a tocar. Cantou Quando o Joãozinho Regressa a Casa a Marchar, A Terna

Rapariguinha, a Bonita Rapariguinha, a Rapariga Que Deixei para Trás!, e tocou e cantou Minha Velha Casa no Kentucky e Rio Swanee. Depois tocou e cantaram todas com ele: Entre prazeres e palácios podemos vaguear, Mas, por humilde que seja, nada há como o lar.

31

SURPRESA.

Aquele foi outro Inverno brando, sem muita neve. Continuava a ser tempo de gafanhotos. Mas sopravam ventos frios, o céu estava cinzento e o melhor lugar para meninas pequenas era o aconchego da casa.

O pai andava todo o dia por fora. Carregava troncos e partia-os para o fogão. Ia pelo gelado Plum Creek acima, até muito longe, onde ninguém morava, e colocava armadilhas ao longo das margens, para ratos almiscarados, lontras e martas.

Todas as manhãs, Laura e Maria estudavam as lições nos livros e faziam contas de somar na ardósia. À tarde, a mãe ouvia-as recitar as lições. Dizia que elas eram boas estudantezinhas e que tinha a certeza de que, quando voltassem para a escola, verificariam que não estavam atrasadas em relação às suas classes.

Iam todos os domingos ao catecismo. Laura viu Nellie Oleson exibindo a sua capinha de peles, lembrava-se do que ela dissera a respeito do pai e sentia-se ferver por dentro. Sabia que era mau ter semelhantes sentimentos, que devia perdoar a Nellie, pois de contrário nunca seria um anjo. Pensava muito, com todo o coração, nas imagens de bonitos anjos da grande Bíblia forrada de papel que tinham em casa. Mas esses anjos usavam compridas camisas de dormir brancas. Não havia nem um de capinha de peles.

Um domingo feliz foi aquele em que o reverendo Alden veio do Minnesota para pregar naquela igreja do lado ocidental. Pregou durante muito tempo, enquanto Laura olhava para os seus meigos olhos azuis e para a sua barba irrequieta. Desejava que ele lhe falasse depois da igreja. E falou.

— Cá estão as minhas camponesinhas, Maria e Laura! - exclamou, mostrando que não esquecera os seus nomes.

Nesse dia, Laura trazia o seu vestido novo. A saia era suficientemente comprida e as mangas também. Em comparação, as mangas do seu casaco pareciam mais curtas do que nunca, mas a trança vermelha dos punhos era bonita.

— Que bonito vestido novo, Laura! - elogiou o reverendo Alden.

Nesse dia, Laura quase perdoou a Nellie Oleson. Depois vieram domingos em que o reverendo Alden ficou na sua igreja distante e, no catecismo, Nellie Oleson torcia o nariz a Laura e endireitava os ombros, vaidosa, debaixo da capinha de peles. A maldade fervia de novo dentro de Laura.

Uma tarde, a mãe disse que não haveria lições, pois tinham de se preparar para ir à cidade, nessa noite. Laura e Maria ficaram estupefatas.

— Mas nós nunca vamos à cidade à noite! - exclamou Maria.

— Alguma vez haveria de ser a primeira - respondeu-lhe a mãe.

— Mas porquê, Ma? - perguntou Laura. - Porque vamos à cidade à noite?

— É uma surpresa. Agora acabaram-se as perguntas. Temos de tomar banho e de nos arranjar o melhor possível.

No meio da semana, a mãe foi buscar a selha e aqueceu água para o banho de Maria. Depois aqueceu de novo água para o de Laura e a seguir para o de Carrie. Elas não tinham memória de tanto desencascamento e tanta pressa, de tal mudança de cuecas e combinações, de tal escovar de sapatos, entrançar de cabelos e atar de fitas. Nunca nada as intrigara tanto.

Jantaram cedo. Depois do jantar, o pai tomou banho no quarto. Laura e Maria vestiram os vestidos novos. Claro que não caíram na tolice de fazer mais perguntas, mas sentiram grande curiosidade e falaram as duas em segredinhos.

A caixa do carroção estava cheia de feno limpo. O pai sentou Laura e Maria nele e envolveu-as em cobertores. Depois subiu para o banco, ao lado da mãe, e partiram para a cidade.

As estrelas eram pequenas e geladas no céu escuro. As ferraduras dos cavalos faziam clip-clop no chão duro, sobre o qual as rodas do carroção gemiam.

O pai ouviu ainda mais qualquer coisa. Gritou “Aí-ó!” aos cavalos e puxou as rédeas. Sam e David pararam. Só se via uma escuri dão imensa, fria e silenciosa, salpicada de estrelas. Depois o silêncio desabrochou no mais encantador dos sons.

Soaram duas notas claras, límpidas, que se repetiam e voltaram a repetir.

Ninguém se mexeu. Só Sam e David sacudiam os freios e respiravam. As duas notas repetiram-se, cheias e sonoras, suaves e baixas, pareciam estrelas a cantar.

A mãe murmurou, cedo de mais para tal encantamento: — É melhor irmos andando, Charles.

E o carroção avançou, barulhento. Mas, através do seu barulho Laura continuou a ouvir as notas maravilhosas.

— Oh, Pá, que é? - perguntou. E o pai respondeu-lhe: — É o novo sino da igreja, Laura.

Fora para aquilo que o pai tivera de continuar com as velhas botas remendadas.

A cidade parecia adormecida. Os armazéns estavam às escuras, quando o pai passou por eles. Depois Laura exclamou: — Oh, olhem para a igreja! Como

está bonita!

A igreja estava cheia de luz, que saía de todas as suas janelas e corria para a escuridão quando a porta se abria para deixar alguém entrar. Laura quase saltou do cobertor antes de se lembrar que não devia, nunca, pôr-se de pé, no carroção, enquanto os cavalos estivessem andando.

O pai conduziu os animais até aos degraus da igreja e ajudou-as a apear-se. Disse-lhes que entrassem, mas elas esperaram ao frio que ele tapasse Sam e David com as respetivas mantas. Depois voltou e entraram todos juntos na igreja.

Laura ficou boquiaberta e arregalou os olhos, perante o que viu. Apertou a mão de Maria com força e seguiram o pai e a mãe. Sentaram-se e Laura pôde, então, olhar bem à vontade, com toda a sua curiosidade.

Defronte dos bancos cheios de gente erguia-se uma árvore. Laura, pelo menos, achou que era uma árvore, pois via-lhe o tronco e os ramos. Mas nunca tinha visto outra igual.

Onde no Verão haveria folhas, havia agora enfeites e fitas de papel verde, entre os quais se viam muitos saquinhos de rede mosquiteira cor-de-rosa. Laura tinha quase a certeza de que via dentro deles pirulitos. Dos ramos pendiam embrulhos de papel colorido - encarnados, cor-de-rosa e amarelos-, todos atados com cordéis também coloridos. Entre eles havia lenços de seda, assim como luvas vermelhas suspensas pelo cordão que passaria pelo pescoço, para evitar que quem as usasse as perdesse. De um ramo pendia, pelos saltos, um par de sapatos novos. Também não faltavam enfiadas de milho branco.

Debaixo da árvore, e encostado a ela, havia uma grande variedade de coisas. Laura viu uma tábua de lavar nova e reluzente, uma selha, uma batedeira de manteiga, um trenó feito de tábuas novas, uma pá e uma forquilha de cabo comprido.

Estava tão agitada que nem conseguia falar. Apertou a mão de Maria cada vez com mais força e olhou para a mãe, desejosíssima de saber o que se passava. A mãe sorriu-lhe e explicou: - É uma árvore de Natal, filhas. Acham-na bonita? Não puderam responder. Acenaram com as cabeças e continuaram a olhar para a árvore maravilhosa. Quase nem ficaram surpreendidas por ser Natal, embora ainda o não tivessem esperado em virtude de a neve ser pouca. Nesse momento, Laura viu a coisa mais maravilhosa de todas: de um ramo alto da árvore pendia uma capinha de peles com um regalo a condizer!

O reverendo Alden estava presente. Fez um sermão a respeito do Natal, mas Laura estava olhando para a árvore e não ouviu o que ele disse. Levantou-se todo o mundo para cantar e Laura levantou-se também, mas não foi capaz de cantar. Não lhe saía da garganta nem um som. Não podia haver em todo o mundo

um armazém de aspeto tão maravilhoso como aquela árvore!

Depois de terem cantado, o Sr. Tower e o Sr. Beadle começaram a tirar coisas da árvore e a ler nomes. A Sra. Tower e a Sra. Beadle pegavam nas coisas e levavam-nas aos bancos, às pessoas cujo nome estava escrito nelas.

Tudo quanto se encontrava naquela árvore era um presente de Natal para alguém!

Quando Laura compreendeu isso, as luzes, as pessoas, as vozes e até a árvore, começou tudo a andar à roda. A andar à roda cada vez mais depressa, mais ruidosa e mais excitadamente. Alguém lhe entregou um saquinho de rede mosquiteira. Continha de fato pirulitos e uma grande bola de pipocas. Maria também recebeu um. E Carrie outro. Todas as moças e todos os rapazes receberam um saquinho. Depois Maria recebeu um par de luvas azuis. E Laura um par de luvas encarnadas.

A mãe abriu um grande embrulho e encontrou um xale grande e quente quadriculado vermelho e castanho. Era para ela. O pai recebeu um cachecol de lã. Depois Carrie teve uma boneca de trapo com cabeça de porcelana. Até gritou de alegria. No meio dos risos, das conversas e do barulho dos papéis, o Sr. Beadle e o Sr. Tower continuaram a gritar nomes.

A capinha e o regalo de peles ainda estavam na árvore e Laura queria-os. Desejava olhá-los o mais tempo que pudesse e saber quem os receberia. Não podiam ser para Nellie Oleson, que já tinha uma capinha de peles.

Laura não esperava mais nada. Mas a Sra. Tower entregou a Maria um bonito livrinho com imagens da Bíblia.

O Sr. Tower estava a tirar a capinha e o regalo da árvore. Leu o nome mas Laura não conseguiu ouvi-lo, por causa de todo aquele alegre barulho. Até os perdeu de vista, no meio de tanta gente. Pronto, tinham desaparecido.

Depois Carrie recebeu um bonito cãozinho de louça branca com malhas castanhas. Mas os braços e os olhos de Carrie estavam cheios com a sua boneca. Por isso, Laura pegou no cãozinho, afagou-o e riu-se.

— Feliz Natal, Laura! - disse a Sra. Beadle, e pôs-lhe na mão uma bonita caixinha. Era de louça branca como neve e reluzente e tinha em cima um pequenino bule dourado e uma xicarazinha e um pires, muito pequeninos, também dourados.

A tampa da caixa tirava-se e dentro havia espaço para guardar um broche, se algum dia Laura tivesse um. A mãe disse que era um guarda-joias.

Nunca houvera um Natal assim. Era um Natal tão abundante, tão rico, a igreja toda cheia de Natal! Havia tantas luzes, tanta gente, tanto barulho e tanto riso, e tanta felicidade em tudo isso! Laura sentia-se quase a rebentar, como se todo aquele grande e rico Natal estivesse dentro dela, assim como as suas luvas,

o seu bonito porta-joias com os minúsculos bule e xícara e pires, os seus pirulitos e a sua bola de pipocas. E, de súbito, alguém disse: — Isto é para ti, Laura.

A Sra. Tower sorria-lhe, a segurar na capinha e no regalo de peles.

— Para mim? - perguntou Laura. - Para mim? - Então tudo o mais desapareceu e ela apertou a si, com ambos os braços, as peles fofas e macias.

Apertou-as muito, tentando convencer-se de que a capinha e o regalo castanhos e sedosos eram realmente seus.

A toda a sua volta o Natal continuava, mas Laura só tinha consciência da maciez daquelas peles. As pessoas começavam a ir para casa. Carrie estava de pé no banco, enquanto a mãe lhe abotoava o casaco e atava melhor o capuz.

— Muito obrigado pelo xale, irmão Alden - dizia a mãe. - Era exatamente o que eu precisava.

— E obrigado pelo cachecol - agradeceu o pai. - Vai saber-me bem trazê-lo, quando vier à cidade no tempo frio.

O reverendo Alden sentou-se no banco e perguntou: — O casaco de Maria serve-lhe?

Laura ainda não tinha reparado no casaco de Maria. A irmã tinha vestido um casaco novo, azul-escuro. Era comprido e as mangas chegavam-lhe aos pulsos. Maria abotoou-o: servia-lhe.

— E esta menina, que diz às suas peles? - perguntou o reverendo Alden, a sorrir, e puxou Laura para o meio dos joelhos.

Pôs-lhe a capinha nos ombros e abotoou-a na garganta e depois passou-lhe o cordão do regalo pelo pescoço e meteu-lhe as mãos no interior macio.

— Pronto! - exclamou o reverendo Alden. - Agora as minhas camponesinhas não terão frio quando vierem ao catecismo, aos domingos.

— Que se diz, Laura? - perguntou a mãe, mas o reverendo Alden interveio: — Não é necessário. Basta a maneira como os seus olhos brilham. Laura não podia falar. A pele castanho-dourada aconchegava-lhe o pescoço e parecia abraçar-lhe os ombros. À frente, escondia as casas puídas do casaco. E o regalo subia-lhe pelos pulsos e disfarçava as mangas curtas do casaco.

— É um passarinho castanho com enfeites encarnados - disse o reverendo Alden.

Então Laura riu-se. Era verdade. O seu cabelo e o casaco, o vestido e as peles maravilhosas eram castanhos. O capuz e as luvas e a trança do vestido eram encarnados.

— Hei de falar à gente da nossa igreja, no Leste, do nosso passarinho castanho - continuou o reverendo. - Quando lhes falei desta nossa igreja, aqui, quiseram logo mandar uma caixa com coisas para a árvore de Natal. Deram

todos coisas que tinham. As meninas que Mandaram as tuas peles e o casaco de Maria precisavam de coisas maiores, pois essas já não lhes serviam.

— Muito obrigada - disse, por fim, Laura. - E, por favor diga-lhes também obrigado por mim. - Quando conseguia falar, as suas maneiras não ficavam devendo nada às de Maria.

Depois deram todos as boas-noites e desejaram feliz Natal ao reverendo Alden. Maria estava tão bonita, com o seu casaco do Natal! E Carrie estava tão bonita, ao colo do pai! O pai e mãe sorriam, felizes, e Laura só sentia contentamento.

O Sr. e a Sra. Oleson também iam para casa. Os braços do Sr. Oleson iam cheios de coisas, assim como os de Nellie e de Willie. Naquele momento, Laura não sentiu ferver dentro de si nenhum desejo de maldade. Só sentiu um bocadinho pequenino de mesquinha satisfação.

— Feliz natal, Nellie - disse Laura.

Nellie ficou de olhos muito abertos, enquanto Laura seguia tranquilamente o seu caminho, com as mãos bem aninhadinhas no macio regalo. A sua capinha era mais bonita do que a de Nellie e esta não tinha regalo.

32

A MARCHA DOS GAFANHOTOS.

Depois do Natal houve poucos domingos de neve, mas o pai fez um trenó de troncos de salgueiro rachados e iam todos ao catecismo, bem agasalhados com o casaco novo e as peles, o xale e o cachecol.

Uma manhã, o pai disse que estava a soprar o chinuque. O chinuque era um vento quente que soprava do noroeste. Bastou-lhe um dia para derreter a neve e encher de novo o leito do Plum Creek. Depois choveu dia e noite. O ribeiro rugia, corcovado, e redemoinhava muito para além das suas margens baixas.

Em seguida, o ar tornou-se agradável e o ribeiro voltou à normalidade. De súbito, as ameixoeiras e os salgueiros desabrocharam e as suas folhas novas desenrolaram-se. As pradarias estavam verdes, cobertas de erva, e Maria, Laura e Carrie corriam descalças sobre a sua fresca maciez.

Cada dia era mais quente do que o anterior, até que o calor do Verão chegou. Era altura de Laura e Maria irem para a escola, mas nesse ano elas não foram, pois o pai tinha de partir de novo e a mãe queria-as em casa com ela. O Verão foi muito quente. Sopravam ventos secos e quentes e não chovia.

Um dia, quando chegou para almoçar, o pai disse: — Os gafanhotos estão nascendo. Este sol quente está a fazê-los sair dos ovos e saltar da terra como milho a pipocar.

Laura saiu a correr para ver. A erva do cabeço parecia saltar, cheia de minúsculas coisinhas verdes. Laura pegou num e observou-o. As suas asas minúsculas, as suas patinhas, a sua cabecinha e até os seus olhos eram da cor da erva. Era tão pequenino e tão perfeito! Até custava a acreditar que viesse a transformar-se num grande e feio gafanhoto castanho.

— Não tardarão a crescer - disse o pai. - Comerão tudo quanto sair da terra.

Dia após dia, saíam mais gafanhotos dos ovos. Por toda a parte havia gafanhotos verdes de todos os tamanhos, comendo. O barulho do vento não chegava para abafar o ruído das suas mandíbulas a arrancar, triturar e mastigar.

Comeram todas as verduras da horta. Comeram a rama verde das batatas. Comeram a erva, as folhas dos salgueiros e das ameixoeiras e as pequeninas ameixas verdes. Devoraram a erva toda da pradaria e deixaram-na nua e castanha. E cresceram.

Tornaram-se grandes, castanhos e feios. Os seus olhos grandes ficaram salientes e as suas patas córneas levavam-nos, aos saltos, a todo o lado.

Saltavam, numa camada espessa, no solo, e Laura e Maria não saíam de casa.

Não chovia e os dias iam passando, cada vez mais quentes e mais feios, todos cheios do barulho dos gafanhotos, até parecer que não era possível suportá-lo mais.

— Oh, Charles - disse a mãe, uma manhã -, parece-me que não poderei suportar isto nem mais um dia!

A mãe andava doente. Tinha o rosto pálido e magro e sentou-se, cansada, enquanto falava.

O pai não respondeu. Havia dias que saía e voltava de rosto sério e fechado. Já não cantava nem assobiava. E o pior de tudo foi quando não respondeu à mãe. Foi para a porta e parou, olhando para fora.

Até Carrie estava quieta e calada. Sentiam começar o calor do dia e ouviam os gafanhotos. Mas, desta vez, os gafanhotos faziam um ruído diferente, novo. Laura correu, agitada, para os ver. O pai também estava agitado.

— Carolina! - chamou. - Está acontecendo uma coisa estranha. Anda ver!

Através de toda a entrada da porta, os gafanhotos caminhavam ombro com ombro, tão compatos e apertados uns contra os outros que o chão parecia mover-se. Nem um único saltava. Nem um único voltava a cabeça. Seguiam todos para oeste, o mais depressa que podiam.

A mãe parou ao lado do pai, a olhar.

— Que quer isto dizer, pai? - perguntou Maria.

— Não sei - respondeu o pai.

Pôs a mão em pala nos olhos e olhou para longe, para oeste, e depois para leste.

— Está acontecendo a mesma coisa, até onde a vista alcança. Todo o solo parece rastejar, rastejar para oeste.

— Oh, se se fossem todos embora! - murmurou a mãe. Ficaram todos a admirar aquele estranho espetáculo. Só Carrie subiu para a sua cadeira alta e bateu com a colher na mesa.

— Espera um bocadinho, Carrie - disse-lhe a mãe, e continuou a ver os gafanhotos passar: não havia o mínimo espaço entre eles e pareciam não ter fim.

— Quero comer! - gritou Carrie, mas ninguém se mexeu até ela gritar de novo, quase a chorar: - Ma! Ma!

— Pronto, dou-te já o desjejum - respondeu a mãe, a voltar-se, e logo a seguir exclamou: - Meu Deus!

Havia gafanhotos andando por cima de Carrie. Entravam pela janela do lado oriental, ombro com ombro e cauda com cabeça, transpunham o parapeito, desciam a parede e seguiam pelo chão fora. Depois subiam pelas pernas da mesa, dos bancos e da cadeira alta de Carrie. Seguiam para oeste por baixo da

mesa e dos bancos e por cima da mesa, dos bancos e de Carrie.

— Fechem a janela! - gritou a mãe.

Laura correu por cima dos gafanhotos, para a fechar. O pai saiu e contornou a casa. Quando voltou, disse: — É melhor fecharem as janelas lá de cima. Os gafanhotos que sobem pelo lado leste da casa são tão compatos como os do chão e não estão a contornar a janela do sótão: estão a entrar por ela.

Pelas paredes acima e através do telhado ouvia-se o ruído das suas patas ásperas, a arrastar. A casa parecia cheia deles. A mãe e Laura varreram-nos e atiraram-nos pela janela do lado oeste. Desse lado não entrava nenhum, embora o lado oriental da casa estivesse todo cheio de gafanhotos que tinham passado pelo telhado e desciam pela parede para o chão, a caminho do oeste, como os outros.

Durante todo o dia os gafanhotos caminharam para oeste. E no dia seguinte continuaram. E no terceiro dia prosseguiram sem parar.

Nenhum gafanhoto se desviou do seu caminho fosse para o que fosse.

Caminharam resolutamente sobre a casa, sobre o estábulo e sobre a Malhada, até o pai a fechar no estábulo. Entraram no Plum Creek e afogaram-se, e os que vinham atrás continuaram a entrar e a afogar-se, até que uma massa de gafanhotos mortos encheu a água e permitiu aos vivos caminhar sobre eles.

Durante todo o dia, o sol bateu quente, na casa. Durante todo o dia, ouviram o som áspero que subia a parede, atravessava o telhado e descia.

Durante todo o dia, os parapeitos das janelas estiveram cheios de olhos redondos e patas de gafanhotos. Durante todo o dia tentaram subir pelos vidros escorregadios e caíram para trás, enquanto milhões de outros os substituíam e caíam também.

A mãe estava pálida e tensa. O pai não falava e os seus olhos não cintilavam. Laura não conseguia afastar dos ouvidos nem da própria pele o som áspero e rastejante.

O quarto dia chegou e os gafanhotos continuaram a passar. O sol brilhava mais quente do que nunca, com uma luz terrivelmente viva.

Era quase meio-dia quando o pai veio do estábulo a gritar: — Carolina! Carolina! Olha lá para fora! Os gafanhotos estão voando!

Laura e Maria correram para a porta. Por toda a parte havia gafanhotos a abrir as asas e a erguerem-se do chão. Enchiam o ar, cada vez em maior número, e voavam cada vez mais alto, até que a luz do Sol ficou baça, escureceu e se extinguiu, como quando os gafanhotos tinham chegado.

Laura saiu de casa a correr e olhou para o Sol através de uma nuvem que parecia quase feita de flocos de neve. Era uma nuvem escura, cintilante, de um brilho ofuscante e cada vez mais branco, à medida que ela olhava mais para cima

e mais para o seu interior. E subia, em vez de descer.

A nuvem passou pela frente do Sol e seguiu para oeste, até deixar de se ver.

Não restava um gafanhoto no ar ou no chão, a não ser aqui e ali um aleijado, que não podia voar, mas continuava a manquejar para oeste.

O silêncio era como o que se verificava depois de uma tempestade.

A mãe entrou em casa e atirou-se para a cadeira de balanço.

— Meu Deus! - exclamou. - Meu Deus! - As palavras eram uma súplica, mas soavam como se ela dissesse: “Obrigada!”

Laura e Maria sentaram-se no degrau da porta - agora já se podiam sentar no degrau, pois já não havia gafanhotos.

— Que silêncio! - exclamou Maria.

O pai encostou-se à ombreira da porta e disse, pensativo: — Só gostaria que alguém me dissesse como é que eles souberam, todos ao mesmo tempo, que era altura de partir, e como souberam para que lado ficava o Oeste e a sua terra ancestral.

Mas ninguém lho sabia dizer.

33

RODAS DE FOGO.

Todos os dias decorreram em paz depois daquele dia de Julho em que os gafanhotos partiram.

Choveu e nasceu de novo erva sobre toda a terra que eles tinham deixado nua, castanha e feia. As ervas que cresceram mais depressa foram a erva-de-santiago e a amarantos, que alastravam como moitas.

Rebentaram novas folhas nos salgueiros, nas ameixoeiras e nos choupos-do-canadá. Mas não haveria fruto, pois o tempo da floração já passara. Também não haveria trigo. Mas o feno bravo crescia, vigoroso, em pontos baixos, junto do ribeiro, as batatas sobreviveram e havia peixe na armadilha.

O pai atrelou Sam e David ao arado do Sr. Nelson e lavrou parte do campo de trigo invadido pelas ervas. Abriu um grande quebra-fogo a oeste da casa, partindo do ribeiro e acabando no ribeiro. No campo semeou nabos.

— É tarde - disse. - Os antigos dizem: “Semeia nabos no 25 de Julho, quer o tempo esteja de chuva, quer seco.” Mas creio que os antigos não contaram com os gafanhotos. O mais provável é haver tantos nabos quantos tu e as pequenas poderão tratar, Carolina. Eu não estarei cá para me encarregar disso.

Tinha de seguir de novo para o Leste, a fim de trabalhar onde houvesse colheitas, pois a casa ainda não estava toda paga e era preciso comprar sal, farinha de milho e açúcar. Não podia cortar o feno que Sam, David e a Malhada comeriam no Inverno seguinte, mas o Sr. Nelson concordou em cortar e empilhar o feno bravo do pai, a troco de uma parte dele.

Até que, certa manhã muito cedo, o pai partiu. Desapareceu, assobiando, com a trouxa da roupa ao ombro. Mas não tinha nem um buraco nas botas. Não se importaria da caminhada e um dia voltaria de novo para casa.

De manhã, depois de tratados os animais e arrumada a casa, Laura e Maria estudavam nos seus livros. À tarde, a mãe ouvia-as recitar as lições. Depois podiam brincar ou costurar, até serem horas de ir ao encontro da manada e levar a Malhada e o seu vitelo para o estábulo. Depois eram outra vez horas de tratar dos animais, jantar, lavar a louça do jantar e cama.

Depois de o Sr. Nelson empilhar o feno do pai junto do estábulo, os dias eram quentes do lado soalheiro das medas, mas frescos do seu lado da sombra. O vento soprava frio e de manhã havia geada. Uma manhã, quando Laura levou a Malhada e o vitelo ao encontro da manada, Johnny estava tendo problemas com

o gado. Tentava conduzi-lo para o lado oeste da pradaria, onde a erva castanha, queimada pela geada, era alta. Mas os animais não queriam ir. Estavam constantemente a voltar para trás.

Laura e Jack ajudaram-no a conduzi-los. O Sol nascia e o céu estava claro. Mas, antes de chegar a casa, Laura viu uma nuvem baixa, a oeste. Franziu o nariz e cheirou demorada e profundamente, a lembrar-se do Território índio.

— Ma! - chamou, e a mãe saiu de casa e olhou para a nuvem.

— É muito longe, Laura. Provavelmente, não chegará até aqui. O vento soprou do oeste durante toda a manhã. Ao meio-dia começou a soprar com mais força e a mãe, Maria e Laura ficaram à porta, vendo a nuvem escura aproximar-se.

— Onde estará a manada? - perguntou a mãe, preocupada. Por fim, viram um brilho trêmulo sob a nuvem.

— Se as vacas estão em segurança do outro lado do ribeiro, não precisamos de nos preocupar - observou a mãe. - As chamas não poderão atravessar aquele quebra-fogo. É melhor irmos para dentro e almoçar, filhas.

Levou Carrie para dentro de casa, mas Laura e Maria olharam mais uma vez para a fumaça que se aproximava. Depois Maria apontou e abriu a boca, mas não pôde falar. Laura gritou: — Ma! Ma! Uma roda de fogo!

À frente do fogo vinha velozmente, com trêmulas cintilações vermelhas, uma roda de fogo que incendiava a erva, na sua passagem.

E outra, e outra, e mais outra, rolavam, velozes, diante do vento, a primeira estava a rebolar através do quebra-fogo.

Com um balde de água e um trapo, a mãe correu ao seu encontro. Bateu-lhe com o trapo molhado, até a apagar no chão. Depois correu ao encontro da seguinte, mas aproximavam-se cada vez mais.

— Deixa-te ficar onde estás, Laura!

Laura deixou-se ficar, encostada à parede da casa, a apertar com força a mão de Maria e a olhar. Em casa, Carrie chorava porque a mãe a fechara.

As rodas de fogo continuavam a chegar, cada vez mais depressa. Eram os amarantos que tinham crescido, grandes e redondos, e soltado as pequenas raízes, para que o vento os arrastasse para todos os lados e espalhasse as suas sementes. Agora ardiam, mas continuavam a rolar à frente do grande e crepitante fogo que os seguia.

A fumaça enovelava-se à volta da mãe, para onde quer que ela corresse batendo com o trapo molhado nas rodas velozes e incandescentes. Jack tremia contra as pernas de Laura, de cujos olhos a arder caíam lágrimas.

O garrano cinzento do Sr. Nelson apareceu a galope e o Sr. Nelson saltou dele, no estábulo. Agarrou numa forquilha e gritou: — Depressa, tragam trapos

molhados! - E foi a correr ajudar a mãe.

Laura e Maria correram para o ribeiro com sacas de sarapilheira, voltaram com elas encharcadas e o Sr. Nelson pôs uma nos dentes da forquilha. O balde da mãe estava vazio e elas foram a correr enchê-lo.

As rodas de fogo estavam subindo o cabeço, seguidas por faixas de chamas, através da erva seca. A mãe e o Sr. Nelson combateram-nas com o trapo e as sacas molhadas.

— As medas de feno! As medas de feno! - gritou Laura. Uma roda de fogo chegara às medas de feno. O Sr. Nelson e a mãe foram a correr, pelo meio da fumaça. Outra roda de fogo aproximou-se da casa, a rolar sobre o chão queimado. Laura sentiu-se tão assustada que nem soube o que estava fazendo. Carrie estava em casa. Laura bateu na roda de fogo com uma saca molhada até apagando.

Depois não houve mais rodas de fogo. A mãe e o Sr. Nelson tinham detido o fogo nas medas de feno. Remoinhavam no ar bocados de feno e erva queimados, enquanto as grandes chamas corriam para o quebra-fogo.

Não o puderam atravessar. Correram velozes para sul, para o ribeiro.

Correram para norte e chegaram também ao ribeiro. Como não puderam avançar mais, enfraqueceram e apagaram-se ali mesmo.

As nuvens de fumaça afastavam-se e o fogo da pradaria estava extinto. O Sr. Nelson disse que tinha montado o garrano para ir ver o gado e encontrara-o em segurança, do outro lado do ribeiro.

— Estamos-lhe muito gratas, Sr. Nelson - disse a mãe. - Salvou a nossa casa. As garotas e eu não o teríamos conseguido sozinhas.

Quando ele se foi embora, a mãe afirmou: — Não há nada no mundo melhor do que bons vizinhos. Agora venham lavar-se e almoçar, filhas.

34

MARCAS NA ARDÓSIA.

Depois do fogo da pradaria, o tempo arrefeceu tanto que a mãe disse que tinham de desenterrar as batatas e arrancar os nabos antes de gelarem.

Ela desenterrou as batatas, enquanto Maria e Laura as metiam em baldes e levavam para a cave. O vento soprava forte e cortante. Estavam embrulhadas nos xales, mas, claro, não usavam as luvas. O nariz de Maria estava vermelho e o de Laura gelado e ambas tinham as mãos e os pés dormentes. Mas estavam contentes por haver tantas batatas.

Sabia bem aquecerem junto do fogão, quando o trabalho estava feito, e aspirar o cheiro de batatas a cozer e peixe a fritar. Era bom comer e ir para a cama.

Depois, com o tempo escuro e carrancudo, arrancaram os nabos. Isso foi mais difícil do que apanhar as batatas. Os nabos eram grandes e teimosos, e muitas vezes Laura puxava com tanta força que acabava sentada no chão, quando o nabo se resolvia, finalmente, a sair.

Toda a suculenta rama verde tinha de ser cortada com a faca de carniceiro. O suco molhava-lhes as mãos e depois o vento gretava-as até sangrarem. A mãe fez uma salva de toucinho e cera de abelhas derretidos juntos, para esfregarem nas mãos, à noite.

Mas a Malhada e o seu vitelo regalaram-se com a rama dos nabos. E era bom saber que na cave havia nabos que chegariam para o Inverno todo. Comeriam nabos cozidos, puré de nabos e nabos com manteiga. E nas noites de Inverno estaria na mesa, junto do candeeiro, um prato de nabos crus que elas descascariam e comeriam em rodelas sumarentas.

Um dia puseram o último nabo na cave e a mãe disse: — Pronto, agora pode gelar.

Nem de propósito, nessa noite o solo gelou e de manhã viram pela janela que a neve caía, abundante.

Maria lembrou-se então de uma maneira de contar os dias até o pai regressar a casa. Na sua última carta, ele dissera que mais duas semanas e acabaria a debulha onde se encontrava. Maria foi buscar a ardósia e fez uma marca por cada dia da semana: sete marcas. Por baixo fez outra marca para cada dia da semana seguinte: mais sete marcas.

A última marca representava o dia em que ele chegaria. Mas quando

mostraram a ardósia à mãe, ela disse: — É melhor fazerem marcas para mais uma semana, pois o pai terá de vir a pé para casa.

E Por isso, Maria acrescentou, lentamente, mais sete marcas. Laura não gostou de ver tantas marcas entre aquele dia e o dia em que o pai chegaria a casa. Mas todas as noites, antes de se deitarem, Maria apagava uma marca. Era um dia a menos.

Todas as manhãs Laura pensava: “Tem de passar este dia inteiro antes de Maria poder apagar outra marca.”

Cheirava bem fora de casa nas manhãs geladas. O sol derretera a neve, mas o solo estava duro e coberto de geada. O Plum Creek ainda corria. Flutuavam na água folhas castanhas, sob o céu azul e invernoso.

À noite sabia bem estar na casa iluminada pela luz do candeeiro, junto do fogão quente. Laura brincava com Carrie e Jack no chão liso e limpo. A mãe sentava-se confortavelmente a costurar e Maria abria o livro sob o candeeiro.

— São horas de ir para a cama, meninas - dizia a mãe, enquanto tirava o dedal. Então Maria apagava mais uma marca e guardava a ardósia.

Uma noite, apagou o primeiro dia da última semana. Observaram-na todas, enquanto a apagava, e Maria disse, ao guardar a ardósia: — O pai já vem a caminho de casa! Estas são as marcas dos dias de viagem.

No seu canto, Jack emitiu, de súbito, um ruído de satisfação, como se a tivesse compreendido, e correu para a porta. Levantou-se contra a porta, a arranhar, a ganir e a dar ao coto da cauda. Então Laura ouviu vagamente assobiar, através do vento, Quando Joãozinho Regressa a Casa a Marchar.

— É o Pá! É o Pá! - gritou, ao mesmo tempo que escancarava a porta e metia aos tropeções pela escuridão ventosa, com Jack saltando à sua frente.

— Olá, Meia Canequinha! - exclamou o pai, a abraçá-la com força. - Bonito cão, Jack! - Jorrou luz do candeeiro pela porta e a mãe saiu também, com Carrie e Maria. - Como vai a minha pequenina? - perguntou o pai, e levantou Carrie ao ar. - Ah, cá está a minha menina crescida! - exclamou, puxando uma trança de Maria. - Dá-me um beijo, Carolina, se consegues chegar-me através destes índios selvagens.

Depois foi preciso preparar o jantar para o pai e ninguém pensou em deitar-se. Laura e Maria contaram-lhe tudo ao mesmo tempo: a respeito das rodas de fogo, das batatas e dos nabos, como o vitelo da Malhada estava crescido e como tinham estudado nos seus livros.

— Mas o Pá não pode estar aqui - acrescentou Maria. - Não percorreu as marcas da ardósia.

Mostrou-lhe as marcas que ainda estavam na ardósia, os dias que ele não andara.

— Compreendo! - exclamou o pai. - Mas vocês não apagaram as marcas dos dias que a minha carta levou a chegar cá. Além disso, vim todo o caminho depressa, pois dizem que o Inverno já está muito agreste no Norte. Que precisamos da cidade, Carolina?

A mãe disse que não precisavam de nada. Tinham comido tanto peixe e tantas batatas que ainda havia farinha, açúcar e até chá. Só o sal era pouco, mas mesmo assim ainda duraria uns dias.

— Nesse caso, acho melhor tratar da lenha antes de irmos á cidade - disse o pai. - Não me agrada o som daquele vento e disseram-me que no Minnesota as nevascas começam de repente. Ouvi falar de umas pessoas que foram à cidade e depois houve uma nevasca tão repentina que não puderam regressar. Os filhos em casa, queimaram a mobília toda, mas mesmo assim gelaram antes de a tempestade abrandar o suficiente para os pais poderem regressar.

35

TOMANDO CONTA DA CASA.

Agora, durante o dia, o pai ia e vinha, de carroção, de casa para o ribeiro e do ribeiro para casa, transportando cargas e cargas de troncos para a pilha junto da porta. Derrubou velhas ameixoeiras, salgueiros e choupos-do-canadá, deixando as árvores novas crescer. Transportou-os, empilhou-os, serrou-os e rachou-os do tamanho conveniente para o fogão, até ficarem com uma grande pilha de lenha.

Com o machado de cabo curto no cinto, as armadilhas no braço e a espingarda ao ombro, percorria grandes distâncias para montante do ribeiro, colocando armadilhas para ratos almiscarados, martas, lontras e raposas.

Uma noite, ao jantar, o pai disse que encontrara uma colônia de castores. Mas não colocara armadilhas para os apanhar em virtude de restarem muito poucos animais. Vira uma raposa e disparara, mas falhara.

— Perdi a prática de caçar - disse. - Temos aqui um bom lugar, mas não há muita caça. Faz um homem pensar em terras do Oeste onde…

— Onde não há escolas para as crianças, Charles - disse a mãe. - Tens razão, Carolina. Como de costume - assentiu o pai. - Escutem este vento. Amanhã haverá tempestade.

Mas o dia seguinte estava ameno como se fosse Primavera. O ar estava tépido e o sol brilhava. No meio da manhã, o pai voltou a casa e disse à mãe: — Vamos almoçar cedo e dar um passeio a pé até à cidade, esta tarde. Está um dia muito bonito para ficares em casa. Terás muito tempo para isso quando o Inverno chegar a sério.

— Mas as pequenas… - protestou a mãe. - Não podemos levar a Carrie e dar um passeio a pé tão grande.

— Ora! - exclamou o pai, a rir. - A Maria e a Laura já são crescidas. Podem muito bem tomar conta da Carrie uma tarde.

— Claro que podemos, Ma - disseram Maria e Laura ao mesmo tempo.

Viram o pai e a mãe partir alegremente. A mãe estava muito bonita com o seu xale castanho e encarnado do Inverno e o capuz de lã castanha atado debaixo do queixo, e andava tão depressa e olhava tão alegremente para o pai que Laura a comparou a um pássaro.

Depois Laura varreu o chão, enquanto Maria levantava a mesa. Maria lavou a louça e Laura limpou-a e arrumou-a no armário. Puseram a toalha quadriculada

vemelha na mesa… e ficaram com a tarde toda livre para fazerem o que lhes apetecesse.

Primeiro, resolveram brincar às escolas. Maria disse que seria a professora, porque era a mais velha e, além disso, sabia mais. Como Laura não ignorava que isso era verdade, Maria foi professora, e gostou, mas cansou-se depressa dessa brincadeira.

— Já sei! - exclamou. - Vamos as duas ensinar o abecedário a Carrie.

Sentaram Carrie num banco, abriram-lhe o livro à frente e fizeram ambas os possíveis. Mas Carrie não esteve pelos ajustes, não gostou e não aprendeu as letras. Por isso, tiveram de desistir.

— Bom, vamos brincar às donas de casa - sugeriu Laura.

— Nós estamos sendo donas de casa - replicou Maria. - Para que serve brincar a isso?

Sem a mãe, a casa parecia vazia e silenciosa. A mãe era tão sossegada e branda que parecia nunca fazer barulho, mas agora dir-se-ia que a casa estava toda à escuta, para ver se a ouvia.

Laura saiu um bocadinho sozinha, mas não se demorou. A tarde parecia que nunca mais acabava. Não havia nada que fazer e até Jack andava desassossegadamente para trás e para diante.

Pediu para sair, mas quando Laura lhe abriu a porta não quis. Deitou-se, levantou-se e recomeçou a andar de um lado para o outro. Aproximou-se de Laura e olhou-a, muito sério.

— Que é, Jack? - perguntou-lhe Laura.

O cão fitou-a muito, mas ela não compreendeu e ele quase uivou.

— Não faças isso, Jack! - ralhou-lhe Laura, muito depressa. - Assustas-me.

— Será alguma coisa lá fora? - perguntou Maria.

Laura saiu a correr, mas, no degrau da porta, Jack mordeu-lhe a saia e puxou-a para trás. Estava um frio de rachar fora de casa e Laura fechou a porta.

— Olha, o sol escureceu - observou. - Virão aí outra vez os gafanhotos?

— No Inverno não vêm, tolinha - respondeu Maria. - Talvez seja chuva.

— Tolinha és tu! Não chove no Inverno.

— Bem, então talvez seja neve. Qual é a diferença?

Maria estava irritada e Laura também. Por vontade delas, continuariam a discutir, mas, de repente, o sol desapareceu por completo. Foram a correr espreitar pela janela do quarto.

Uma nuvem escura, com a parte de baixo branca e flocosa, deslocava-se rapidamente de norte para oeste.

Maria e Laura foram espreitar à janela da frente. Com certeza já eram horas de o pai e a mãe voltarem, mas a verdade é que não se viam.

— Talvez seja uma nevasca - disse Maria.

— Como aquela de que o pai falou - murmurou Laura. Olharam uma para a outra, através da claridade cinzenta. Estavam pensando nas crianças que tinham morrido enregeladas.

— A caixa da lenha está vazia - disse Laura. Maria agarrou-a.

— Não podes! - disse-lhe. - A mãe disse-nos que não saíssemos de casa se houvesse tempestade. - Laura soltou-se, mas Maria insistiu: - Além disso, o Jack não te deixará.

— Temos de trazer lenha para dentro antes de a tempestade cá chegar - afirmou Laura. - Depressa!

Notaram que o vento tinha um som estranho, como um grito distante. Puseram os xales e prenderam-nos debaixo do queixo, com os alfinetes grandes que tinham para esse efeito, e calçaram as luvas.

Laura foi a primeira a ficar pronta.

— Temos de trazer lenha para dentro, Jack - disse ao cão, e ele pareceu compreender, pois saiu com ela e não se afastou dos seus calcanhares.

O vento estava mais frio do que gelo. Laura correu para a pilha de lenha, tirou um grande braçado e voltou a correr para casa, com Jack atrás. Como não podia abrir a porta enquanto segurava a lenha, Maria abriu--lhe.

Depois não souberam que fazer. A nuvem aproximava-se rapidamente e elas tinham de trazer ambas lenha, antes de a tempestade chegar ali.

Não podiam abrir a porta com os braços cheios de lenha. Também não podiam deixar a porta aberta, pois o frio entraria.

— Eu podo abrir a porta - disse Carrie.

— Não podes nada - respondeu Maria.

— Podo, podo! - teimou Carrie, e, ao mesmo tempo, levantou ambas as mãos e girou o puxador da porta.

Era capaz! Carrie já tinha tamanho suficiente para abrir a porta!

Laura e Maria apressaram-se a trazer lenha para dentro de casa. Carrie abria a porta quando elas chegavam e fechava-a logo assim que entravam. Maria podia carregar braçados maiores, mas Laura era mais rápida.

Encheram a caixa da lenha antes de começar a nevar. A neve chegou de repente, com uma rajada de vento redemoinhante, e era feita de grãos pequenos e duros, como areia. Picava o rosto de Laura, quando lhe acertava. Quando Carrie abria a porta, a neve entrava em casa, numa nuvem branca.

Laura e Maria esqueceram-se de que a mãe lhes dissera que não saíssem de casa se houvesse tempestade. Esqueceram-se de tudo menos de levar a lenha para casa. Corriam num frenesi para trás e para diante, cada uma com a maior quantidade de lenha que podia carregar.

Empilharam lenha à volta da arca e do fogão e também contra a parede. Foram tornando as pilhas cada vez mais altas e maiores.

Batiam com a porta - bang!-e corriam para o monte da lenha. Clop-clop-clop!, enchiam os braços de lenha e corriam para a porta. Bump., a porta abria-se, e bang!, elas fechavam-na, com as costas e, tumpiíi, tud, tump!, largavam a lenha e voltavam a correr para fora de casa e a regressar, ofegantes.

Já quase não viam o monte da lenha naquela brancura redemoinhante. Havia neve entre a lenha. Mal viam a casa e Jack era uma mancha preta, a correr ao lado delas. A neve dura fustigava-lhes a cara. Laura tinha dores nos braços e o peito ofegava-lhe. Pensava constantemente: “Oh, onde está o Pá? Onde está a Ma?” E, enquanto ouvia o vento uivar, repetia a si mesma: “Depressa! Depressa!”

O monte de lenha desaparecera. Maria recolheu uns pauzitos e Laura outros, e acabou-se. Correram para a porta juntas, Laura abriu-a e Jack entrou, de um pulo. Carrie estava à janela da frente, batendo palmas e a gritar. Laura deixou cair os cavacos que trouxera e voltou-se mesmo a tempo de ver o pai e a mãe irromperem, a correr, da brancura redemoinhante da neve.

O pai dava a mão à mãe e puxava, para a ajudar a correr. Entraram em casa, bateram com a porta e pararam ofegantes e cobertos de neve. Ninguém disse nada enquanto o pai e a mãe olhavam para Laura e Maria, que estavam imóveis, também cobertas de neve, embrulhadas nos xales e de luvas calçadas.

Por fim, Maria disse, em voz baixa: — Saímos com a tempestade, Ma. Esquecemo-nos. Laura baixou a cabeça e acrescentou: — Não queríamos queimar a mobília, Pá, e mesmo assim ficar enregeladas.

— Macacos me mordam! - exclamou o pai. - Imaginem, trouxeram a lenha toda para dentro! Toda a lenha que eu cortei para durar duas semanas!

De fato, todo o monte de lenha estava empilhado dentro de casa. A neve das achas derretia-se, pingava e formava poças. Havia um carreiro úmido até à porta, onde se acumulara neve que não se derretera.

Depois o pai soltou a sua grande gargalhada e o sorriso bondoso da mãe envolveu ternamente Maria e Laura. Compreenderam que estavam perdoadas por terem desobedecido, pois tinham procedido com sensatez ao levar a lenha para dentro de casa - embora talvez não tivesse sido preciso levar tanta.

Um dia, já não faltava muito, teriam idade suficiente para não cometer erros, e então saberiam sempre decidir o que deviam fazer. Deixariam de precisar de obedecer ao pai e à mãe.

Apressaram-se a tirar o xale e o capuz à mãe, a sacudir-lhes a neve e a pendurá-los para enxugarem. O pai foi a correr ao estábulo tratar dos animais, antes que a tempestade piorasse. Depois, enquanto a mãe descansava,

empilharam a lenha muito bem, como ela lhes disse, e varreram e enxugaram o chão.

A casa estava outra vez arrumada e acolhedora. A chaleira assobiava e o fogo brilhava alegremente, através das fendas da tiragem do fogão. A neve batia nas janelas.

O pai voltou.

— Aqui está o pouco leite que consegui trazer. O vento levou-me o resto do balde. É uma tempestade terrível, Carolina. Não se consegue ver nada e o vento sopra de todas as direções ao mesmo tempo. Pensei que estava no carreiro, mas não conseguia ver a casa e… choquei à justa com a esquina. Mais um passo para a esquerda e nunca teria chegado.

— Charles! - exclamou a mãe.

— Agora não há motivos para sustos. Mas, se não tivéssemos vindo a correr todo o caminho da cidade até aqui e chegado primeiro do que a tempestade… - Os seus olhos brilharam e o pai despenteou Maria e puxou uma orelha a Laura. - Ainda bem que temos toda esta lenha em casa!

36

INVERNO NA PRADARIA.

No dia seguinte, a tempestade ainda estava pior. Não se via nada pelas janelas, pois a neve batia nelas com tanta abundância que os vidros se tinham tornado opacos. O vento uivava a toda a volta da casa.

Quando o pai se pôs a caminho do estábulo, a neve entrou no alpendre e o exterior era uma parede de brancura. Ele tirou o baraço de corda que estava pendurado no alpendre.

— Tenho medo de experimentar sem nada que me guie para regressar - explicou. - Com esta corda atada à extremidade da corda da roupa, devo conseguir chegar ao estábulo.

Esperaram, assustadas, que o pai regressasse. O vento levara o leite quase todo e o pai teve de “derreter” junto do fogão, antes de poder falar. Tateara o seu caminho ao longo da corda da roupa atada ao alpendre até chegar ao poste onde estava atada a outra ponta. Depois amarrara uma ponta da sua corda ao poste e fora-a desenrolando do braço à medida que avançava.

Não conseguira ver nada além de neve redemoinhante. De súbito, chocara com qualquer coisa: era a parede do estábulo. Tateara, até chegar à porta, e atara aí a outra extremidade da corda.

Fizera então o que tinha a fazer e regressara, agarrado à corda.

A tempestade continuou todo o dia. As janelas estavam brancas e o vento não parava de uivar e assobiar. A atmosfera da casa quente era agradável. Laura e Maria deram as suas lições e depois o pai tocou rabeca enquanto a mãe tricotava, na cadeira de balanço, e a sopa de feijão fervilhava no fogão.

A tempestade continuou durante toda a noite e durante todo o dia seguinte. O fogo brilhava através da tiragem do fogão e o pai contava histórias e tocava rabeca.

Na manhã seguinte, o vento amainara e o sol brilhava. Pela janela, Laura viu neve às corridinhas à frente do vento, em remoinhos velozes e brancos. O mundo inteiro parecia o Plum Creek a espumejar aquando da cheia, que desta vez era de neve. Até o sol era frio.

— Bem, creio que a tempestade acabou - disse o pai. - Se amanhã puder ir à cidade, trago uma reserva de comida.

No dia seguinte, a neve acumulava-se no chão e o vento arrancava apenas uma espécie de fumaça nevada dos lados e do cimo dos montes de neve. O pai

foi à cidade, no carroção, e trouxe grandes sacos de farinha de milho, farinha de trigo, açúcar e feijão. Era comida suficiente para durar muito tempo.

— Parece estranho ter de pensar de onde virá a carne - observou o pai. - No Wisconsin tínhamos sempre fartura de carne de urso e veado e no Território índio havia gamos, antílopes, coelhos, perus, e gansos, toda a carne que um homem podia desejar. Aqui há só coelhinhos pequenos…

— Teremos de pensar com antecedência e criar animais que nos deem carne - respondeu a mãe. - Pensa como será fácil engordar os nossos próprios animais para carne numa terra onde se podem cultivar tão grandes campos de cereais.

— Sim, claro. Para o ano teremos com certeza uma seara de trigo.

No dia seguinte houve outra nevasca. De novo a nuvem baixa e veloz veio rapidamente de noroeste até apagar o Sol e cobrir o céu todo, e o vento, a uivar e a assobiar, lançava turbilhões de neve para todos os lados, até se ver apenas uma mancha branca.

O pai seguiu a corda para ir ao estábulo e voltar. A mãe cozinhou, arrumou a casa e costurou e ajudou Maria e Laura nas suas lições. Elas lavaram e limparam a louça, fizeram a sua cama, varreram o chão, conservaram as mãos e a cara limpas e entrançaram o cabelo. Estudaram nos livros e brincaram com Carrie e Jack. Fizeram desenhos na ardósia e ensinaram Carrie a fazer o seu á-bê-cê.

Maria continuava a fazer quadrados para a sua manta de retalhos. Laura começou a fazer uma manta de ponto de pé de urso. Era mais difícil do que a de quadrados, porque tinha costuras em viés, que eram muito custosas de fazer direitas - e cada costura tinha de estar absolutamente perfeita, antes de a mãe a deixar começar outra. Muitas vezes, Laura trabalhava vários dias numa costura curta.

Assim ocupavam o tempo durante todo o dia. E os dias iam-se sucedendo, com nevasca atrás de nevasca. Mal uma terminava, começava outra, com um dia de sol frio de permeio. No dia de sol, o pai trabalhava depressa, cortava mais lenha, ia ver as suas armadilhas e carregava feno das medas cobertas de neve para o estábulo. Mesmo que o dia de sol não fosse segunda-feira, a mãe aproveitava para lavar a roupa e estendê-la na corda, onde ficava em pedra, de gelada. Nesse dia não havia lições. Laura, Maria e Carrie, enchouriçadas de roupa quente, podiam brincar fora de casa, ao sol.

No dia seguinte vinha outra nevasca, mas o pai e a mãe tinham tudo preparado para ele.

Se o dia de sol era domingo, ouviam o sino da igreja. Soava limpidamente através do frio e eles vinham todos para fora de casa e escutavam.

Não podiam ir ao catecismo, pois havia o perigo de se desencadear uma

nevasca antes de chegarem a casa. Mas todos os domingos tinham uma aulinha de catecismo em casa.

Laura e Maria repetiam os seus versículos da Bíblia. A mãe lia uma história da Bíblia e um salmo. Depois o pai tocava hinos na rabeca e cantavam todos:

Quando escuras nuvens através do céu
Projetam sombras negras,
Luminosos raios de esperança iluminam-me
O caminho, pois Jesus pega-me na mão.

Todos os domingos o pai tocava e elas cantavam:

Doce catequese para mim mais querida
Do que a mais bela cúpula de palácio,
O meu coração recorda-te sempre jubiloso
Meu querido lar dominical.

37

A LONGA NEVASCA.

Um dia, ao jantar, a tempestade estava amainando e o pai disse: — Amanhã vou à cidade. Preciso de tabaco para o cachimbo e quero saber novidades. Precisas de alguma coisa, Carolina?

— Não, Charles - respondeu a mãe. - Não vás. Estas nevascas começam tão de repente…

— Amanhã não haverá perigo. Acabamos de ter uma nevasca de três dias. Há suficiente lenha partida para a próxima e disponho de tempo para ir à cidade.

— Bem, se pensas assim… Promete, ao menos, que ficarás na cidade se houver tempestade.

— Nestas tempestades, não me arriscaria a dar um passo sem ter uma corda a que me agarrar - respondeu o pai. - Mas nem parece teu, Carolina, ter medo que eu vá a qualquer lado.

— Não está na minha mão evitá-lo - confessou a mãe. - A ideia de saíres não me agrada. Tenho um pressentimento… Ora, creio que não passa de tolice!

O pai riu-se.

— Trarei a lenha cá para dentro, para o caso de ter de ficar na cidade.

Encheu a arca de lenha e empilhou muita mais à sua volta. A mãe insistiu para que calçasse mais um par de meias, para os pés lhe não gelarem. Por isso, Laura foi buscar a calçadeira e o pai descalçou as botas e enfiou outro par de meias por cima das que já tinha calçadas. Era um par de meias novas que a mãe acabara de fazer, de lã grossa e quente.

— Quem me dera que tivesses um sobretudo novo de pele de búfalo, Charles! Esse velho casacão está tão puído…

— E a mim quem me dera que tivesses diamantes. Não te preocupes, Carolina. Não falta muito para a Primavera.

O pai sorriu-lhes, enquanto afivelava o cinto do velho e puído casacão e punha o quente boné de feltro.

— O vento está tão cortante, Charles! - insistiu a mãe, preocupada. - Desce as orelheiras do boné.

— Com uma manhã assim, não - protestou o pai. - O vento que assobie à vontade. Agora, meninas, portem-se todas bem até eu voltar! - E os olhos cintilaram a olhar para Laura quando fechou a porta.

Depois de lavarem e limparem a louça, varrerem o chão, fazerem a sua

cama e limparem o pó, Laura e Maria sentaram-se com os seus livros. Mas a casa estava tão confortável e bonita que Laura levantava constantemente os olhos do livro.

O fogão preto reluzia, de tão polido. Uma panela de feijão fervia, em cima dele, e cozia pão no forno. O sol entrava obliquamente pelas janelas luminosas, entre as cortinas debruadas de cor-de-rosa. A toalha de quadrados encarnados estava na mesa. Ao lado do relógio, na sua prateleira, estava o cãozinho castanho e branco de Carrie e o bonito porta-joias de Laura. E a pastorinha branca e cor-de-rosa sorria na sua consola de madeira castanha.

A mãe levara o cesto da costura para a cadeira de balanço, que estava junto da janela, e Carrie sentara-se no banquinho, ao lado dela. Enquanto se balançava e costurava, a mãe ouvia Carrie dizer as letras, pela cartilha. Carrie disse o A grande e o a pequeno. O b grande e o b pequeno, e depois riu, tagarelou e viu os bonecos. Ainda era tão pequenina que não precisava de estar quieta e estudar.

O relógio bateu doze badaladas. Laura viu o pêndulo oscilar e os ponteiros pretos avançarem no mostrador branco. Eram horas de o pai voltar para casa. Os feijões estavam prontos e o pão estava cozido. Estava tudo preparado para o almoço do pai.

Os olhos de Laura desviaram-se para a janela. Olhou um momento, antes de perceber que se passava qualquer coisa com o sol.

— Ma, o sol está com uma cor esquisita! - gritou.

A mãe levantou os olhos da costura, assustada. Foi rapidamente ao quarto, onde podia ver o noroeste, e voltou calmamente.

— Podem arrumar os livros, filhas - disse. - Agasalhem-se e tragam mais lenha para dentro. Se o pai ainda não iniciou a viagem de regresso, ficará na cidade e nós precisaremos de mais lenha em casa.

Do monte da lenha Laura e Maria viram aproximar-se a nuvem escura.

Apressaram-se, correram, mas só tiveram tempo para chegar a casa com os braçados de lenha antes de a tempestade se desencadear, uivante. O tempo parecia zangado por elas terem conseguido levar os dois braçados de lenha. A neve redemoinhava tão abundantemente que nem podia ver o degrau. A mãe disse: — Isso chega, por agora. A tempestade não pode tornar-se muito pior e talvez o pai chegue daqui a alguns minutos.

Maria e Laura tiraram os agasalhos e aqueceram as mãos geladas e hirtas. Depois esperaram pelo pai.

O vento parecia uivar, gritar e escarnecer à volta da casa. A neve batia nas janelas com um ruído sibilante. O comprido ponteiro preto moveu-se lentamente à roda do mostrador, enquanto o pequeno passava para o 1 e depois para o 2.

A mãe encheu três malgas de feijão quente e partiu aos bocados um pão

pequeno, acabado de cozer.

— Vamos, filhas, o melhor é almoçarem - disse. - O pai deve ter ficado na cidade.

Esquecera-se de encher uma malga para ela. Depois esqueceu-se também de comer, até Maria lho lembrar. Mas, mesmo assim, pouco comeu. Disse que não tinha fome.

A tempestade piorara. O vento fazia tremer a casa, o frio avançava pelo chão e entrava pó de neve à volta das janelas e das portas que o pai fizera tão ajustadas.

— O pai ficou com certeza na cidade - disse a mãe. - Deve lá ficar toda a noite e o melhor é eu ir tratar agora dos animais.

Enfiou as velhas botas de estábulo do pai. Os seus pés pequenos ficavam perdidos dentro delas, mas as botas protegiam-nos da neve. Vestiu o impermeável do pai, ajustou-o bem no pescoço e pôs o cinto, depois pôs o capuz e calçou as luvas.

— Posso ir consigo, Ma? - perguntou Laura.

— Não. Ouçam-me bem: tenham cuidado com o fogo. Ninguém, a não ser a Maria, pode tocar no fogão, por muito tempo que eu me demore. Ninguém sai, nem abre sequer a porta, enquanto eu não voltar.

Enfiou o balde do leite no braço e estendeu a mão, através da neve turbilhonante, até agarrar a corda da roupa. Depois saiu e fechou a porta das traseiras.

Laura correu para a janela escurecida, mas não conseguiu ver a mãe. Só viu os turbilhões brancos batendo, sibilantes, nos vidros.

O vento gritava, uivava e escarnecia. Pareciam ouvir-se vozes nele.

A mãe avançaria passo a passo, bem agarrada à corda da roupa. Chegaria ao poste e prosseguiria, cega no meio da neve que redemoinhava e lhe arranhava a cara. Laura tentou pensar devagar, um passo de cada vez… Naquela altura a mãe chocava, com certeza, com a porta do estábulo.

A mãe abria a porta e entrava, de mistura com neve. Virava-se, fechava depressa a porta e enfiava a lingueta na sua cavidade. O estábulo devia estar morno do calor dos animais e fumegante do seu bafo. Havia silêncio, lá dentro; a tempestade rugia cá fora, as paredes de terra eram grossas. Sam e David viravam a cabeça e relinchavam, ao ver a mãe. A vaca soltava um “Mu-uu!” e o vitelo grande faria “Beau!” Os frangos esgaravatavam aqui e ali e uma das galinhas falava sozinha: “Cré-é-cri-ii!”

A mãe limparia as baias com a forquilha. Forquilha cheia, atrás de forquilha cheia, atirariam as camas velhas para o monte do esterco.

Depois tiraria o feno que ainda se encontrasse nas manjedouras e espalhá-

lo-ia, para fazer camas novas.

Do monte de feno tiraria feno novo para as manjedouras, até encher as quatro. Sam, David, Malhada e o vitelo começariam a comer o feno novo e estaladiço. Não deviam ter muita sede, porque o pai dera água a todos antes de ir para a cidade.

Com a velha faca que o pai tinha junto do monte dos nabos, a mãe cortaria nabos e poria alguns nas caixas da ração. Os cavalos, a vaca e o Vitelo mastigá-los-iam ruidosamente. A mãe iria ver o prato da água das galinhas, para se certificar de que não precisavam, e deitar-lhes-ia um pouco de milho e um nabo para debicarem.

Depois teria de mungir a Malhada.

Laura aguardou, até ter a certeza de que a mãe estava a pendurar o banco de ordenhar. Depois de fechar cuidadosamente a porta do estábulo atrás de si, a mãe regressaria a casa, bem agarrada à corda.

Mas não regressou. Laura esperou muito tempo. Resolveu esperar mais ainda, e esperou. O vento sacudia a casa. Neve fina e granulosa como açúcar cobria o parapeito da janela, escorria para o chão e não se derretia.

Laura tremia de frio, embrulhada no xale. Continuou a olhar para os vidros brancos da janela e a ouvir a neve fustigante e o vento uivante e escarnecedor. Pensava nas crianças cujos pais nunca mais chegavam. Tinham queimado a mobília toda e morrido enregeladas.

Depois Laura não pôde ficar mais tempo quieta. O fogo ardia bem, mas só o lado da casa onde se encontrava o fogão estava realmente quente. Laura puxou a cadeira de balanço para perto do forno aberto, sentou-lhe Carrie em cima e endireitou o vestido à irmãzinha. Carrie balançou alegremente a cadeira, enquanto Laura e Maria continuavam à espera.

Por fim, a porta das traseiras abriu-se de repelão. Laura correu para a mãe. Maria tirou-lhe o balde do leite, enquanto Laura lhe desatava e tirava o capuz. A mãe estava tão fria e ofegante que não podia falar. Ajudaram-na a despir o impermeável.

A primeira coisa que ela perguntou foi: — Sobrou algum leite?

Havia algum leite no fundo do balde e mais algum gelado nas paredes interiores.

— O vento é terrível - disse a mãe, aquecendo as mãos. Depois acendeu o candeeiro e pô-lo no parapeito da janela.

— Porque está fazendo isso, Ma? - perguntou-lhe Maria.

E a mãe respondeu: — Não achas que a luz do candeeiro é bonita, a brilhar contra a neve do exterior?

Depois de a mãe descansar, jantaram pão e leite. Em seguida, sentaram-se

muito quietas junto do fogão, à escuta. Só ouviram as vozes que gritavam e uivavam no vento, a casa estalando e o suíche fustigante da neve.

— Isto assim não está bem. Vamos brincar ao puré de feijão quente! Maria, tu jogas com a Laura, e tu, Carrie, levantas as mãos. Jogaremos mais depressa do que a Maria e a Laura, vais ver!

Por isso, jogaram todas ao puré de feijão quente, cada vez mais depressa, até não serem capazes de dizer os versos de tanto rir. Depois Maria e Laura lavaram e limparam a louça do jantar, enquanto a mãe se sentava a tricotar.

Carrie queria mais puré de feijão quente e Maria e Laura jogaram com ela, por turnos. Todas as vezes que paravam, ela gritava: “Mais! Mais!”

As vozes da tempestade gritavam e gargalhavam, e a casa tremia. Laura ia dando palmadinhas nas mãos de Carrie: Uns gostam dele quente, outros gostam frio, Uns gostam dele na panela, com nove dias…

O cano da chaminé fazia muito barulho. Laura olhou para cima e gritou: — Ma, a casa está a arder!

Uma bola de fogo descia pelo cano. Era maior do que a grande bola de lã da mãe. Rolou através do fogão e caiu para o chão, ao mesmo tempo que a mãe se levantava, assustada. A mãe agarrou as saias e pisou-a. Mas a bola de fogo parecia saltar-lhe através dos pés e rebolou para a malha que ela deixara cair.

A mãe tentou sacudi-la para o balde das cinzas. A bola de fogo correu à frente das agulhas de tricotar, mas depois voltou para trás. Outra bola de fogo descera pelo cano e mais outra. Rolaram pelo chão, atrás das agulhas de tricotar, e não queimaram as tábuas.

— Meu Deus! - exclamou a Mãe.

Enquanto viam as bolas de fogo rebolar, repararam de repente que já eram só duas. Depois desapareceram todas. Ninguém viu para onde tinham ido.

— Nunca vi uma coisa tão estranha - disse a mãe, que estava assustada.

O pelo do dorso de Jack estava todo em pé. O cão foi até à porta, levantou o focinho e uivou.

Maria encolheu-se na cadeira e a mãe pôs as mãos nos ouvidos.

— Pelo amor de Deus, Jack, cala-te! - pediu.

Laura correu para Jack, mas ele não queria festas. Voltou para o seu canto e deitou-se com o focinho nas patas, o pelo espetado e os olhos a brilhar na sombra.

A mãe pegou em Carrie e Laura e Maria aninharam-se também na cadeira de balanço. Continuaram a ouvir as vozes da tempestade e a ver os olhos de Jack brilhar, até que a mãe disse: — É melhor irem para a cama, filhas. Quanto mais depressa adormecerem, tanto mais depressa será manhã.

Deu-lhes um beijo de boas-noites e Maria subiu a escada do sótão. Mas

Laura parou a meio do caminho. A mãe estava aquecendo a camisa de dormir de Carrie ao calor do forno. Laura perguntou-lhe, em voz baixa: — O pai ficou na cidade, não ficou?

Sem levantar a cabeça, a mãe respondeu, alegremente: — Com certeza, Laura! A esta hora, ele e o Sr. Fitch estão, sem dúvida, sentados junto do fogão contando histórias e a gracejar.

Laura foi para a cama. Durante a noite, acordou e viu a luz do candeeiro brilhar através do buraco da escada. Saiu devagarinho da cama, apesar do frio, ajoelhou-se no chão e espreitou para baixo.

A mãe estava sentada na cozinha na sua cadeira. Tinha a cabeça pendente e estava muito quieta, mas os seus olhos estavam abertos e fixos nas mãos apertadas no colo. O candeeiro brilhava na janela.

Laura olhou para baixo durante muito tempo. A mãe não se mexeu e o candeeiro continuou a brilhar. A tempestade rugia e parecia perseguir coisas que fugiam aos gritos na enorme escuridão que rodeava a casa assustada. Por fim, Laura voltou silenciosamente para a cama e deitou-se, a tremer.

38

O DIA DOS JOGOS.

Já era tarde quando, na manhã seguinte, a mãe chamou Laura para tomar o desjejum. A tempestade estava mais violenta, mais feroz. Uma espécie de geada felpuda cobria as janelas e dentro daquela boa casa estanque havia neve granulada como açúcar no chão e nas roupas da cama. No sótão estava tanto frio que Laura pegou na roupa e foi a correr vestir-se junto do fogão.

Maria já estava vestida e abotoando o vestido de Carrie. Estavam na mesa papas de milho quentes, leite e pão branco fresco com manteiga. A luz do dia era fraca e branca. A geada formava uma camada grossa em todos os vidros das janelas.

A mãe tremeu, junto do fogão, e disse: — Bem, é preciso dar de comer aos animais.

Calçou as botas do pai, vestiu o seu impermeável e embrulhou-se no grande xale. Disse a Maria e a Laura que desta vez se demoraria mais, pois precisava de dar de beber ao gado e aos cavalos.

Quando ela saiu, Maria ficou quieta, de tão assustada. Mas Laura não pôde estar quieta.

— Vamos - disse à irmã. - Temos que fazer.

Lavaram e limparam a louça, sacudiram a neve das mantas e fizeram a sua cama. Aqueceram-se junto do fogão e depois deram-lhe brilho. Maria endireitou a lenha na arca e Laura varreu o chão.

Entretanto, a mãe ainda não voltara. Por isso, Laura pegou no pano do pó e limpou os parapeitos das janelas, os bancos e todas as curvas da cadeira de balanço da mãe. Subiu para cima de um banco e, com todo o cuidado, limpou a prateleira do relógio e o relógio, o cãozinho malhado de castanho e o seu porta-joias, com o bulezinho e a xicarazinha dourados em cima. Mas não tocou na bonita pastora de porcelana que se encontrava na consola que o pai fizera para a mãe. A mãe não consentia que ninguém tocasse na pastora.

Enquanto Laura limpava o pó, Maria penteou Carrie e pôs a toalha quadriculada vemelha na mesa. Depois foi buscar os livros escolares e a ardósia.

Por fim, o vento uivou no telheiro e a mãe entrou com uma nuvem de neve.

A sua saia e o seu xale estavam tesos e cobertos de gelo. Tivera de tirar água do poço para os cavalos e para a vaca e o vitelo. O vento atirara-lhe a água para cima e o frio gelara-lhe a roupa molhada. Não conseguira chegar ao

estábulo com água suficiente. Mas salvara o leite quase todo, debaixo do xale gelado.

Descansou um bocadinho e depois disse que precisava de trazer lenha para dentro. Maria e Laura pediram-lhe que as deixasse a elas trazê-la, mas a mãe recusou: — Vocês ainda não são suficientemente crescidas e perder-se-iam. Não imaginam o que é esta tempestade. Eu vou buscar a lenha. Vocês abrem-me a porta.

Empilhou lenha na arca até grande altura, e à sua volta, enquanto elas lhe abriam e fechavam a porta. Depois descansou e elas limparam as poças de água da neve que se derretia da lenha.

— São umas boas meninas - disse a mãe, olhando à volta da casa, e elogiou-as por terem feito o trabalho tão bem na sua ausência. - Agora podem estudar as lições.

Laura e Maria sentaram-se para estudar. Laura olhava para a página do livro, mas não conseguia estudar. Ouvia a tempestade rugir e ouvia coisas no ar, a gemer e a gritar. A neve fustigava as janelas. Tentou não pensar no pai. De súbito, as palavras da página formaram uma espécie de mancha e caiu-lhes em cima uma gota de água.

Sentiu-se envergonhada. Seria uma vergonha mesmo que fosse Carrie quem chorasse, e Laura tinha oito anos. Olhou de soslaio para se certificar de que Maria não vira a lágrima cair. Os olhos da irmã estavam fechados com toda a força, o rosto estava todo franzido e a boca tremia-lhe.

— Não me parece que valha a pena estudar, filhas! - disse a mãe. - E se reservássemos o dia de hoje só para brincarmos? Pensem qual há de ser o primeiro jogo. Que dizem aos quatro cantinhos?

— Oh, sim!

Laura foi para um canto, Maria para outro e Carrie para o terceiro. Só havia três cantos, porque o fogão ocupava o quarto. A mãe ficou no meio da casa e disse: — Coitadinho do gatinho, quer um canto!

Então, todas ao mesmo tempo, saíram a correr dos seus cantos e tentaram chegar a outro. Jack estava todo agitado. A mãe conseguiu ficar no canto de Maria, que ficou no meio. Depois Laura caiu por cima de Jack e perdeu o seu canto. Ao princípio, Carrie corria, a rir, para os cantos errados, mas aprendeu depressa.

Correram até ficarem ofegantes de correr, gritar e rir. Precisavam de descansar e a mãe disse: — Tragam-me a ardósia, para lhes contar uma história.

— Porque precisa da ardósia para contar uma história? - perguntou Laura, quando lha pôs no colo.

— Verás - respondeu a mãe, e contou a seguinte história: — Muito longe,

na floresta, havia uma lagoa assim: (aparece um desenho)

“A lagoa estava cheia de peixes, assim: (outro desenho)

“Abaixo da lagoa viviam dois candidatos a lavradores, cada um na sua pequena tenda, porque ainda não tinham construído as suas casas: (outro desenho)

“Iam muitas vezes à lagoa pescar, e fizeram carreiros irregulares, no chão: (outro desenho)

“A uma certa distância da lagoa viviam um velho e uma velha, numa casinha com uma janela: (outro desenho)

“Um dia, a velha foi à lagoa buscar um balde de água: (outro desenho)

“E viu os peixes a voarem todos para fora da água, assim: (outro desenho)

“A velha voltou para trás a correr, o mais depressa que pôde, para dizer ao velho: Os peixes estão voando todos para fora da lagoa! O velho pôs o nariz comprido fora de casa, para poder ver bem: (outro desenho, resultado de todos eles).

“E disse: Ora, não passam de sapinhos!

— É um pássaro! - gritou Carrie, e bateu palmas e riu-se até cair no banquinho.

Laura e Maria também se riram e pediram: — Conte outra, Ma, por favor!

— Bem, se tem de ser… - redarguiu a mãe, e começou: - Esta é a casa que Jack construiu com duas moedas…

Cobriu ambos os lados da ardósia com os desenhos dessa história. Deixou Maria e Laura lerem-na e verem os bonecos o tempo todo que quiseram. Depois perguntou: — Maria, és capaz de contar, essa história?

— Sou! - exclamou Maria.

A mãe apagou tudo quanto estava na pedra e deu-a a Maria.

— Então escreve-a na ardósia. Quanto à Laura e à Carrie, tenho novos brinquedos para vocês.

Deu o seu dedal a Laura e o de Maria a Carrie e mostrou-lhes que, comprimindo os dedais contra a geada das janelas, faziam círculos perfeitos. Podiam, assim, fazer bonecos nas janelas.

Com círculos de dedal, Laura fez uma árvore de Natal. Fez pássaros grandes voando. Fez uma casa de troncos com fumaça saindo da chaminé. E até fez uma mulher gorda e um homem gordo. Carrie limitou-se a fazer círculos. Quando Laura acabou a sua janela e Maria levantou a cabeça da ardósia, a sala estava penumbrenta. A mãe sorriu-lhes.

— Estivemos tão ocupadas que até nos esquecemos do almoço. Agora venham jantar.

— Não tem de tratar primeiro dos animais? - perguntou Laura.

— Esta noite não. Era tão tarde quando os tratei, esta manhã, que lhes dei comida suficiente para durar até amanhã. Entretanto, talvez a tempestade amaine.

Laura sentiu-se de repente muito triste. E Maria também. E Carrie choramingou: — Quero o Pá!

— Cale-se, Carrie - disse a mãe, e Carrie calou-se. - Não nos devemos preocupar com o pai - acrescentou, em tom firme.

Acendeu o candeeiro, mas não o pôs na janela.

— Venham jantar, andem - repetiu. - E depois vamos todas para a cama.

39

O TERCEIRO DIA.

O vento sacudiu a casa durante toda a noite. No dia seguinte, a tempestade estava pior do que nunca. Os ruídos do vento eram mais terríveis e a neve batia nas janelas com uma espécie de matraquear gelado.

A mãe preparou-se para ir ao estábulo.

— Tomem o desjejum e tenham cuidado com o fogo - recomendou, e depois saiu para a tempestade.

Voltou passado muito tempo e começou outro dia.

Foi um dia longo e escuro. Aninharam-se junto do fogão e o frio parecia empurrá-las pelas costas. Carrie estava rabugenta e o sorriso da mãe exprimia cansaço. Laura e Maria estudaram com afinco, mas não aprenderam as lições muito bem. Os ponteiros do relógio andavam tão devagar que pareciam nem sequer andar.

Por fim, a luz cinzenta extinguiu-se e a noite voltou. A luz do candeeiro brilhava nas paredes de tábuas e nas janelas cobertas de geada branca. Se o pai estivesse em casa, tocaria rabeca e elas sentir-se-iam confortáveis e felizes.

— Vamos, vamos, não devemos estar assim. Gostariam de brincar ao berço, com um cordel?

Jack, que não tocara no jantar, suspirou tristemente, no seu canto. Maria e Laura olharam uma para a outra e depois Laura disse: — Não, Ma, obrigada. Queremos ir para a cama.

Chegou as costas bem chegadas para as de Maria, na cama gelada. A tempestade sacudia a casa, que estalava e tremia toda. A neve fustigava o telhado. Laura meteu a cabeça debaixo da roupa, mas os ruídos do temporal eram piores do que lobos. Lágrimas frias correram-lhes pelas faces.

40

O QUARTO DIA.

De manhã, esses ruídos tinham desaparecido do vento, que soprava com uma espécie de grito lamentoso e firme. E a casa não tremia. Mas o grande fogo que crepitava no fogão quase não dava calor nenhum.

—O frio está pior - disse a mãe. - Não se esforcem para fazer o serviço da casa como deve ser. Embrulhem-se nos xales e mantenham a Carrie junto de vocês, perto do fogão.

Pouco depois de a mãe voltar do estábulo, a geada da janela do lado oriental brilhou levemente, amarelada. Laura foi a correr respirar para os vidros e raspar o gelo, até ter um buraquinho para espreitar. O sol brilhava, lá fora!

A mãe espreitou e depois Maria e Laura revezaram-se a espreitar para a neve que o vento soprava em ondas, no chão. O céu parecia de gelo. Até o ar parecia frio acima daquele rápido rio de neve e o sol que entrava pelo buraquinho não era mais quente do que uma sombra.

Laura olhou de lado e vislumbrou qualquer coisa escura. Um grande animal felpudo caminhava, profundamente enterrado, na neve ondulada. Seria um urso, pensou. Contornou o canto da casa e escureceu a janela da frente.

— Ma! - gritou Laura, ao mesmo tempo que a porta se abria e o animal felpudo e coberto de neve entrava.

Os olhos eram os do pai e foi a voz do pai que perguntou: — Portaram-se bem enquanto estive ausente?

A mãe correu para ele. Laura, Maria e Carrie correram também, a chorar e a rir. A mãe ajudou-o a despir o casaco, cuja pele estava cheia de neve, que caiu para o chão. O pai deixou cair também o casaco.

— Charles, estás gelado! - exclamou a mãe.

— Quase. E esfomeado como um lobo. Deixa-me sentar junto do fogo, Carolina, e dá-me de comer.

O pai tinha o rosto magro e os olhos muito grandes. Sentou-se a tremer junto do fogão e disse que estava somente frio, não enregelado. A mãe aqueceu muito depressa sopa de feijão e deu-lha.

— É bom - disse o pai. - Aquece um homem.

A mãe descalçou-lhe as meias e ele chegou os pés para o calor do fogão.

— Charles, tu… tu estiveste… - começou a mãe a perguntar, a sorrir, mas com a boca a tremer.

— Carolina, já te tenho dito que nunca te preocupes por minha causa. Acabarei sempre por chegar a casa, para tomar conta de ti e das pequenas. - Sentou Carrie nos joelhos e envolveu Laura com um braço e Maria com o outro. - Que pensaste tu, Maria?

— Pensei que viria.

— Assim é que é! E tu, Laura?

— Eu não pensei que estivesse com o Sr. Fitch, contando histórias - respondeu Laura. - Eu… eu desejei sempre com muita força…

— Aí tens, Carolina! Como podia um homem deixar de chegar a casa? Dá-me mais um pouco de sopa e conto-lhes tudo.

Esperaram enquanto o pai descansava, comia a sopa e pão e bebia chá quente. O seu cabelo e a sua barba estavam úmidos, da neve que se derretia. A mãe enxugou-os com uma toalha. Ele agarrou-lhe a mão, puxou-a para seu lado e perguntou: — Carolina, sabes o que este tempo significa? Significa que no próximo ano teremos uma seara de trigo fantástica!

— Sério, Charles?

— Não haverá gafanhotos no próximo Verão. Na cidade dizem que os gafanhotos só vêm quando os Verões são quentes e secos e os Invernos pouco frios. Mas agora tem nevado tanto que com certeza teremos boas colheitas para o ano.

— Ainda bem, Charles - respondeu a mãe, serenamente.

— No armazém estavam falando de tudo isto, mas eu sabia que tinha de me pôr a caminho de casa. Precisamente quando vinha saindo, o Fitch mostrou-me o casaco de pele de búfalo. Tinha-o comprado barato a um homem que ia para este no último trem e precisava de dinheiro para o bilhete. Fitch disse-me que mo vendia por dez dólares. Dez dólares é muito dinheiro, mas…

— Ainda bem que compraste o casaco, Charles - interrompeu-o a mãe.

— Como vim a verificar, foi uma sorte tê-lo comprado, embora eu então o não soubesse. Mas à ida para a cidade sentira o vento trespassar-me. Estava um frio que gelaria o nariz de um macaco de latão. E parecia que o meu casaco nem sequer resistia a esse vento. Por isso, quando o Fitch me disse que lho pagasse quando vendesse as peles das armadilhas, na próxima Primavera, vesti o casaco de búfalo por cima do velho.

“Assim que cheguei à pradaria, vi a nuvem no noroeste, mas era tão pequena e estava tão longe que pensei que poderia chegar a casa primeiro do que ela. Dali a bocadinho desatei a correr, mas ainda estava apenas a meio caminho quando a tempestade me alcançou. Não conseguia ver um palmo adiante do nariz.

“Não haveria novidade se estes ventos não soprassem de todas as direções

ao mesmo tempo. Não sei como conseguem, palavra! Quando uma tempestade sopra de noroeste, um homem pode seguir a direito para norte se o vento se mantiver a bater-lhe na face esquerda. Mas numa nevasca destas não é possível tal coisa.

"No entanto, julguei que conseguiria caminhar a direito, em frente, mesmo que não conseguisse ver ou calcular as direções. Por isso, continuei andando - a direito, em frente, pensava. Até que percebi que estava perdido. Percorrera uns bons três quilômetros sem chegar ao ribeiro e não fazia a mínima ideia do lado para onde me devia virar. A única coisa a fazer era continuar a andar. Tinha de andar até a tempestade amainar, pois se parasse gelaria.

"Por isso, resolvi andar enquanto durasse a tempestade. Andei, andei, eu sei lá! Via tanto como se fosse completamente cego e ouvir só ouvia o vento. Continuei a andar naquela mancha branca. Não sei se repararam, mas numa nevasca parece haver vozes a gritar, no ar…

— Sim, Pá, eu ouvi-as! - disse Laura.

— E eu também - corroborou Maria, e a mãe acenou afirmativamente.

— E bolas de fogo - acrescentou Laura.

— Bolas de fogo? - repetiu o pai.

— Isso pode esperar, Laura - disse a mãe. - Continua, Charles. Que fizeste?

— Continuei a andar. Andei até a mancha branca se tornar cinzenta e depois preta, o que me disse que era noite. Calculei que tinha andado quatro horas, e estas nevascas duram três dias e três noites. Mas continuei a andar.

O pai calou-se e a mãe aproveitou a pausa para dizer: — Tive o candeeiro aceso na janela, para te orientares.

— Não o vi. Bem me esforcei para ver alguma coisa, mas só via escuridão. Nisto, de repente, o chão cedeu debaixo de mim e fui por ali abaixo. Devo ter caído da altura de três metros, mas pareceu-me mais.

"Não fazia a mínima ideia do que acontecera nem de onde estava. Mas estava a coberto do vento. A nevasca berrava e gritava por cima de mim, mas onde me encontrava o ar estava relativamente parado. Tateei à minha volta. Havia neve acumulada até onde conseguia chegar em três lados; o quarto lado era uma espécie de parede de terra nua; que obliquava para trás, no fundo.

"Não precisei de muito tempo para calcular que caíra do aterro de alguma vala, algures na pradaria. Rastejei para debaixo do aterro e fiquei com terra sólida atrás e por cima de mim, aconchegado como um urso na sua caverna. Achei que não gelaria, ali, protegido do vento e com o casaco de búfalo a conservar-me o corpo quente. Por isso, enrosquei-me e, como estava muito cansado, adormeci.

"Meu Deus, Carolina, como me senti contente por ter aquele casaco, um

bom boné quente com orelheiras e aquele segundo par de meias!

“Quando acordei, ouvi a nevasca, mas vagamente. Havia neve sólida defronte de mim, revestida de gelo onde a minha respiração a derretera. A nevasca enchera o buraco que eu fizera ao cair. Devia haver pelo menos um metro e oitenta centímetros de neve por cima de mim, mas o ar era respirável. Mexi os braços e as pernas, os dedos das mãos e os dos pés, e apalpei o nariz e as orelhas, para ter a certeza de que não estava gelando. Como ainda ouvia a tempestade, voltei a adormecer.

— Quanto tempo durou, Carolina?

— Três dias e três noites - respondeu a mãe. - Este é o quarto dia.

Então o pai perguntou a Maria e Laura;

— Sabem que dia é hoje?

— É domingo? - perguntou Maria, ao acaso.

— É véspera de Natal - disse a mãe.

Laura e Maria tinham-se esquecido por completo do Natal.

— Dormiu esse tempo todo, Pá? - perguntou Laura.

— Não. Dormia e acordava com fome, voltava a dormir mais um bocadinho e a acordar verdadeiramente esfomeado. Trazia para casa uns biscoitos de ostras, para o Natal. Estavam numa algibeira do casaco de búfalo.

Tirei um punhado de biscoitos do cartucho e comi-os. Tateei na neve, enchi a mão e comi neve para matar a sede. Depois só me restava ficar ali à espera que a tempestade passasse.

“Garanto-te, Carolina, que me custou muito ficar parado, pensando em ti e nas pequenas e sabendo que sairias com a tempestade, para tratar dos animais. Mas eu sabia também que não poderia chegar a casa enquanto a nevasca não parasse.

“Por isso, esperei muito tempo, até ter outra vez tanta fome que comi o resto dos biscoitos de ostra. Não eram maiores do que a ponta do meu polegar, um deles deixava a boca praticamente vazia, e os duzentos e cinquenta gramas não me encheram muito…

“Depois voltei a esperar e a dormir um bocadinho. Creio que era outra vez noite. Sempre que acordava, escutava com atenção e ouvia o som vago da nevasca. Conseguia perceber, por esse som, que a neve estava a aumentar por cima de mim, mas o ar continuava a ser respirável na minha caverna. O calor do meu sangue impedia-me de gelar.

“Tentei dormir o mais possível, mas a fome era tanta que acordava constantemente. Por fim, estava tão esfomeado que não conseguia dormir. Filhas, estava firmemente decidido a não o fazer, mas, passado algum tempo, fi-lo. Tirei o cartucho da algibeira interior do sobretudo velho e comi os pirulitos

do Natal todos. Lamento muito.

Laura abraçou-o de um lado e Maria do outro. Abraçaram-no com força e Laura disse: — Oh, Pá, ainda bem que os comeu! Fico tão contente!

— Também eu, Pá! Também eu! - exclamou Maria, e era verdade.

— Bem, teremos uma grande seara de trigo para o ano e vocês não terão de esperar até ao próximo Natal para comerem pirulitos.

— Era bom, Pá? - perguntou Laura. - Sentiu-se melhor depois de o comer?

— Era muito bom e eu senti-me muito melhor - respondeu o pai. - Adormeci logo e devo ter dormido a maior parte do dia de ontem e a última noite. De repente, sentei-me, completamente acordado. Não ouvia nenhum som.

“Estaria tão profundamente enterrado na neve que não ouvia a nevasca ou esta parara? Escutei melhor. O silêncio era tão grande que se ouvia.

“Olhem, comecei a escavar a neve como um texugo. Não demorei muito a sair daquela caverna. Num instante furei pelo topo da neve… e onde julgam que estava?

“Estava no aterro do Plum Creek, mesmo por cima do lugar onde pusemos a armadilha para peixe, Laura!

— Mas eu vejo esse lugar da janela! - exclamou Laura.

— Pois vês. E eu vi esta casa.

Pensar que durante todo aquele tempo longo e terrível ele estivera tão perto! O candeeiro na janela não conseguira trespassar a nevasca, pois de contrário ele teria visto a sua luz.

— Tinha as pernas tão emperradas e dormentes que mal me aguentava nelas - continuou o pai. - Mas vi esta casa e pus-me a caminho dela o mais depressa que pude. E aqui estou! - concluiu, e abraçou Laura e Maria.

Depois foi ao grande casaco de búfalo e tirou de uma das algibeiras uma lata quadrada, achatada e brilhante.

— Que lhes parece que trouxe para o almoço de Natal? Não conseguiram adivinhar.

— Ostras! - disse o pai. - Boas ostras frescas! Estavam congeladas quando as comprei, e continuam congeladas. É melhor pô-las no alpendre, Carolina, para continuarem assim até amanhã.

Laura tocou na lata. Estava fria como gelo.

— Comi os biscoitos de ostra e comi os pirulitos de Natal, mas, com a breca, trouxe as ostras para casa!

41

VÉSPERA DE NATAL.

Nessa noite, o pai foi tratar dos animais cedo. Jack foi com ele e manteve-se rente aos seus calcanhares. O buldogue não estava disposto a perdê-lo outra vez de vista.

Regressaram friorentos e cheios de neve. O pai bateu os pés, para a sacudir, e pendurou o sobretudo velho e o boné no prego junto do alpendre.

— O vento está de novo a aumentar. Teremos outra nevasca antes de amanhecer.

— Desde que estejas em casa, Charles, não me importo que haja temporal - disse a mãe.

Jack deitou-se, contente, e o pai sentou-se aquecendo as mãos, junto do fogão.

— Laura, se me trouxeres a rabeca, toco-te uma música. Laura foi logo buscar a caixa da rabeca. O pai afinou a rabeca e passou resina no arco, e depois, enquanto a mãe fazia o jantar, encheu a casa de música.

Oh, Charley é um belo jovem,
Oh, Charley é um janota!
Charley gosta de beijar as moças
E sabe fazê-lo muito bem!
Não quero o teu trigo gorgulhento,
Não quero também a tua cevada,
Quero farinha fina em meia hora
Para fazer um bolo para Charley!

A voz do pai foliava com a cantiga foliona, e Carrie ria-se e batia palmas enquanto os pés de Laura dançavam.

Depois a rabeca mudou de música e o pai começou a cantar acerca do lindo vale das Açucenas:

Estava uma noite calma, serena,
E a pálida luz do luar
Brilhava, suave, no monte e no vale…

O pai olhou para a mãe, que estava atarefada junto do fogão, enquanto Laura e Maria ouviam, sentadas, e a rabeca voltou de novo a foliar, juntamente com a sua voz:

Maria põe a mesa,
Põe a mesa, põe a mesa,

Maria põe a mesa
Para tomarmos todos chá.

— E que faço eu, Pá? - perguntou Laura, enquanto Maria se apressava a tirar os pratos e as canecas do armário. A rabeca do pai continuava a tocar, a descer todas as escalas que subira.

Laura levanta a mesa,
Levanta a mesa, levanta a mesa,
Laura levanta a mesa
Quando nos formos todos embora.

Assim Laura ficou sabendo que Maria poria a mesa para o jantar e ela depois a levantaria.

O vento soprava com mais força e violência. A neve turbilhonava, num suíche-suíche!, contra as janelas. Mas a rabeca do pai cantava na casa quente e iluminada. Os pratos entrechocavam-se devagarinho, enquanto Maria punha a mesa. Carrie balançava-se na cadeira de balanço e a mãe lidava, silenciosa, entre a mesa e o fogão. Pôs no meio da mesa uma caçarola cheia de bonitos feijões estufados, bem castanhos, e tirou do forno a forma quadrada cheia de dourado pão de milho. Os dois cheiros agradáveis, o do feijão e o do pão, subiram no ar e misturaram-se deliciosamente.

A rabeca do pai ria e cantava:

Sou o capitão Jinks da Cavalaria Marítima,
Dou ao meu cavalo milho e feijão,
Embora isso seja superior aos meus meios,
Pois sou o capitão Jinks da Cavalaria Marítima,
Do exército sou capitão.

Laura fez uma festa na testa peluda de Jack e coçou-lhe as orelhas, e depois, com as duas mãos, apertou-lhe ternamente a cabeça, feliz. Era tudo tão bom! Os gafanhotos tinham-se ido embora e para o ano o pai colheria trigo. No dia seguinte era Natal e haveria guisado de ostras para o almoço. Não haveria presentes nem pirulitos, mas Laura não se lembrava de nada que desejasse e sentia-se muito contente por os pirulitos terem ajudado o pai a voltar são e salvo para casa.

— O jantar está pronto - disse a mãe, na sua voz branda.

O pai colocou a rabeca na caixa, levantou-se e olhou em redor, para todas. Os seus olhos azuis cintilavam.

— Carolina, olha como os olhos de Laura brilham – disse.

FIM

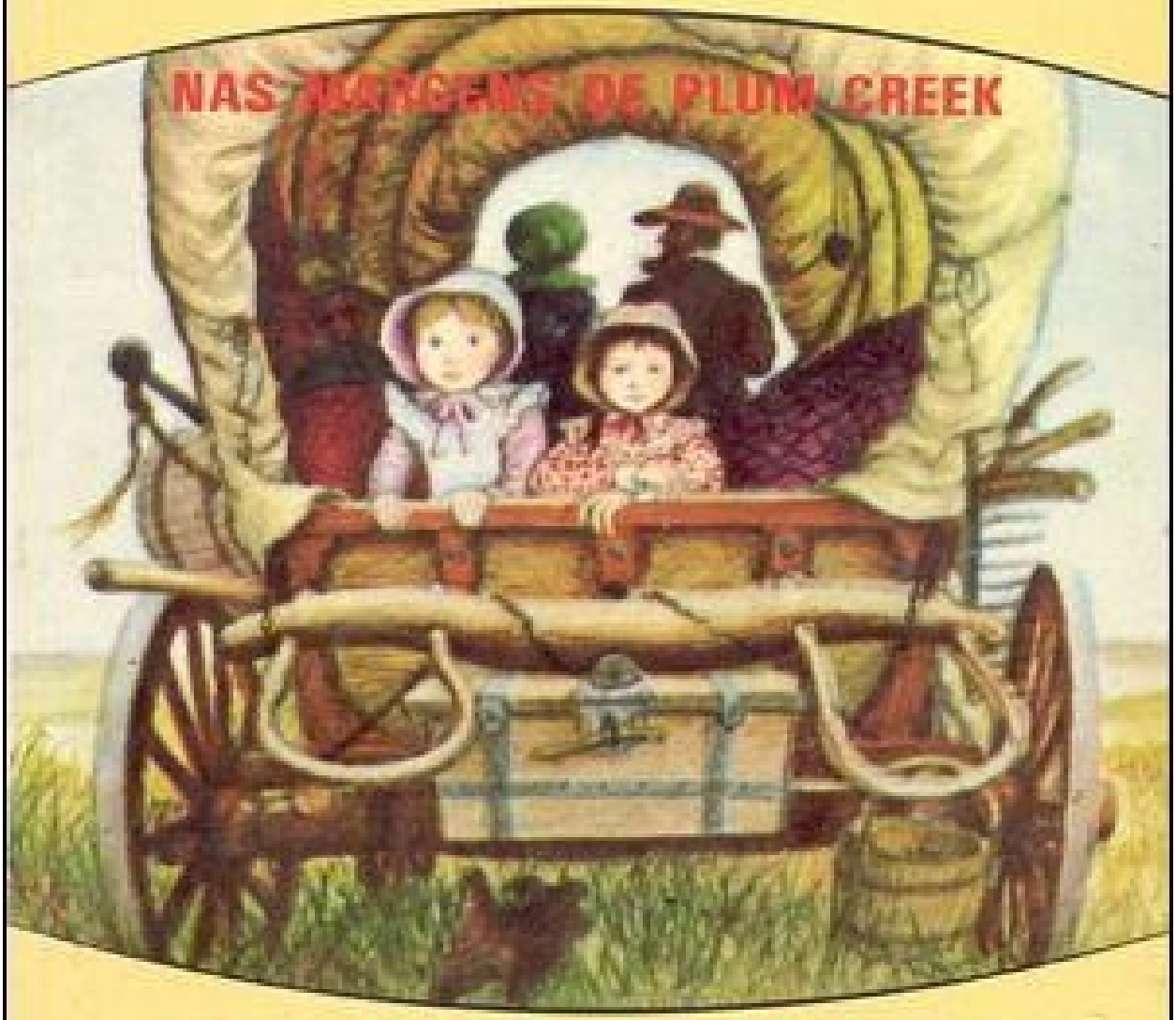
UMA CASA NA PRADARIA

4



Laura Ingalls Wilder

NAS MARGENS DE PLUM CREEK



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA